

Intimidade com

Deus

4º SEE – Seminário de Enriquecimento Espiritual



Permaneça em Mim

Hoje

4ª JORNADA ESPIRITUAL DE 40 DIAS

Intimidade com *Deus*

4ª SEE – Jornada do Seminário de
Enriquecimento Espiritual

Permaneça em Mim

Hoje

QUARTA JORNADA ESPIRITUAL DE 40 DIAS

Coordenação geral: Erton Köhler, Magdiel Perez e Marlon Lopes
Projeto editorial: Miguel Pinheiro Costa
Coordenação: Miguel Pinheiro Costa
Edição: Ozeas Caldas Moura

Elaboração: Miguel Pinheiro Costa – Ministérios de Mordomia Cristã e Saúde – Divisão Sul-Americana

Colaboradores (com artigos e pesquisas):

Luís Nunes, Areli Barbosa, Matheus Tavares, Marcos Blanco, Carlos Oliveira, Fernando Lopes, Iván Rosales, Michelson Borges.

Projeto Gráfico: Ramildo Bezerra

Programação Visual: Cleber Rogerio Marchini

Capa: Ramildo Bezerra

Adaptação da Capa: Cleber Rogerio Marchini

©Direitos reservados ao Ministério de Mordomia Cristã e Saúde da
Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Proibida a reprodução total ou parcial

Tiragem: 20.000

Impressão: Casa Publicadora Brasileira

12245/23407

JORNADA IV – Permanecei em Mim hoje

Parte I – Fundamentos do estilo de vida adventista

1º dia: A primazia de Cristo	7
2º dia: 24 horas na presença de Cristo	10
3º dia: Salvação pela graça	13
4º dia: Salvo pela graça a cada dia	15
5º dia: Origem histórica e profética da Igreja Adventista	17
6º dia: Teologia da missão	20
7º dia: Permanência versus TV e Internet I	22
8º dia: Permanência versus TV e Internet II	24

Parte II – Crenças fundamentais integradas ao estilo de vida

9º dia: As Escrituras Sagradas	28
10º dia: A Trindade	31
11º dia: Deus, o Pai	34
12º dia: Deus, o Filho.....	37
13º dia: Deus, o Espírito Santo	40
14º dia: A criação	42
15º dia: A natureza do homem	44
16º dia: O Grande Conflito	46
17º dia: Vida, morte e ressurreição de Cristo	48
18º dia: A experiência da salvação	50
19º dia: Crescimento em Cristo	52
20º dia: A igreja	54
21º dia: O remanescente e sua missão	56
22º dia: A unidade no corpo de Cristo	58
23º dia: O batismo	61
24º dia: A Ceia do Senhor	63
25º dia: Dons e ministérios espirituais	65
26º dia: O dom de profecia	68
27º dia: Os dez mandamentos.....	71
28º dia: O sábado	73
29º dia: Mordomia cristã	74
30º dia: Conduta cristã	76
31º dia: Casamento e família	78
32º dia: O ministério de Cristo no santuário celestial	80
33º dia: A certeza da segunda vinda de Cristo	82
34º dia: Morte e ressurreição	84
35º dia: O milênio e o fim do pecado	88
36º dia: A nova Terra	90

Parte III – Da convicção à decisão no estilo de vida

37º dia: A verdadeira religião se reflete exteriormente	94
38º dia: Da convicção à decisão	96
39º dia: Como viver agora no antitípico Dia da Expição	98
40º dia: Aguardando para breve a segunda vinda de Cristo	100

Apresentação

Ao longo destes últimos anos, temos experimentado diferentes ênfases do SEE, mas todas com o mesmo objetivo: aprofundar nossa intimidade diária com Deus. A nossa ideia é ir num crescendo, de forma que a cada jornada descubramos novas verdades como parte do processo da busca pela plenitude do conhecimento de Cristo.

Conforme já viram no seminário, nosso objetivo nesta etapa é desenvolver e consolidar o hábito de permanecer na presença de Cristo desde a primeira até a última hora do dia. Isso é o algo a mais desta: permanecer na presença dEle com o mesmo sentimento de adoração e submissão com que começamos o dia. E para alcançar esse objetivo, a jornada foi elaborada baseada em três aspectos básicos de nossa fé. Sem pressa e com oração, estudo, meditação e louvor continuemos a receber o batismo diário do Espírito Santo e experimentando novas verdades da Palavra de Deus.

I. FUNDAMENTOS DO ESTILO DE VIDA ADVENTISTA

Nessa parte, iremos estudar oito temas, onde mostraremos os fundamentos de sustentação do nosso modo de ser. Começaremos por mostrar Cristo como a pedra angular dessa base e a necessidade de permanecer as 24 horas do dia na presença dEle. Veremos também o papel da graça, nossa origem profética e nossa missão. Notaremos o cuidado que devemos ter em relação aos prazeres e entretenimentos deste mundo, a fim de que eles não nos desviem de nosso supremo objetivo diário: desenvolver e consolidar o hábito de permanecer na presença de Cristo desde a primeira até a última hora de cada dia.

II. CRENÇAS FUNDAMENTAIS INTEGRADAS AO ESTILO DE VIDA

Aqui vamos estudar as 28 crenças fundamentais de nossa igreja. Percebemos que, ao longo dos anos, temos dado muita ênfase no aspecto cognitivo (cognição, conhecimento). Isso é importante, mas não suficiente. É necessária também uma abordagem integrativa, ou seja, como o conhecimento das crenças e doutrinas pode melhorar a minha vida e a daqueles com quem convivo e me relaciono cada dia. Se o conhecimento doutrinário não contribuir para uma mudança diária, tal conhecimento está sob suspeita, e deve ser avaliado para se verificar onde está o problema.

III. DA CONVICÇÃO À DECISÃO NO ESTILO DE VIDA

Nos quatro últimos temas abordaremos a verdade não como um conceito externo, separado de mim. A verdade deve ser inerente à minha vida, deve estar em meu íntimo, deve ser parte de minha vida interior e exterior.

Ao viver com a verdade e pela verdade, seremos desafiados a pautar as decisões e convicções com base nesse princípio. Nada menos do que a verdade deve nos dirigir nesses momentos solenes do dia antitípico da Expição, quando aguardamos para breve a segunda vinda de Cristo.

Fazemos votos no sentido de que todos sejam ricamente abençoados com essas mensagens e por meio delas passemos a reconhecer mais e mais o quanto somos amados e queridos por Deus.

Esperamos também que esta jornada prepare seu coração para o SEE V, que dentro de mais dois anos estaremos desfrutando. Estaremos abordando a família como uma instituição responsável por gerar membros espirituais. Cada família deve ser uma igreja. O título será: Sacerdotes Ministrando no Altar da Família. Iremos trabalhar o papel dos pais como sacerdotes dessa igreja. Aguardem. Vai ser uma grande bênção. Uma competente e dedicada comissão já está trabalhando em sua elaboração.

Com carinho,

Equipe de Mordomia Cristã e Saúde da Divisão Sul-Americana

Fundamentos do estilo de vida adventista



William de Moraes

Parte

I

Parte I – Fundamentos do estilo de vida adventista

1º dia: A primazia de Cristo

2º dia: 24 horas na presença de Cristo

3º dia: Salvação pela graça

4º dia: Salvo pela graça a cada dia

5º dia: Origem histórica e profética da Igreja Adventista

6º dia: A teologia da missão

7º dia: Permanência versus TV e Internet I

8º dia: Permanência versus TV e Internet II

AUTORES

CAPÍTULOS

LUÍS NUNES.....	1
FERNANDO LOPES	2
CARLOS OLIVEIRA	3
MIGUEL PINHEIRO COSTA.....	4
UESLEY PEYERL	5
LUÍS NUNES.....	6
IVÁN ROSALES	7
IVÁN ROSALES E MIGUEL P. COSTA	8

A primazia de Cristo



Thiago Lobo

Ao longo destes últimos anos, temos participado dessa emocionante aventura chamada SEE (Seminário de Enriquecimento Espiritual), e que diferença isso tem feito em nossa vida! No SEE I, jornadeamos pela Comunhão e a Santidade, onde estabelecemos definitivamente o hábito de buscar a Deus na primeira hora de cada manhã. No SEE II, experimentamos a Saúde e a Adoração, uma aventura que nos proporcionou profundas mudanças nos hábitos e costumes. O SEE III, por meio do Batismo Diário do Espírito Santo, nos conduziu à bênção total diária através do batismo diário do Espírito.

O SEE IV, que agora está em suas mãos, traz a jornada *Permaneço em Mim Hoje*, tendo como objetivo o desenvolvimento e consolidação do hábito de permanecer na presença de Cristo desde a primeira hora do dia até a última. Buscamos conduzir cada participante a uma conexão ininterrupta com Cristo ao longo do dia. Nossas atividades não podem nos tirar da presença dAquele que tudo vê.

Como já aprendemos no SEE III, um tempo propício para sermos batizados pelo Espírito Santo é nas primeiras horas da manhã, quando estamos orando, louvando, estudando e meditando. Então, vamos orar e louvar (cantar hinos sobre Jesus) e depois estudar e meditar no primeiro dia da jornada.

Bem, vamos iniciar por onde tudo deve começar: Cristo Jesus, nosso Senhor e Salvador. Ele é o primeiro com respeito às coisas naturais e sobrenaturais, incluindo a questão da salvação. Ele deve ser o primeiro e o bem maior de nossa existência hoje.

Vamos ler e meditar em Colossenses 1:13-23:

- v. 13: “Ele nos libertou do império das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do Seu amor;
- v. 14: no qual temos a redenção, a remissão dos pecados.
- v. 15: Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;

- v. 16: Pois, nEle, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dEle e para Ele.
- v. 17: Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste.
- v. 18: Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia,
- v. 19: porque aprouve a Deus que, nEle, residisse toda a plenitude
- v. 20: e que, havendo feito a paz pelo sangue da Sua cruz, por meio dEle, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a Terra, quer nos Céus.
- v. 21: E a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas,
- v. 22: agora, porém, vos reconciliou no corpo da Sua carne, mediante a Sua morte, para apresentar-vos perante Ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis,
- v. 23: se é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro.”

Cristo é o primeiro na ordem natural das coisas, porque nEle todas as coisas do mundo natural tiveram sua origem. Por isso Ele é chamado de primogênito da criação. Tanto as coisas que estão sobre a Terra como as que estão nos Céus foram criadas por Ele. Todas as coisas, quer visíveis ou invisíveis, tudo teve sua origem em Jesus Cristo. Todos os níveis de autoridade nos Céus e sobre a Terra vieram à existência através dEle, sejam tronos, soberanias, principados ou potestades. Ele é a fonte originadora de tudo e de todos, em todo lugar.

Mas não é apenas isso. Ele não é só a origem, mas também Ele é a finalidade do Universo. Todo este gigantesco e descomunal espaço, que se mede pelos mais modernos meios de observação, em 20 bilhões de anos luz ou muito mais, só encontra o objetivo de sua existência em Cristo Jesus. Nossa existência como indivíduos, nossos sistemas de valores só têm razão de ser e só encontram sua verdadeira finalidade se

Jesus Cristo é o objetivo de todas estas coisas. Nós e tudo que está ao nosso redor somos apenas vazio, um nada, se Jesus Cristo não for nossa Origem e Finalidade. Sem Cristo nada tem sentido ou valor. Uma vez que Ele é antes de todas as coisas, é dEle a primazia. Ele é o principal no Universo inteiro e deve ser também o primeiro em nossa vida.

Por outro lado, Ele é o Sustentador de todo o Universo. A energia que move as galáxias com seus bilhões de corpos celestes provém dEle. Ele não só criou o Universo, mas o mantém, ofertando Sua energia para que continuem em sua marcha e permaneçam brilhando, iluminando e colorindo o espaço sideral infinito. Isso não é menos verdade em relação aos seres humanos, dependentes criaturas de Deus. Necessitamos dEle para viver: “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por Ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei e me verei perante a face de Deus?” (Sl 42:1, 2). Cristo tem que ser o primeiro, o principal, pois Ele é a origem, o meio, a finalidade e sustento do Universo e de seus habitantes.

Cristo é o primeiro na ordem sobrenatural das coisas. A igreja pertence a uma ordem superior. A igreja, embora terrena e humana, pertence à ordem sobrenatural das coisas. Ela foi fundada por Cristo, e nEle seus membros são libertos do império das trevas e transportados para o reino da luz, o império do Filho do Seu amor, Cristo Jesus. Assim, os membros da igreja têm a redenção, a remissão dos pecados. E estas verdades não pertencem ao mundo natural, mas antes ao mundo sobrenatural. Ele, Jesus, mantém um relacionamento com Seu corpo, a igreja. Ele é a cabeça desse Seu corpo. É Ele quem a comanda, quem a administra, conduz, resolve seus problemas, no ritmo e na maneira que Ele sabe serem os melhores. Os problemas que ela enfrenta, as dificuldades inúmeras em que vive estão sob os Seus cuidados de líder. São também problemas e dificuldades dEle.

Cristo é o princípio porque Ele é o “Pai da Eternidade” (Is 9:6), o Ser eterno. Os membros da igreja, enquanto neste mundo, estão limitados pelo tempo. Mas nEle já podem ter um antegozo da eternidade. A força inexorável do tempo que a tudo consome e destrói confronta-se com Ele, o princípio, que a tudo restaura.

Cristo é primogênito dentre os mortos. Ele disse: “... dou a Minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de Mim; pelo contrário, Eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la” (Jo 10:16, 17). Ele tem domínio sobre a morte, porque a venceu na ressurreição de outros e na Sua própria. Ele disse: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em Mim, ainda que morra, viverá” (Jo 11:25).

Em Cristo habita toda a plenitude. Ele é o conteúdo que preenche todos os nossos vazios. Os membros da igreja precisam estar plenos dEle, transbordantes. Por isso, o apóstolo Paulo diz mais adiante nesta sua epístola: “Porquanto, nEle, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade” (Cl 2:9). Cristo é pleno na posse de todos os atributos de Deus. Em Filipenses, Paulo diz que Jesus “não julgou como usurpação o ser igual a Deus” (Fl 2:6), simplesmente porque Ele o é. Ora, Cristo é o primeiro na ordem natural e sobrenatural de todas as coisas. Logo, Ele é o primaz.

Cristo é o primeiro na ordem da salvação. Por causa de nossas obras malignas, vivíamos na escravidão do império das trevas. Éramos estranhos a todas as promessas da aliança, inimigos de Deus a partir de nosso mundo interior, o nosso entendimento. Pecado, nesse caso, é mais, muito mais do que apenas um ato. O pecado está presente em nossos sentimentos negativos, em nossos desejos pecaminosos de todo tipo. Manifesta-se em nossa vontade corrompida, em nossos pensamentos, em nosso estado de indiferença para conhecer melhor a vontade de Deus como revelada na Escritura, em nossa fraqueza espiritual, por vivermos muito aquém dos privilégios espirituais que Deus quer conceder-nos e não pode, porque nós O impedimos de fazê-lo. Pecado é, ainda, aquele ato não cometido, simplesmente porque não houve circunstância favorável. Pecado é fazer coisas ou esperar que os outros façam aquilo que Deus nunca pediu – isso é o que caracteriza o fanático. Pecado é também proibir aquilo que Deus nunca proibiu. São pessoas que querem ser até mais santas do que Deus.

A verdade é que somos inimigos de Deus a partir do nosso nascimento, pois nascemos com a natureza má, rebelde contra Deus. A solução para nosso problema espiritual não é, simplesmente, consertar nosso comportamento. É muito mais do que isso. É ter nossa natureza má submetida à vontade de Deus. E isso

é impossível de acontecer apenas por rígida disciplina e severa vigilância pessoal.

No sacrifício da cruz, no Seu sangue, Jesus estabeleceu a paz entre Deus e os seres humanos. Através de Cristo fomos reconciliados com Deus. Éramos estrangeiros e inimigos no entendimento. Agora fomos aproximados pela reconciliação que Ele realizou no Calvário. Cristo reconciliou “consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a Terra, quer nos Céus” (Cl 1:20). A reconciliação envolve muito mais que os seres humanos. Ela envolve os próprios habitantes do Céu, que no conflito do bem com o mal precisavam contemplar no sacrifício de Cristo a final e completa solução para o problema do mal. Nesse processo, o caráter de Deus foi vindicado, Satanás definitivamente desmascarado, expulso como representante do planeta Terra, enquanto o homem foi salvo. Agora o ser humano pode, pela justiça de Cristo, ser apresentado como santo e irrepreensível diante do trono de Deus.

Conclusão

Fica assim estabelecido que Cristo é o centro, a origem, a finalidade e a manutenção de toda a igreja, de seu sistema doutrinário e da vida de cada cristão individualmente. Cristo tem a primazia em todas as coisas. Ele é o primaz.

Guarde em seu coração:

“Como a vida física se mantém pela comida, assim é a espiritual mantida pela Palavra de Deus. E toda alma deve receber, por si própria, vida da Palavra de Deus. Como temos de comer por nós mesmos a fim de receber nutrição, assim devemos receber a palavra por nós mesmos” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 390).



PhotoDisc

24 Horas na presença de Cristo

No banquete espiritual da primeira hora da manhã de ontem, nosso coração se alimentou com a sublimidade e supremacia de Cristo. Colocamos em nosso coração que Ele é o primeiro na ordem natural e sobrenatural das coisas; é o primeiro na ordem da salvação. Que Ele seja o primeiro e o bem maior de nossa existência.

Hoje, vamos servir uma refeição que tem que ver com a importância da presença de Jesus conosco a cada momento do dia, desde a primeira até a última hora do dia. A mesa já está posta; iremos servir os seguintes pratos espirituais: Cristo como o Deus Eterno, o Verbo Encarnado, Deus Onipresente, que deseja habitar conosco.

Como já aprendemos no SEE III, uma boa hora para sermos batizados pelo Espírito Santo é nas primeiras horas da manhã, quando estamos orando, louvando, estudando e meditando. Então, vamos orar e louvar (cantar hinos sobre a presença de Jesus – do *Hinário Adventista*, CD JA ou você mesmo pode compor ou colocar música em versos que falem da presença de Jesus). Depois, vamos estudar e meditar, neste segundo dia da jornada.

Vamos agora ouvir nosso Salvador por meio de Sua Palavra. Escutemos:

“E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos” (Mt 28:20).

“Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar; mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos” (Is 57:15).

“Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18:20).

Como aprendemos no SEE I, Cristo nos fala por Sua Palavra e nós reagimos em oração ao que Ele nos diz. Então falemos com Ele em oração. Digamos como nos sentimos ao escutar Suas palavras e qual é o Seu desejo para nós nesse dia. Oremos sem pressa. Abraçamos nosso coração a Ele como nosso melhor amigo. Ele está aí do seu lado.

Para se ter uma compreensão adequada da

presença de Cristo é preciso compreender Sua natureza eterna, a plenitude de Sua Divindade. As informações que temos nas Escrituras são suficientes para não mergulharmos em conceitos equivocados sobre a presença de Cristo. Bem, vamos então a elas.

Cristo, o Deus eterno

Cristo é um com o Pai; sempre existiu, “desde os dias da eternidade” (Mq 5:2). Na realidade, Ele é chamado de “Pai da Eternidade” (Is 9:6). Antes que as coisas viessem à existência, Ele já existia. Os atributos da divindade encontram-se totalmente em Cristo. Ele não é um semideus ou um ser superdotado de espiritualidade, que foi adotado pela Divindade.

Em harmonia plena com os outros dois membros da Divindade, Cristo tem atuado no processo criativo do Universo e em sua manutenção. Nunca houve um tempo em que Ele não tenha atuado, juntamente com o Pai e com o Espírito Santo, em favor dos seres criados. Algumas pessoas pensam que no Antigo Testamento se vivia a era do Pai; que quando Cristo veio à Terra ocorreu a era do Filho, e que agora estamos na era do Espírito Santo. Embora se possa destacar a atuação mais acentuada de cada uma das pessoas da Divindade nesses três períodos da história da humanidade, Elas sempre estiveram e atuaram juntas. Cristo esteve presente na criação do ser humano: “Façamos o homem à nossa imagem” (Gn 1:26) e acompanhou Seu povo ao longo da história. Sua presença estava simbolizada na coluna de nuvem e de fogo, enquanto os israelitas peregrinavam pelo deserto. Como “Príncipe do exército do Senhor” (Js 5:14, 15) ou o “Anjo do Senhor” (Gn 16:7-13; 18:1, 2, 13, 14, 17-33; 21:17, 18; 22:11-18; 32:24-30; Ex 3:1-17; Jz 2:1-4; 6:11-24; 13:2-24).

Cristo revelou-Se várias vezes antes de Sua encarnação. Estes eventos são denominados Cristofania (um conceito da teologia cristã utilizado para designar as aparições de Cristo preencarnado, ocorridas no Antigo Testamento) ou Teofania (o termo vem da língua grega, composto por dois vocábulos, *Theós*, “Deus” e *phaneroô*, “aparecer”, descreve alguma manifestação visível de Deus).

Em sua essência, Teofania é um termo teológico que serve para indicar qualquer manifestação

temporária e normalmente visível de Deus. A Bíblia nos informa que o Anjo do Senhor realizou várias tarefas semelhantes às dos anjos, em geral. Às vezes, Suas aparições eram simplesmente para trazer mensagens do Senhor Deus, como, por exemplo, em Gênesis 22:15-18; 31:11-13.

Algumas evidências de que o Anjo do Senhor era Cristo:

1) Josué 5:14 – Josué “se prostrou com o rosto em terra, e O adorou, e disse-Lhe: Que diz meu Senhor ao Seu servo?” Se o Anjo do Senhor não fosse o próprio Senhor teria proibido a Josué de adorá-Lo, como ocorreu em Apocalipse 19:10 e 22:8, 9.

2) Juízes 13:18 – Quando Manoá perguntou ao Anjo do Senhor o Seu Nome, Ele respondeu com uma pergunta: “Por que perguntas assim pelo Meu nome, que é maravilhoso?” Comparando com Isaías 9:6, Maravilhoso é o próprio Senhor.

Cristo, o Verbo encarnado

Embora Cristo tenha Se revelado algumas vezes de maneira visível aos Seus filhos no Antigo Testamento, Sua presença era constante no cuidado expresso de maneira coletiva à nação de Israel ou a pessoas individualmente.

Ele “é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nEle, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a Terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dEle e para Ele. Ele é antes de todas as coisas. NEle, tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia, porque aprovou a Deus que, nEle, residisse toda a plenitude” (Cl 1:15-19). “Porquanto, nEle, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade” (Cl 2:9).

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. [...] E o Verbo Se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a Sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1:1, 14). Ao assumir a natureza humana e habitar entre nós, Cristo não deixou de ser Deus. Ele era totalmente

divino e totalmente humano. Este mistério da piedade é que possibilitou a concretização do plano da redenção. A encarnação foi a revelação máxima da presença de Deus entre nós. “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e Ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco)” (Mt 1:23).

“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus O exaltou sobremaneira e Lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na Terra e debaixo da Terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai” (Fl 2:5-11).

Mesmo tendo deixado de viver fisicamente entre os homens, Cristo continua presente com Seus filhos. Não só através da atuação do Espírito Santo ou da mediação no santuário celestial. Mas está conosco por ser totalmente Deus, pois um dos Seus atributos é a onipresença.

Cristo, Deus onipresente

A palavra “onipresença” deriva de dois vocábulos latinos, “*omnis*” que significa “tudo”, e “*praesum*”, que significa “estar próximo ou presente”. A Bíblia nos mostra que, antes de criar o espaço, Deus já existia (Gn 1:1). Deus criou o espaço e domina sobre ele (Dt 10:14; Gn 14:19). Deus está presente em todo lugar (Jr 23:23,24; Sl 139:7-10). Não há um único ponto em todo o Universo onde Deus não esteja presente; e onde Ele está, está com todo o Seu Ser e não apenas com uma parte dele.

Deus não pode ser contido pelo espaço (1Rs 8:27; 2Cr 2:6; Is 66:1,2; At 7:48), mas o preenche completamente. Deus não é apenas muito grande, mas é um Ser que não pode ser contido pelo espaço. Deus é espírito (Jo 4:24; 2Co 3:17), portanto, não tem um corpo limitado. Quando a Bíblia fala da mão de Deus, do dedo, do braço, etc. (Dt 4:34; Sl 8:3; Lc 11:20), está usando antropomorfismo (linguagem que usa a forma humana para explicar os atributos invisíveis de Deus).

Deus está em todo lugar, mas é distinto da criação, diferentemente do que afirma o panteísmo (Deus é tudo). Deus é distinto do mundo e não pode ser identificado com ele, mas está presente em cada parte da Sua criação, não somente com Seu poder, mas também com Sua essência e natureza.

Cristo “vive em mim”

Se Cristo está presente em todo lugar, significa que podemos orar a Ele e adorá-Lo em qualquer lugar e nenhum lugar é melhor do que outro para fazermos isso (Jo 4:20). Podemos ir a qualquer lugar; se ali precisarmos de socorro, ali Ele está, mesmo nos lugares mais difíceis (Is 43:2). Cristo está presente, bem próximo, ao seu lado, e Ele o vê e o conhece inteiramente (Hb 4:13). Lembre-se: você não precisa enfrentar fila, ou marcar horário para falar com Cristo. Ele está onde você estiver.

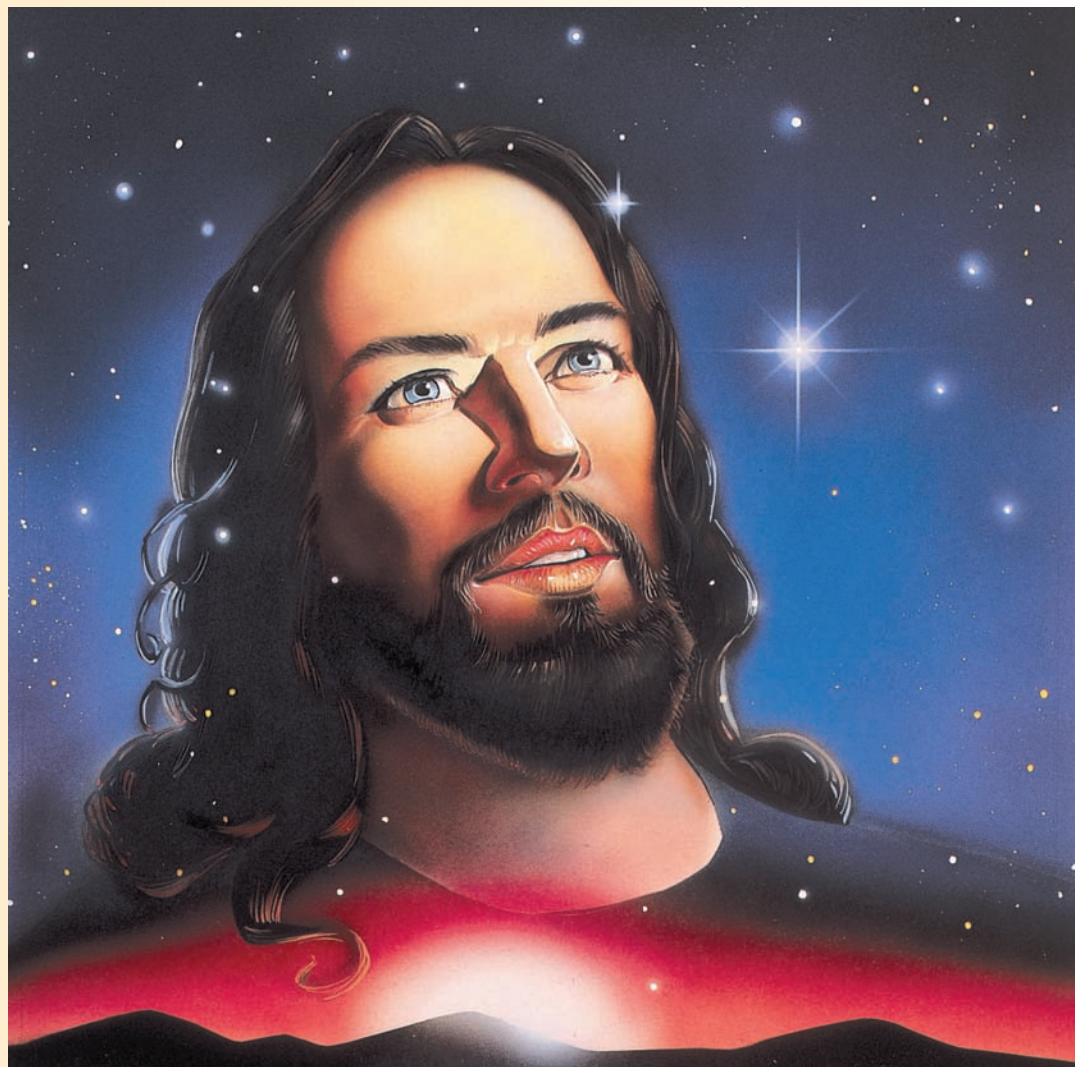
Certa vez um grupo de jovens estava bebendo em uma festa, de madrugada, ao som de um trio elétrico. De repente, o riso e a alegria foram interrompidos quando uma das garotas fez a seguinte pergunta: “Já pensaram que seria de nós se Jesus voltasse agora? Estaríamos perdidos!” Alguns deles haviam sido evangélicos ou tinham certo conhecimento bíblico. Silenciaram, e, saindo um a um, todos foram embora. Conversando com essa garota alguns dias depois, ela me relatou o fato. Então, eu lhe disse que se ela se sentiu perdida naquela situação, não estava menos perdida enquanto falava comigo, pois continuava longe de Jesus. Fiz um convite para entregasse sua vida a Cristo, e ela aceitou. Hoje, é uma cristã feliz.

A compreensão de que Cristo está presente pode

trazer medo para os que andam distante dEle, mas é confortante para Seus filhos. Na verdade, mesmo o maior pecador pode se alegrar com esse fato. A presença de Cristo não é a de um investigador que procura coisas erradas em nossa vida, ou de um carrasco com um chicote procurando nos punir por nossas falhas. Sua presença é a de um pai amoroso procurando nos dar o melhor.

Guarde em seu coração:

“Como a vida física se mantém pela comida, assim é a espiritual mantida pela Palavra de Deus. E toda alma deve receber, por si própria, vida da Palavra de Deus. Como temos de comer por nós mesmos a fim de receber nutrição, assim devemos receber a palavra por nós mesmos” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 390).



Heber Pintos

SALVAÇÃO PELA GRAÇA

Em toda a Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse, só existe um plano de salvação para a humanidade: a chamada “salvação pela graça”, através da fé no sacrifício salvífico feito por Cristo na cruz do Calvário.

Alguns têm advogado duas dispensações: (1) dispensação da lei – o AT; (2) dispensação da graça – o NT. Faria realmente a Bíblia tal distinção? Com certeza, não! O plano de salvação é único, completo, perfeito. Sendo Deus onisciente, não precisa corrigir aquilo que faz.

Quando o homem pecou, sua primeira providência foi se esconder da face do Senhor. Ao perguntar: “Adão, onde estás?”, Deus desejava que ele reconhecesse e confessasse seu pecado. A partir desse momento, o homem começou a apontar para várias direções, a fim de justificar seu erro. Pôs culpa na mulher, que por sua vez, pôs a culpa na serpente. A implicação de tudo isso é que, finalmente, a culpa é atribuída ao próprio Deus, como Criador.

Por causa do pecado e suas consequências – “o salário do pecado é a morte” (Rm 6:23) – Deus fez aos representantes da raça humana, Adão e Eva, a promessa de restauração, a qual incluía a morte do Seu Filho único (Gn 3:15). É interessante notar que logo após haver feito a promessa, o Senhor preparou vestimentas para Adão e Eva. Elas foram feitas de peles. Ali no Éden, ficou claro para Adão e Eva, que “sem derramamento de sangue não há remissão de pecado” (Hb 9:22), e que, se queremos ser salvos, precisamos crer no sacrifício para o qual a morte daquele animal apontava, o sacrifício de Cristo (*Patriarcas e Profetas*, p. 140).

Logo, não podemos pensar em salvação pelas obras. Muito menos em salvação pela lei. Só existe um meio de sermos salvos: é “pela graça, por meio da fé”. Todo o Antigo Testamento é uma ilustração do plano da salvação. O sangue daqueles inocentes animais não tinha nenhum mérito intrínseco. O pecador era justificado não por causa do sacrifício que oferecia, mas pela fé no verdadeiro sacrifício, “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29).

A maior prova disso é ilustrada na experiência de Caim e Abel. “Trouxe Caim do fruto da terra uma oferta

ao Senhor. Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura deste. O Senhor Se agradou de Abel e de sua oferta; ao passo que de Caim e de sua oferta, não Se agradou” (Gn 4:3-5). Por que Deus Se agradou da oferta de Abel e não da de Caim? Através de sua oferta, Caim reconheceu parcialmente os direitos de Deus sobre ele. Um espírito secreto de ressentimento e rebelião o moveu a responder as ordens de Deus segundo sua própria escolha. Obedeceu em aparência, porém sua forma de proceder revelava um espírito desafiante. Caim se propôs justificar-se a si mesmo por suas próprias obras, ganhar a salvação por seus méritos pessoais. Por outro lado, a oferta de Abel foi uma demonstração de fé no plano redentor e no sacrifício expiatório de Cristo.

Outra prova inequívoca do método de salvação pela graça no Antigo Testamento pode ser vista no reconhecimento de Davi acerca de seu pecado, no caso Urias e Bate-Seba. Depois de ser descoberto por Natã, Davi reconheceu publicamente seu pecado e implorou o perdão do Senhor. Ele pediu: “Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a Tua benignidade; e, segundo a multidão das Tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões. [...] Pois não Te comprazes em sacrifícios; do contrário, eu tos daria; e não Te agradas de holocaustos. Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus” (Sl 51:1; 16-17).

Poderíamos acrescentar experiência após experiência, e todas elas apontariam para o único modelo de salvação instituído pelo Criador: salvação única e exclusivamente pela graça, por meio da fé em nosso Senhor Jesus Cristo.

Qual é, então, o papel da lei, uma vez que a salvação não decorre de sua obediência? A lei, diz Paulo, “nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé” (Gl 3:24). O aio, “tutor” nas famílias gregas, era uma espécie de supervisor e acompanhante dos meninos enquanto estes eram menores de idade. O trabalho do tutor era acompanhar os meninos à escola, protegê-los de perigos, impedir que se comportassem mal, bem como discipliná-los, caso fosse necessário. Paulo usa essa figura para mostrar a função da lei. A lei aponta para nossa condição pecaminosa e nos conduz a Cristo, por meio de quem somos salvos. Logo, como diz o

mesmo apóstolo “a lei é boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo” (1Tm 1:8). Querer atribuir à lei uma função que ela não tem é legalismo. Foi isso que Jesus condenou quando esteve pessoalmente aqui na Terra.

Alguns anos atrás, numa igreja da Inglaterra, o pastor notou um ex-assaltante se ajoelhando para receber a Ceia do Senhor ao lado de um juiz da Suprema Corte da Inglaterra. O juiz era o mesmo que, anos antes, havia condenado o assaltante a sete anos de prisão.

Após o culto, enquanto o juiz e o pastor caminhavam juntos, o juiz perguntou:

– Você viu quem estava ajoelhado ao meu lado durante a Ceia?

– Sim –, respondeu o pastor. – Mas eu não sabia que você havia notado.

Os dois caminharam em silêncio por alguns momentos. Daí, o juiz disse:

– Que milagre da graça!

O pastor concordou: – Sim, que milagre maravilhoso da graça!

Daí o juiz perguntou: – Mas você se refere a quem?

O pastor respondeu: – É claro que é à conversão do assaltante!

O juiz falou: – Mas eu não estava pensando nele. Estava pensando em mim mesmo.

– Como assim? –, indagou o pastor.

O juiz respondeu:

– O assaltante sabia o quanto ele precisava de Cristo para salvá-lo dos seus pecados. Mas, olhe para mim. Eu fui ensinado desde a infância a ser um cavalheiro, a cumprir minha palavra, fazer minhas orações, ir à igreja. Eu passei por Oxford, recebi meu diploma, fui advogado e eventualmente me tornei juiz. Pastor, nada, a não ser a graça de Deus, podia ter me levado a admitir que eu era um pecador igual àquele assaltante. Levou muito mais graça para me perdoar por meu orgulho, minha confiança em mim mesmo, para me levar a reconhecer que não sou melhor aos olhos de Deus do que aquele assaltante que eu mandei à prisão.

E que maravilhosa é a graça! Boas pessoas só não entrarão no Céu porque seu orgulho as impede de chegar ao Salvador (Steven J. Cole. *Not the Healthy but the Sick World*, March 1, 1997).

(Extraído e adaptado do livro *Nisto Cremos*)

Guarde em seu coração:

“Como a vida física se mantém pela comida, assim é a espiritual mantida pela Palavra de Deus. E toda alma deve receber, por si própria, vida da Palavra de Deus. Como temos de comer por nós mesmos a fim de receber nutrição, assim devemos receber a palavra por nós mesmos” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 390).



Erio Köhler

SALVO PELA GRAÇA A CADA DIA

“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2:8-10).

Implicações de um viver pela graça

Já aprendemos que nos é dada uma porção de graça para cada dia. Ela nos é dada para atender as necessidades daquele dia, e assim, necessita ser renovada diariamente nas primeiras de cada manhã. Quando somos batizados no Espírito Santo, recebemos esse poder vivificante e santificador para cumprir com os nossos deveres espirituais daquele dia. Sem a graça, ficamos desqualificados para uma vida de obediência aceitável diante de Deus.

A graça nos leva a odiar o pecado em todas as suas manifestações. Sem ela nos tornamos refém de nos mesmos e, conseqüentemente, de Satanás. Em adoração vamos analisar algumas implicações de um viver imerso na graça e na misericórdia hoje.

Olhar firmemente para Jesus

Já vimos que é pela contemplação que somos transformados. Não há nada em nós que possa agradar a Deus e nos qualificar para a salvação. Quando olhamos para nós e nos projetamos para o presente e o futuro, o que enxergamos? Velhice, doença, sofrimento, desespero, morte e morte eterna. O Espírito Santo diz: “Olhe hoje firmemente para Jesus. A palavra profética nos adverte acerca do enganador e seu programa diário para a nossa vida: “É o fascinante poder de Satanás que leva os homens a olharem para si mesmos, em vez de olharem para Jesus” (*Fé e Obras*, p. 27).

Subjugar o pecado em todas as suas manifestações

Imoralidade, ambição, falsidade, ódio, egoísmo, orgulho, falta de domínio da língua e outros hábitos

pecaminosos acariciados – de quais desses pecados seu coração precisa ser purificado? Existe alguma área de sua vida fora do controle do Espírito Santo? Nesse momento fale com Jesus sobre esse assunto. Hoje é o dia de subjugar e vencer todas essas tendências pecaminosas. Vencer hoje pode ser um grande passo para vencer amanhã e, assim, sucessivamente. Não poupe nenhum pecado que tem atormentado a sua vida. A palavra profética diz: “Poupar algum pecado é acalentar um inimigo que só está à espera de um momento de descuido para causar a nossa ruína. [...] A graça divina é nossa única esperança” (*Exaltai-O*, MM 1992, p. 144).

É bem provável que neste momento estejamos nos perguntando: Mas como isso é possível? A pressão é muito grande. Há muito tempo tenho convivido com essa realidade (infidelidade conjugal, infidelidade nos díizimos e nas ofertas, pornografia, dependência de drogas “lícitas” ou ilícitas, etc.). Ouça mais uma vez a palavra profética: “Quando você é assaltado pelas tentações, quando o cuidado, a perplexidade e as trevas parecem circundar sua alma, olhe para o lugar em que pela última vez você viu a luz. Descanse no amor de Cristo, e sob Seu protetor cuidado. Quando o pecado luta pelo predomínio no coração, quando a culpa oprime a alma e sobrecarrega a consciência, quando a incredulidade obscurece a mente – lembre-se de que a graça de Cristo é suficiente para subjugar o pecado e banir a escuridão” (*Maravilhosa Graça*, MM 1974, p. 107).

Viver cada dia como um agente da graça

A cada dia, as notícias das coisas que os homens separados de Cristo fazem parecem nos assustar mais e mais. Como em João, às vezes bate em nós o sentimento: Senhor porque não acabas logo com isso e não manda logo os teus juízos sobre estes incrédulos pecadores? Mas, em vez de pensarmos assim, deveríamos refletir: Quem somos nós? Por que ainda estamos aqui vendo e ouvindo estas coisas? Qual é a nossa missão para com todos aqueles que ainda não conhecem o Evangelho? Em adoração e reflexão escutemos a palavra profética: “Em redor de nós existem pessoas que descem à ruína, tão irremediável, tão terrível, como aquela que recaiu sobre Sodoma. Cada dia o tempo de graça de alguém se encerra. Cada hora alguns passam para além do alcance da misericórdia.

E onde estão as vozes de aviso e rogo, mandando o pecador fugir desta condenação terrível? Onde estão as mãos estendidas para o fazer retroceder do caminho da morte? Onde estão os que com humildade e fé perseverante intercedem junto a Deus por ele?" (*Atos dos Apóstolos*, p. 273).

Viver cada dia à luz da eternidade

A graça de Cristo muda nossa disposição natural de pensar e agir. Paulo fala que por ela pensamos nas "coisas que são do alto", ou seja, em "tudo que é verdadeiro, respeitável, justo, puro, amável de boa fama" (Fp 4:8). Por que pensamos assim? Porque cada dia o crente que vive pela graça tem uma vida focada na eternidade.

Estamos aqui, mas não somos daqui. As tendências herdadas ou adquiridas para o mal devem ser vencidas e controladas pelo ódio natural que a graça implanta no coração contra o pecado. O convívio pacífico com o pecado acariciado tira nossa motivação de buscar habitualmente a Deus na primeira hora de cada manhã. Passamos a ter um relacionamento superficial e, conseqüentemente, perdemos a motivação pelas coisas espirituais e pelo Céu.

Escutemos neste momento mais um recado do Espírito Santo: "O Céu não seria um lugar desejável à mente carnal; seu coração natural, não santificado, não sentiria nenhuma atração para esse puro e santo lugar; e se lhes fosse possível ali entrar, nada encontrariam que lhes fosse afim. As tendências que controlam o coração natural devem ser subjugadas pela graça de Cristo, antes que o homem caído esteja em condições de entrar no Céu, e partilhar da comunhão com os anjos puros e santos. Quando o homem morre para o pecado, e passa a viver nova vida em Cristo, divino amor enche-lhe o coração; seu entendimento é santificado; ele bebe da inesgotável fonte de alegria

e conhecimento; e brilha em seu caminho a luz de um eterno dia, pois com ele está continuamente a luz da vida" (*Atos dos Apóstolos*, p. 273).

Manter um relacionamento diário profundo com Deus

Para aumentar mais e mais o nosso ódio pelo pecado, o Espírito Santo nos guia à Palavra de Deus. E, ao ouvir Sua voz, nos enchemos da graça. Dessa forma, passamos a receber nutrição para produzir a cada dia o fruto do Espírito Santo. O que ocorre quando vamos ao banquete e comemos o Pão que desce do Céu, ou seja, toda palavra que sai da boca de Deus? De que maneira isso influencia nossa forma de ser durante o dia? Em espírito de adoração, meditemos nos benefícios da Palavra de Deus:

- Ela nos assegura que em Cristo obtemos forças para a luta contra nossa natureza carnal, terrena.
- Através dela, o Espírito Santo vem à alma como Consolador.
- Cada palavra nela contida é introduzida pelo Espírito Santo na mente do crente.
- Ela nos garante que, pela influência da graça de Deus, Sua imagem é reproduzida em nós e nos tornamos uma nova criatura.
- A vivência nos princípios nela contidos faz com que o amor tome o lugar do ódio, e o crente busque semelhança de caráter com Deus (confira *O Desejado de Todas as Nações*, p. 391).

E é a graça de Cristo em nós que nos torna testemunhas Suas. Só podemos ser vitoriosos pelo sangue do Cordeiro, e pela palavra de nosso testemunho (*Mensagens Escolhidas*, v.1, p. 170).

Nosso crescimento na graça, nossa felicidade e utilidade, tudo depende de nossa união com Cristo e o grau de fé que nEle exercemos. Aqui está a fonte de nosso poder no mundo (*Conselhos Sobre Educação*, p. 78).

Guarde em seu coração:

"Como a vida física se mantém pela comida, assim é a espiritual mantida pela Palavra de Deus. E toda pessoa deve receber, por si própria, vida da Palavra de Deus. Como temos de comer por nós mesmos a fim de receber nutrição, assim devemos receber a palavra por nós mesmos" (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 390).



Daniel de Oliveira

A ORIGEM HISTÓRICA E PROFÉTICA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA



A.F.C.

Os Adventistas do Sétimo Dia são o povo da Bíblia. Por ela esse povo é guiado desde seu começo. Mas como surgiu nossa igreja?

No fim do século 18 e início do século 19, tanto na Europa como no Novo Mundo, as pessoas tinham alguns questionamentos sobre si mesmas, o mundo em que viviam, a existência de um Universo, o sentido da vida humana e a sua finalidade. Muita coisa começou a ser questionada, incluindo o próprio modo como o homem via o mundo e o explicava, a sua relação com a natureza e os seres vivos. Como referiu o filósofo Emmanuel Kant, o ser humano estava saindo de sua menoridade.

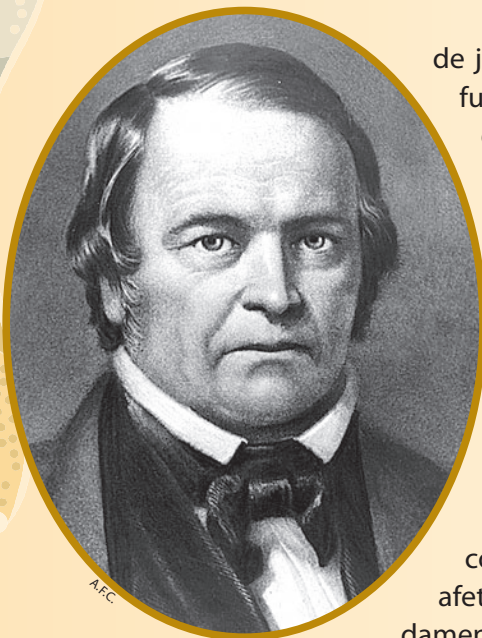
Em algumas igrejas cristãs, surgiu o desejo de saber mais acerca de Deus e da Sua relação com a história humana. Sentiu-se a necessidade de aprofundar a fé num Deus pessoal, e o dever de transmitir ao mundo em constante mudança e agitação a imagem de um Deus de amor, que deseja salvar e transmitir vida

nova a todas as pessoas. A esse fenômeno chamamos despertamento ou reavivamento.

Entre as principais características do reavivamento desse período, destacam-se: interesse pelo estudo da Bíblia, reforma dos costumes e reflexão escatológica (ou seja, uma atenção particular sobre o ensino bíblico do regresso de Jesus Cristo e dos sinais do fim do mundo). É nesse contexto que se insere a propagação das idéias de Guilherme Miller, nos Estados Unidos, a partir de 1831; e mais tarde, a partir de 1861, da Igreja Adventista do Sétimo Dia.[1]

Guilherme Miller (1782-1849)

Guilherme Miller,[2] nasceu em 15 de fevereiro de 1782, em Pittsfield, no Estado de Massachusetts, Estados Unidos, numa família piedosa e modesta. Casou-se aos 21 anos e se instalou em Poultney, no Estado de Vermont. Homem estudioso, com grande sentimento



de justiça, exerceu as funções de juiz e de delegado da pequena localidade onde morava. Miller partilhava as idéias deístas [3] do seu tempo. No entanto, os horrores da guerra que presenciou, entre 1812-1814, contra os ingleses afetaram-no profundamente. Dois anos de-

pois da morte do pai, questionava-se acerca da morte. Instalou-se em Low Hampton, no Estado de Nova Iorque, para gerir os bens do pai e cuidar da mãe. Começou a frequentar a igreja do tio que era pastor batista. Certo dia, foi convidado a ler a pregação em substituição ao diácono de serviço. O texto de Isaías 53 chamou-lhe a atenção. Começou a estudar a Bíblia, principalmente as profecias bíblicas de Daniel e Apocalipse. O cumprimento das profecias dera-lhe a prova que necessitava para crer na veracidade das Escrituras.

Adotando o princípio de interpretação que reconhece que em profecia um dia profético simboliza um ano literal, ao ler na versão *King James* o capítulo 9 de Daniel ficou impressionado com a precisão dos eventos ali descritos. Os comentários da versão inglesa *King James*, tomavam como ponto de partida para a profecia das 70 semanas de Daniel 9, o sétimo ano do reinado de Artaxerxes, ou seja, o ano 457 a.C.

Como 70 semanas em profecia equivalem a 490 anos, partindo do ano 457 a.C., concluiu que o cumprimento desse período profético ocorreria no ano 33 da nossa era, e que o Ungido a ser arrancado na última referia-se a Cristo, que morreu por volta do ano 31.

Para Miller, essa profecia estava ligada à profecia de Daniel 8:14, que diz: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o santuário será purificado". Aplicando o mesmo princípio bíblico dia/ano, era óbvio que estes 2.300 dias representavam 2.300 anos. Considerando, como no caso das 70 semanas, o ano 457 a.C. como ponto de partida para os 2.300 anos, teríamos

o seu desfecho no ano de 1843. Ele cria que o santuário a ser purificado era a Terra, e que o regresso de Jesus ocorreria em 1843. Essa conclusão se deu no ano de 1818, dois anos após começar o estudo da Bíblia.

Guilherme Miller não foi o único, nem o primeiro a chegar a essas conclusões. Ele desconhecia que idéias semelhantes foram concebidas pelo jesuíta Manuel Lacunza, por Gutierrez de Rozas, por Adam Burwell, por R. Scott, pelo missionário inglês, Joseph Wolff e por muitos outros.[4]

O movimento milerita

Em 1831, Guilherme Miller começou a propagar suas idéias. O resultado dessa iniciativa foi o início de um grande reavivamento. Durante esse período, pregou mais de 800 sermões e muitas comunidades aceitaram sua mensagem. Pastores de diferentes confissões religiosas aderiram à pregação de Miller. Com o apoio de Josué Himes, pastor batista, e de Josias Litch, pastor metodista, o movimento tomou outra amplitude. Revistas foram editadas, como as revista *Signs of the Times* e *Midnight Cry*, e vários folhetos foram distribuídos.

Os anos 1840 a 1843 foram dedicados à pregação da mensagem de advertência em vista do iminente regresso de Jesus Cristo. "Os cálculos iniciais de Miller o haviam conduzido ao ano de 1843, aproximadamente." [5] Mas foi com a ajuda de Josué V. Himes, Josias Litch e Samuel S. Snow que a data da volta de Jesus foi fixada para 22 de outubro de 1844.[6]

O dia 23 de outubro trouxe a amarga verdade: Jesus Cristo não tinha regressado. No dia 10 de novembro de 1844, através de uma declaração oficial em Boston, os responsáveis pelo movimento milerita reconheceram o seu erro quanto à interpretação do acontecimento, sem colocar em dúvida a cronologia bíblica. Muitos membros do movimento milerita o abandonaram e regressaram às suas igrejas de origem. Os que ficaram procuravam encontrar respostas para os seus questionamentos, e manter sua confiança na Palavra de Deus. Guilherme Miller visitou alguns desses grupos, procurando encorajá-los a guardar a fé. Miller morreu cego, em 20 de dezembro de 1849.

Do grande movimento milerita que, segundo alguns, teria alcançado o número de 1 milhão de

seguidores, várias denominações se formaram:

The Evangelical Adventists, organizados em 1858.

The Advent Christians, organizados em 1861.

Igreja Adventista do Sétimo Dia, organizada em 1863.

The Church of God, organizada em 1866.

The Life and Advent Union.

The Church of God in Christ Jesus.

A existência dessas denominações espelha um pouco a amplitude e a importância que o movimento milerita teve nos Estados Unidos nos finais do século 19. [7]

O nascimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Jesus não voltou em 22 de outubro de 1844 como os mileritas esperavam. Cumpria-se o texto bíblico: “Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei, e, na minha boca, era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo” (Ap 10:10). À semelhança dos discípulos de Jesus que ficaram desapontados com Sua morte e sepultamento (Lc 24:25-27), os mileritas também experimentaram uma grande decepção, uma vez que o tempo estabelecido para a volta de Cristo havia passado e Ele não viera. A razão do desapontamento experimentado pelos mileritas foi que eles se preocuparam mais com o tempo, do que com o local onde a profecia deveria se cumprir “o santuário celestial”. [8]

Como consequência da desorientação que se seguiu ao desapontamento de 22 de outubro de 1844, um grupo de pessoas composto por José Bates, Hiram Edson, Tiago White e pessoas mais cultas como João Andrews, João Loughborough e Urias Smith, procurou estudar melhor a Bíblia e encontrar uma explicação para o sucedido.

Foi Hiram Edson quem descobriu que tudo estava correto na pregação de Miller, menos a relação “santuário = Terra”. [9] Um estudo mais abrangente da Bíblia feito por O. R. L. Crosier os levou a concluir que a profecia de Daniel 8:14 apontava para o ministério de Cristo no santuário celestial. Tal evento foi tipificado pelo Dia da Expição, no livro de Levítico (cap.16). Portanto, o santuário a ser purificado a partir de 22 de outubro de 1844 era o santuário celestial, e não a Terra.

Outras verdades bíblicas foram sendo apresentadas, como a verdade sobre o sábado, primeiramente

introduzida por Raquel Oakes, em 1844, e defendida de maneira mais sistemática por José Bates. [10]

Com o passar do tempo, fez-se premente a existência de uma organização. Em 1852, já existiam dois mil membros, havia publicações impressas regularmente. Por isso, foi necessário definir regras de organização, e credenciar os pastores. Havia, no entanto, algumas resistências em adotar um nome e uma organização. Foi preciso esperar até 1860 para ser aceito na Assembléia Geral, realizada na cidade de Battle Creek, o nome “Adventistas do Sétimo Dia”, que identificava esse grupo de crentes. O nome “Adventista” traduzia a esperança do regresso de Jesus Cristo. Já a expressão “do Sétimo Dia” apontava para a observância do sábado como dia de repouso semanal. [11] Em 03 de Maio de 1861, registrou-se a “Associação Publicadora dos Adventistas do Sétimo Dia”; em outubro do mesmo ano, a “Associação dos Adventistas do Sétimo Dia do Michigan”. Finalmente, em 1863, foi fundada a “Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia”, que contava com 3.500 adventistas, 30 pastores e 152 igrejas.

Pensamento:

“Nos anais da história humana, o desenvolvimento das nações, o nascimento e queda dos impérios, aparecem como que dependendo da vontade e proeza do homem; a configuração dos acontecimentos parece determinada em grande medida pelo seu poder, ambição ou capricho. Mas na Palavra de Deus a cortina é afastada, e podemos ver acima, para trás e pelos lados as partidas e contrapartidas do interesse, poder e paixões humanos – os agentes do Todo-misericordioso – executando paciente e silenciosamente os conselhos de Sua própria vontade” (*Profetas e Reis*, p. 499, 500).

Guarde em seu coração:

“Como a vida física se mantém pela comida, assim é a espiritual mantida pela Palavra de Deus. E toda alma deve receber, por si própria, vida da Palavra de Deus. Como temos de comer por nós mesmos a fim de receber nutrição, assim devemos receber a palavra por nós mesmos” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 390).



William de Moraes

No banquete de ontem, fomos servidos pelo Espírito Santo com pratos preparados com os ingredientes históricos e proféticos do surgimento da IASD. Graças a Deus, fazemos parte de uma igreja que não é propriedade de um homem. Nossa igreja não tem um dono, um proprietário humano. Seu líder máximo é Jesus Cristo, por meio da ação do Espírito Santo.

O chamado para levar as boas-novas de salvação ao mundo não pode ser visto apenas como um desafio de um líder humano. O chamado envolve mais do que uma atividade com vistas ao aumento dos membros da igreja. Com o nobre propósito que buscamos, de permanecer na presença de Cristo desde a primeira até a última hora do dia, necessitamos compreender de modo mais amplo a teologia da missão.

A missão no Antigo Testamento

A queda do homem fez da missão uma necessidade imperiosa (Gn 3:1-8). A perda da vida eterna, do lar eterno, da inocência e pureza moral interromperam o ambiente de felicidade edênico. Assim, é propósito de Deus restaurar o homem e seu lar. Por isso a missão inicia-se com Deus. Sua natureza é buscar o homem perdido, conscientizá-lo de sua culpa e oferecer-lhe a salvação (Gn 3:9-15). Deus dirigiu ao homem quatro perguntas

com o objetivo de conscientizá-lo de sua transgressão: Onde estás? Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore que te ordenei que não comesses?

Que é isso que fizeste? A resposta do homem ao apelo divino foi a resistência. Deus não insistiu na conscientização, mas revelou-lhe a salvação (Gn 3:15; cf. Gl 3:16).

Foi pela eleição que Deus transferiu a missão ao homem. A primeira informação explícita é referente a Enos, quando “começou a se invocar o nome do Senhor” (Gn 4:26). Essa expressão é usada no Antigo Testamento para indicar um culto público. Anos depois a Escritura registra a eleição de Noé, da casa de Lameque, descendente de Enos (Gn 6:13, e os versos seguintes). Desse ponto segue-se uma sucessão de eleitos, que, finalmente, alcança o povo de Israel. É preciso que se tenha em mente a razão de ser da eleição, o que fica bem claro na escolha de Abraão. Em Gênesis 12:3 é dito “em ti serão benditas todas as nações da terra”. A finalidade da eleição não é fazer do escolhido um favorito, mas investi-lo com a responsabilidade de ser uma bênção para todos os povos (Gn 18:18,19; 22:18; 26:4; 28:14). A eleição divina reside na livre vontade de Deus e no amor que Ele tem por Seu povo, e não porque houvesse alguma grandeza ou superioridade inerentes ao povo (Gn 7:6-8). A eleição é para a realização de uma missão mundial, e não para criar um povo favorito.

A santidade de caráter é o primeiro requisito para o êxito do exercício da missão (Dt 4:6-9). Deus queria fazer de Israel um reino de sacerdotes e uma nação santa (Êx 19:5,6; cf. Lv 19:2). À santidade se seguiram as bênçãos que lhe eram inerentes. As bênçãos de Deus incluíam saúde: “... nenhuma enfermidade virá sobre ti” (Êx 15:26; cf. Dt 7:15). A prosperidade em todos os aspectos da vida marcaria a experiência de Israel (Dt 28:1-14; Dt 7:13; Êx 31:2-6; 35:31-35; Dt 4:6-8). A superioridade das leis de Deus levaria os povos a reconhecer a grandeza de Seus estatutos.

O propósito de todos esses valores, desenvolvidos no povo de Israel, objetivava tornar a nação uma

eficiente testemunha de Deus (Is 43:10-12; 44:8). Deus pretendia que a nação fosse luz para os gentios (Is 49:6; 66:18-20). Com isso, Deus queria livrar os israelitas do preconceito, de todo etnocentrismo e nacionalismo exacerbado, que inviabilizam a missão. Israel deveria, assim, fazer convergir os povos ao povo de Deus, a fim de que fossem incluídos na nação de Israel e participantes das bênçãos por Deus prodigalizadas (Is 49:6-9, 12, 18, 22; 55:4, 5; Zc 8:22, 23). Por isso se diz que a missão no Antigo Testamento é, predominantemente, centrípeta ou convergente. Ellen White apoia esse ensino nas seguintes palavras: “Os filhos de Israel deviam ocupar todo o território que Deus lhes indicara. Aquelas nações que haviam rejeitado a adoração e o serviço ao verdadeiro Deus deviam ser despojadas. Mas era propósito de Deus que pela revelação de Seu caráter através de Israel fossem os homens atraídos para Si. O convite do evangelho devia ser dado a todo mundo. Mediante o ensino do serviço sacrificial, Cristo devia ser erguido perante as nações, e todos que olhassem para Ele viveriam. Todo aquele que, como Raabe, a cananita, e Rute, a moabita, tornassem da idolatria para o culto do verdadeiro Deus, deviam unir-se ao Seu povo escolhido. À medida que o número dos israelitas crescesse, deviam eles ampliar suas fronteiras, até que o seu reino envolvesse o mundo” (*Profetas e Reis*, p. 19). Através das bênçãos dadas a Israel com base na santidade, Deus queria atrair os povos de toda a Terra para reconhecê-Lo como seu Deus, e integrá-los na comunhão do Seu povo.

A missão no Novo Testamento

No Novo Testamento, a missão começa com Deus, como aconteceu no Antigo Testamento. Jesus Cristo é o iniciador e o modelo de toda atividade missionária. Ele “veio buscar e salvar o perdido” (Mt 19:10). Ele veio “para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos” (Mc 10:45). A mensagem central do evangelho é ao mesmo tempo a natureza própria da missão de Cristo. Isso significava obrigatoriamente que Ele precisava sofrer. “A missão de Cristo só se podia cumprir através de sofrimento. Achava-se diante dEle uma existência de dores, privações, luta e morte ignominiosa. Cumpria-Lhe carregar sobre Si os pecados de todo o mundo. Tinha de sofrer a separação do amor do Pai” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 101)

A extensão da missão de Cristo tem sido entendida em três aspectos principais: pregação, ensino e cura. Mateus entende a missão de Cristo dessa mesma forma, ao declarar que “Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo” (Mt 4:23; cf. Mt 9:31). Lucas acrescenta que Ele realizava essa missão no poder do Espírito Santo (Lc 4:14). Esse foi o mesmo padrão de missão que Jesus entregou ao enviar os doze (Mt 10:1-42), os setenta (Lc 10:12-25), e os cento e vinte (At 1:8, 15; cf. At 2:1-8, 33).

O imperativo da missão entregue à igreja foi: “Fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28:19), dentro dos mesmos moldes em que Jesus realizou a missão, e da mesma forma que Seus seguidores a realizaram nos primeiros anos da igreja cristã. Deve-se, contudo, dizer que o “ir para fazer discípulos” antecede o “esperar a promessa do poder do Espírito Santo”. Não se pode sair para pregar, ensinar e curar sem primeiro esperar para receber o poder do Espírito Santo (Lc 24:49, cf. At 1:4, 5, 8). A meta evangelística não cessa pelo acrescentar novos membros à igreja, através do batismo. Ela só é de fato alcançada quando o novo convertido é instruído pela igreja, quando ele espera e recebe cada dia a plenitude do Espírito. E assim testemunhando, se torna um cristão produtivo (At 2:41-47).

O grande objetivo do evangelismo é fazer cristãos e igreja reprodutivos. Nesse processo é impossível dispensar aquilo que caracterizou a vida de Cristo e dos primeiros cristãos: a dotação do Espírito Santo. “Antes de ser escrito um livro do Novo Testamento, e antes de ser pregado qualquer sermão depois da ascensão de Cristo, o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos em oração. Então, seus inimigos deram o testemunho: ‘Enchestes Jerusalém desta vossa doutrina’” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 647).

Guarde em seu coração:

“Como a vida física se mantém pela comida, assim é a espiritual mantida pela Palavra de Deus. E toda alma deve receber, por si própria, vida da Palavra de Deus. Como temos de comer por nós mesmos a fim de receber nutrição, assim devemos receber a palavra por nós mesmos” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 390).

PERMANÊNCIA VERSUS TELEVISÃO E INTERNET – I

Nesta época de tanto progresso, cada dia a ciência proporciona comodidades e benefícios que facilitam a vida e proveem entretenimentos. Os meios de comunicação incorporaram a televisão e os computadores no lar. A vida moderna permite que boa parte da sociedade tenha, pelo menos, um desses meios. Porém, o uso inadequado pode afetar os relacionamentos, o comportamento e a vida espiritual pessoal e da família.

Na jornada de hoje e de amanhã, vamos analisar como o inimigo de Deus quer prejudicar nossa comunidade. Iremos considerar algumas pesquisas sobre os efeitos da televisão e da internet e o quanto elas podem influenciar em nossa vida espiritual.

Estratégias do inimigo

Na história do Éden, a Palavra de Deus nos diz que Eva foi tentada quando estava sozinha, ou seja, longe de Deus e de seu marido. O inimigo aproveitou essa situação para incitá-la ao mal, usando três elementos: o apetite, a visão e a cobiça (Gn 3:1-6). Os mesmos recursos foram utilizados por Satanás para tentar Jesus (Lc 4:1-3); e, de acordo com a advertência apostólica, há o perigo de que os filhos de Deus amem o mundo (1Jo 2:16).

Quando ficamos desconectados de Deus, damos oportunidade aos estratagemas de Satanás. Esse inimigo de Deus está constantemente procurando entrar em nossa mente para cumprir em nós seus propósitos. Como ele consegue fazer isso? Ellen White adverte no sentido de que “todos devem vigiar os sentidos, do contrário Satanás alcançará vitória sobre eles; pois essas são as avenidas da alma” (*O Lar Adventista*, p. 401). Quando ela fala de “avenidas da alma”, está se referindo à nossa mente.

As táticas do inimigo não mudaram. Ele procura afetar nossos sentidos, apela ao apetite, à visão e à ambição para ter acesso à nossa mente. Por isso, a Sra. White segue advertindo: “Deves tornar-te fiel sentinela de teus olhos, ouvidos e todos os sentidos, se quiseres dominar a mente e impedir que vãos e corruptos pensamentos te manchem a vida. Só o poder da graça pode realizar essa tão desejável obra”, e acrescenta:

“Todos quantos proferem o nome de Cristo necessitam vigiar e orar, e guardar as entradas da alma; pois Satanás está em atividade para corromper e destruir, uma vez que lhe seja dada a mínima vantagem” (*Ibid.*, p. 402).

Ao afetar nossos sentidos, Satanás tenta despertar pensamentos “vãos e corruptos”. Juntamente com os anjos caídos, o diabo está “criando uma espécie de paralisia dos sentidos, de modo a não serem ouvidas as admoestações, advertências e repreensões, ou, se ouvidas, não terem efeito sobre o coração” (*Ibid.*, p. 401). O resultado é que os “sentidos de muitos acham-se inativos pela condescendência com o apetite e pela familiaridade com o pecado” (*Idem*).

Antes de prosseguir, pare e considere, em oração e submissão, algumas conclusões que podemos tirar do que acabamos de analisar:

1. Satanás induz as pessoas ao pecado através das avenidas da alma.
2. Ele utiliza nossos sentidos, estimulando o apetite, a visão e a cobiça.
3. Com isso ele consegue:
 - a. Induzir-nos a pensamentos vãos e corruptos.
 - b. Paralisar os sentidos para não ouvir a voz de Deus.
 - c. Insensibilizar a mente pela complacência com o apetite.
 - d. Produzir familiaridade com o pecado.
4. Satanás age quando descuidamos do nosso relacionamento com Deus.
5. Somente a influência de Deus e Sua graça podem se contrapor aos estratagemas do inimigo.

Televisão, internet e mente

Uma das características da sociedade pós-moderna é a frase: “Não tenho tempo.” Mas essa mesma sociedade se transformou em um importante consumidor dos programas da televisão e da internet, os quais absorvem o tempo destinado à família, ao desenvolvimento pessoal e, especialmente, à comunhão com Deus.

As estatísticas que avaliam o uso da televisão e da internet entre os jovens estão apresentando dados alarmantes. Um dos mais importantes diz respeito ao tempo. As pesquisas mostram que as crianças passam cada vez mais tempo diante da televisão, computador ou videogames, chegando a estar cerca de seis horas diárias diante das telas. Note os efeitos que isso produz:

- A atividade da *Web* está criando barreiras entre pais e filhos.
- As crianças constroem centros multimídia em seus lares, com os quais acordam de manhã e dormem à noite.
- A internet é menos usada para fins proveitosos, como o estudo, e mais para se sociabilizar.
- As crianças estão multiconcentradas: “Enquanto navegam na *Web*, estão falando com um amigo e fazendo o *download* de uma música, tudo isso simultaneamente” (ver o site: www.theguardianmedia.com).



Daniel de Oliveira

Outros estudos destacam que os meios de comunicação exercem “influências nas crenças, atitudes e conduta dos grandes setores da população”. Acrescente-se a isso o fato de que “através de mensagens positivas ou negativas [...] modificam, em maior ou menor grau, o modo de vida de muitas famílias e contribuem para mudar, para o bem ou para o mal, as formas de comunicação na família, sem que os afetados descubram como e em que medida” (ver: www.dyaweb.es).

Nessa análise, pode-se perceber que tais meios exercem impacto na mente, visto que afetam as condutas sem que se possa avaliar se é para o bem ou para o mal. Como eles conseguem isso? As pesquisas destacam que as histórias que aparecem na TV “difundem insistentemente o que é desejável, o que tem êxito, o que é satisfatório ou importante”. Ou seja, captam a atenção, seduzindo o público com elementos desejáveis e, dessa forma, conseguem transmitir influências que modificam a conduta do espectador. Não havendo necessidade de nos aprofundarmos mais e usando o senso comum, podemos inferir que esses personagens usam para seduzir, apelando ao apetite, à visão e à luxúria.

As pessoas que permanecem por muitas horas na internet, podem sofrer danos cerebrais.

“O neurocientista Gary Small, da Universidade da Califórnia, revelou, por meio de um estudo realizado com 24 adultos, que utilizavam a internet, que tais pessoas duplicavam a atividade nas áreas do cérebro que controlam a tomada de decisões e do raciocínio complexo, comparadas com outras pessoas que até o momento não utilizam a *Web*. Esses internautas, chamados de ‘nativos digitais’ sempre estão explorando, navegando em busca de uma nova informação, o que pode provocar estresse e até mesmo danos neurológicos. Trata-se de uma mudança evolutiva que porá os peritos em tecnologia à frente da nova ordem social, assegurou Small. Embora a tecnologia possa acelerar o aprendizado, ela também tem suas desvantagens como a de criar viciados em internet e a de provocar transtornos pela perda da atenção.”

(<http://www.adn.es/tecnologia/20081027/NWS-1739-efectos-uso-internet-actividad-cerebral.html>. Ver informação adicional em: www.elespectador.com).

Esses estudos demonstram que as pessoas que usam a internet e a TV em excesso têm algo em comum:

- Dedicam tempo.
- São induzidas a idéias, pensamentos e sensações que podem modificar a conduta.
- Têm percepção diferente da realidade.
- Têm dificuldade para se concentrar e analisar temas profundos.
- A comunicação e os vínculos entre as pessoas são modificados.
- Em ambos os meios, as ferramentas são o apelo à visão, ao apetite e à sedução da luxúria desta vida.

Guarde em seu coração:

“Ainda que nos achemos numa atmosfera maculada e corrupta, não lhe somos forçados a respirar os miasmas, mas podemos viver no puro ambiente do Céu. Podemos cerrar todas as portas a imaginações impuras e pensamentos profanos, erguendo nossa mente à presença de Deus por meio de sincera oração. Aquele cujo coração se acha aberto para receber o auxílio e a bênção de Deus, há de viver numa atmosfera mais santa que a da Terra, tendo constante comunhão com o Céu” (*Caminho a Cristo*, p. 99).

A televisão e a internet na vida espiritual



William de Moraes

É inegável que o uso inadequado da televisão e da internet é prejudicial e perigoso. Mas, apesar disso a maioria das pessoas continua dedicando mais tempo para a televisão e a internet. Pode faltar tempo para qualquer outra atividade, mas para essas não. A forma como os *sites*, *blogs*, *twitter* são montados e apresentados os torna cada vez mais sedutores e cativantes. E nem é preciso falar acerca da programação da televisão, pois, para competir com a internet, precisa inovar mais e mais ou, do contrário, não tem a audiência esperada.

Além das luzes e dos efeitos inebriantes (embriagar, tornar ébrio), também devemos considerar que a maioria das programações, tanto da internet quanto da televisão, é produzida por pessoas que querem difundir seus valores ateístas e imorais. Aberrações de todo tipo estão sendo veiculadas com tanta frequência, que até mesmo pessoas que se dizem cristãs as têm visto como normais. O que está por trás de tudo isso? Para onde o inimigo quer nos levar? Dê uma

parada nesse momento e fale com Deus em oração a esse respeito. Fale com Ele acerca de suas fraquezas e busque forças para resistir a essa enxurrada de tentação que cresce a cada momento.

O inimigo está buscando tudo o que lhe sirva para

manipular nosso apetite, excitar nossa visão e estimular condutas carnis e imorais. Não podemos vacilar quanto ao uso da televisão, da internet e, por que não dizer, também da música. Satanás quer arruinar nossa vida. Quer entrar através das avenidas da alma e afetar nossos sentidos inculcando suas idéias e pensamentos, que se opõem ao propósito sagrado deste movimento: o de desenvolver e consolidar o hábito de buscar a Deus desde a primeira até a última hora de cada dia.

Não estamos afirmando que nada presta na televi-

são e na internet. Não pretendemos demonizar essas mídias, pois elas têm prestado valiosas contribuições à humanidade. O que queremos dizer é que cada um deve ocupar tempo com esses meios de comunicação enquanto eles não comprometam seu tempo e sua mente com coisas fúteis e inúteis. Domínio próprio é a receita para essa situação.

Devemos ter sempre em mente que, caso não nos controlemos, música, televisão e internet poderão afetar nossa conduta, relacionamento e comunhão com Deus.

Cuidado com o perigo!

Não devemos pisar no terreno encantado do diabo. Quando perceber que a “serpente” está por perto, saia do local e vá por outro caminho. Esteja sempre atento e preste atenção a todos os detalhes. Segundo o ensinamento bíblico, quando deixamos de ser “sóbrios” e de estarmos “vigilantes” o inimigo pode nos devorar (1Pe 5:8). Ser sóbrio é ter nossa mente desperta, lúcida e vigorosa para raciocinar e perceber a realidade.

Vigiar é estar atento. Isso inclui evitar ficar só e sem a presença de Deus. Muitas vezes, temos a tentação de ficar descontraídos e desconectados de Deus. Quando isso acontece, nos conectamos com outros meios, sem analisarmos a possibilidade de que Satanás esteja nos levando ao abismo, assim como levou nossa mãe Eva. Ao percebermos qualquer indício de perigo, devemos fugir. Caso contrário, o inimigo irá enfeitiçar nossa mente e passará a controlar nosso apetite, visão e conduta.

Nessas condições, perderemos completamente a noção de que somos filhos de Deus e cometeremos as piores barbaridades, sem perceber o que estamos fazendo. Internet, televisão e música podem arruinar a mente que esteja vazia da Palavra de Deus, podendo levar à ruína aqueles que não buscam a Deus. Portanto, cuidado! O que vemos, ouvimos e falamos acaba determinando o que somos

No contexto da comunhão, nossa vida se assemelha cada vez mais àquilo que contemplamos. Paulo destaca: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2Co 3:18). Ficaremos mais parecidos com Cristo e com o que o Céu deseja, se contemplarmos “com o rosto desvendado”. Ellen White acrescenta: “Que grande vitória! Pela contemplação podemos tornar-nos criaturas transformadas. Considerem isto: Contemplamos e captamos os brilhantes raios na face de Jesus Cristo. Recebemos tanto quanto podemos suportar. [...] Mediante o poder transformador do Espírito Santo tornamo-nos semelhantes à imagem do bendito Objeto de nossa contemplação” (*Olhando para o Alto*, MM 1983, p. 262). E acrescenta: “Se olharmos ainda que por um momento para o Sol em sua glória meridiana, ao desviarmos os olhos, em tudo que olharmos aparecerá a imagem do Sol. O mesmo se dá quando contemplamos a Jesus; tudo para que olharmos reflete Sua imagem, o Sol da Justiça. Não podemos ver nenhuma outra coisa, nem falar de qualquer outra coisa. Sua imagem está impressa na retina da alma e afeta cada parte de nossa vida diária, suavizando e subjugando toda a nossa natureza. Contemplando, ajustamo-nos à semelhança divina, a saber, à semelhança de Cristo. A todos aqueles com quem nos associamos refletimos os brilhantes e alegres raios de Sua justiça” (*Testemunhos para Ministros*, p. 388-389).

Nossa conduta, pensamentos e impulsos refletem o que permitimos, que as avenidas da alma mais absorvam. Como diz um dito popular: “Somos o que consumimos”. Nossa mente responde e reage de acordo com o conteúdo que lhe proporcionamos. Uma forma de avaliar o que sustenta nossa mente é perguntarmo-nos: “É Cristo quem ocupa todo o tempo em minha vida a cada dia?” “É Ele quem aparece primeiro em meus pensamentos?” “Quando tomo decisões a respeito de projetos, incluindo lazer, Cristo está presente?” Após a tomada de decisão, poderia eu visualizar Cristo vindo em minha direção e dizendo: “Filho estou feliz porque você tomou a decisão que Eu tomaria se estivesse em seu lugar”?

A forma como vivemos cada dia determina para onde estamos indo. Portanto, devemos atentar cuidadosamente para o mandamento de Jesus: “Vigiai e orai” (Mt 26:41). Paulo complementa, dizendo: “Para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios” (2Co 2:11). Pela recomendação em vigiar e orar, a Bíblia nos aconselha a ser precavidos. Paulo nos mostra o porquê dessa vigilância: “Para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios” (2Co 2:11).

Todos que já fizemos os SEE I, II, e III temos uma responsabilidade ainda maior de colocar em prática essa verdade. Já nos habituamos a colocar Deus em primeiro lugar. Não faz sentido, deixar Cristo de lado e voltar nossos olhos para aquilo que perverte o apetite e compromete a visão da eternidade. Lembremos do conceito que já aprendemos: Não podemos jogar fora hoje aquilo que lutamos a vida inteira para conseguir. Portanto, juízo!

Guarde em seu coração:

“Ainda que nos achemos numa atmosfera maculada e corrupta, não lhe somos forçados a respirar os miasmas, mas podemos viver no puro ambiente do Céu. Podemos cerrar todas as portas a imaginações impuras e pensamentos profanos, erguendo nossa alma à presença de Deus por meio de sincera oração. Aquele cujo coração se acha aberto para receber o auxílio e a bênção de Deus, há de viver numa atmosfera mais santa que a da Terra, tendo constante comunhão com o Céu” (*Caminho a Cristo*, p. 99).

Crenças fundamentais integradas ao estilo de vida adventista

Shutterstock

Parte

II

Parte II – CRENÇAS FUNDAMENTAIS INTEGRADAS AO ESTILO DE VIDA

- 9º dia: As Escrituras Sagradas
- 10º dia: A Trindade
- 11º dia: Deus, o Pai
- 12º dia: Deus, o Filho
- 13º dia: Deus, o Espírito Santo
- 14º dia: A criação
- 15º dia: A natureza do homem
- 16º dia: O Grande Conflito
- 17º dia: Vida, morte e ressurreição de Cristo
- 18º dia: A experiência da salvação
- 19º dia: Crescimento em Cristo
- 20º dia: A igreja
- 21º dia: O remanescente e sua missão
- 22º dia: A unidade no corpo de Cristo
- 23º dia: O batismo
- 24º dia: A Ceia do Senhor
- 25º dia: Dons e ministérios espirituais
- 26º dia: O dom de profecia
- 27º dia: Os dez mandamentos
- 28º dia: O sábado
- 29º dia: A mordomia cristã
- 30º dia: Conduta cristã
- 31º dia: Casamento e família
- 32º dia: O ministério de Cristo no santuário celestial
- 33º dia: A certeza da segunda vinda de Cristo
- 34º dia: Morte e ressurreição
- 35º dia: O milênio e o fim do pecado
- 36º dia: A nova Terra

Autores

Capítulos

Matheus Tavares	9, 10, 11, 12, 13, 25
Michelson Borges	14
Areli Barbosa	15, 28, 31
Miguel Pinheiro Costa	16, 17, 27, 30
Luís Nunes	18
Carlos Oliveira	19, 20, 21, 22, 29
Fernando Lopes	23, 24, 26
Marcos Blanco.....	32, 33, 34, 35, 36



A Igreja Adventista do Sétimo Dia mantém 28 crenças fundamentadas na Bíblia. Nas próximas 28 jornadas, estaremos reestudando essas crenças, não apenas no seu aspecto cognitivo ou do conhecimento teórico, mas no seu aspecto integrativo.

A idéia é perceber como o conhecimento de cada uma dessas crenças pode melhorar diariamente a mim próprio, minha família, os membros de minha igreja, meus vizinhos e minha comunidade. Entendemos que não é suficiente conhecer ou memorizar cada uma dessas crenças. É necessário integrá-las ao estilo de vida no dia a dia. Essa será nossa preocupação e abordagem nas jornadas que se seguem.

Tempos atrás, revirando alguns papéis já envelhecidos pelo tempo, encontrei um que me chamou a atenção, e de que não me lembrava mais. Como o tempo faz com que coisas, que são tão importantes em um dado momento, se tornem esquecidas logo

após! E que emoções avassaladoras se transformam, com o passar do tempo, apenas em suaves lembranças! Foi o que senti quando encontrei aquele papel amarelado, escrito há muito tempo, quando nos sonhos e encantos juvenis encontrei minha primeira paixão. Comecei a ler os primeiros versos do poema que escrevi para expressar o que sentia: “As vezes me encontro perdido a pensar; pensar em coisas que não sei explicar; talvez motivos de desilusão; ou mesmo uma pitada de solidão.” Conforme continuava a leitura, fui relembando momentos de minha adolescência, amigos e situações vividas. Como um pedaço de papel envelhecido teve tanto poder de trazer à minha mente lembranças há tanto tempo adormecidas?

Com certeza você já viveu algo parecido com antigas cartas, bilhetinhos, poemas, cadernos de escola, ou mesmo fotografias e coisas do gênero. Lembranças que estavam gravadas em sua mente, pessoas que

tiveram papel muito importante em sua vida, inúmeras alegrias e tristezas oriundas de situações vividas intensamente, vêm à tona por um registro que possui a força de nos fazer viajar de volta no tempo e reviver emoções outrora experimentadas.

Foi Deus quem nos fez assim. Por isso mesmo, preocupou-Se em nos deixar uma carta de amor, em relatar parte de uma história de amor eterno, escrita sob forma de poemas, parábolas e narrativas, que registram para nós aquilo que o tempo poderia apagar. Por isso é que Ele nos deu Sua Palavra Sagrada, a Bíblia.

A Bíblia é a memória de nossa história – não somente a história da humanidade, mas também a luta entre o bem e o mal dentro dessa história. Ao lermos suas páginas e meditarmos na mensagem nela contida, não vemos somente relatos, meras informações. O conhecimento sobre Deus fornecido pela Bíblia tem por objetivo mudar nossa vida e fazer com que criamos nEle. Por isso, ela é tão importante para nós. Ela nos ensina como Deus cuidou e protegeu a vida de inúmeras pessoas – logo nos dá a certeza de que estará conosco também. Isso me faz lembrar de uma frase que escrevi na primeira página de minha Bíblia: “Só temeremos o futuro se nos esquecermos daquilo que Deus fez no passado”. Acima de tudo, a Bíblia é a fonte de esperança e conforto que nos capacita a enfrentar as lutas do dia a dia. E que mensagem é esta que ela traz que tem tanto poder? A Bíblia é um relato de um Pai amoroso à procura de Seus filhos desgarrados.

Este poema de amor de Deus levou uns mil e quatrocentos anos para ser escrito por mais de 40 pessoas. Deus fez assim porque seria difícil que um único ser humano conseguisse expressar com sua linguagem toda a maravilha da obra divina.

Os seres humanos são limitados e, por mais que não gostemos de admitir, relatamos somente parte do que observamos. Imagine que cinco pessoas testemunhem um acidente de trânsito, e a polícia vai tomar o depoimento delas. Cada uma falará em essência sobre o ocorrido, mas os detalhes serão diferentes; pois cada qual captará segundo seus filtros pessoais e poderá descrever conforme o recurso de linguagem que dispõe. Se a Bíblia fosse escrita por uma só pessoa, como são muitos livros tidos por sagrados, teríamos o risco de seguir a história contada sob um só ponto de vista, o que seria extremamente

limitado e perigoso. Mas Deus, em Sua infinita sabedoria, nos revelou Sua Palavra através de várias pessoas, com culturas distintas e separadas pelo tempo e espaço. Mas quando lemos os textos não podemos identificar tantas diferenças. É como se uma só mente estivesse por trás do projeto. Não há contradição de mensagem. E esta Palavra divina se torna compreensível para todos, tanto os mais escolarizados quanto os menos escolarizados. Isso acontece porque, por trás dos 40 escritores, havia uma única mente guiando o projeto: o Senhor Espírito Santo.

Sendo o Espírito Santo o Ser divino que guiou todo o projeto da Bíblia, fica claro que para compreendermos sua mensagem precisamos da orientação dEle. Assim, a Palavra de Deus só deve ser aberta e estudada em oração, rogando ao Espírito Santo que a torne clara à nossa mente. Jamais podemos lê-la como um livro comum, e tampouco ela se revela a qualquer leitor descuidado. A verdade é como um tesouro escondido: é preciso cavar fundo para poder encontrá-la.

Você já deve ter tentado ler a Bíblia inúmeras vezes. Quem sabe, já começou o famoso Ano Bíblico uma dezena de vezes. E sempre que chega na parte das genealogias, com aquelas informações de pai de alguém, filho de alguém, e assim por diante, você desiste por ser isso muito cansativo. Ou, por mais que tenha avançado na leitura, existem tantos nomes de cidades, pessoas, reis, reinos e outras informações que parecem tão distantes e, às vezes, desnecessários, que você desiste de continuar lendo. Nota-se linguagem complicada em alguns lugares, termos e conceitos estranhos em outros. Realmente, a Bíblia é um livro difícil de ser lido e compreendido, se buscamos a verdade de forma superficial. Deus não Se revelará para aquele que não quiser realmente conhecê-Lo. Todavia, quem O buscar de todo o coração encontrará nas páginas sagradas o Deus maravilhoso que nelas Se revela. É o espírito com que buscamos a verdade que fará a diferença.

A Bíblia só revelará seus tesouros para aqueles que forem persistentes em seu estudo e em oração. Não basta uma leitura corrida, descuidada e superficial. É preciso dedicação e esforço que virão, se nosso real e sincero desejo for o de encontrar a verdade. É como uma menina apaixonada que recebe uma cartinha de seu amor. Ela lê com todo cuidado como se

pudesse beber daquelas palavras. E a lerá outras vezes para sorver cada palavra e os minuciosos detalhes que possam demonstrar todo o carinho e amor contidos naquelas letras. Prestará atenção na disposição das palavras, na melodia de sua leitura, e em seus significados. Lendo, lembrará de tantas coisas que viveram juntos e sonhará com momentos de felicidade e alegria quando puderem se encontrar. E qual não será a saudade que arderá em seu coração da presença daquele a quem ama tão profundamente! Essa carta será guardada no melhor local possível para ser preservada. A jovem namorada dedicará as melhores horas do dia para poder desfrutar da leitura daquela carta e, quem sabe, até dormirá com ela à sua cabeceira. Por que não temos esse mesmo apego e carinho à carta de amor que nosso Deus nos enviou? Por que tratamos a Bíblia como algo de pouco ou nenhum valor se ela é a mensagem amorosa de nosso Senhor e Criador?

Como boa parte das pessoas, sempre achei a Bíblia um livro difícil e muito cansativo de ser lido. Minha mãe me obrigava a ler trechos, ou fazer o Ano Bíblico, que nunca terminei, não da forma comum. Até que um dia tive um encontro com Jesus e resolvi estudar Sua carta de amor com dedicação e carinho. Decidi buscar a verdade por mais escondida que ela pudesse estar. E realmente foi o que percebi: cada vez que lia o mesmo trecho, novas idéias, mensagens mais profundas surgiam e mais apegado a ela eu ficava. A leitura de suas páginas se me tornou um prazer. Não só encontrei a verdade que tanto procurava, mas ainda continuo encontrando-a, cada vez mais profunda. Por meio dessa mensagem, conheci, não de ouvir falar, não pela boca de outros, não por testemunho de ninguém, um Deus maravilhoso que mudou minha vida. Ele me concedeu uma felicidade que jamais pensei achar e que me deu uma razão para amar e viver. Encontrei Deus na primeira leitura, mas percebi que quanto mais me aprofundo no estudo de Sua Palavra, mais intimamente O conheço e O amo. E posso ver que Ele sempre esteve conduzindo minha vida até aqui.

Somente com Sua Palavra, o Deus eterno criou toda a natureza que está ao seu redor, mundos, galáxias e o Universo. Essa Palavra tem poder de criar, recriar e transformar não somente coisas, mas sua vida.

Ouçá a Palavra de Deus que agora fala ao seu coração dizendo para você conhecê-Lo ainda mais.

Pegue sua Bíblia e leia-a, buscando ouvir essa Palavra poderosa. Assuma as promessas que nela estão



Erie Köhler

escritas, pois são promessas de Deus para você. Delicie-se com a carta de amor que Deus deixou para você no mais variado estilo. Leia seus poemas, cante seus hinos, emocione-se com suas histórias, aprenda com seus ensinamentos, tenha esperança com suas profecias e creia em suas verdades. A Bíblia é a suprema verdade que Deus deixou para você. É a carta divina na qual Deus afirma que o ama com amor eterno!

Aquele que já fez os SEE I, II e III e que já consolidou o hábito de buscar a Deus na primeira hora de cada manhã, passou a amar e seguir a Cristo. Quando a busca de Deus pela oração e o estudo da Bíblia se torna parte do estilo de vida, a pessoa se sente amada por Jesus, e esse sentimento resultará em esperança, paz, motivação e felicidade. A continuidade desse hábito fará com que cada dia a pessoa encontre a verdadeira razão para viver.

Para refletir:

Como você notou a Bíblia é uma declaração de amor de Deus para você.

De que forma isto pode melhorar sua vida, a de sua família e a de seus amigos?

Você se sente amado por Jesus? Que tal orar durante todo o dia pedindo que o seu amor por Cristo e Sua Palavra aumente mais e mais?

A TRINDADE



Shutterstock

Um Deus maravilhoso

A cerimônia do casamento é algo que mexe com todos. Parece que entramos em uma atmosfera diferente: a ornamentação é detalhada, a música é especialmente selecionada, há profusão de flores, os convidados estão vestidos com elegância, o pessoal encarregado da recepção é gentil e atencioso.

O matrimônio nos concede um vislumbre, ainda que muito pálido, do que é o relacionamento da divindade celestial. Evidentemente que Deus não é casado, nem possui distinção sexual. Porém, o conceito expressa-se em uma frase bem conhecida que diz: "Tornando-se os dois uma só carne" (Gn 2:24). Ninguém, em sã consciência, espera que ao ser pronunciada tal frase o noivo e a noiva sofram uma espécie de mutação e se transformem em um ser híbrido com quatro braços e duas cabeças. O fato é que, mesmo casados, os dois permanecem com sua individualidade.

O plano de Deus para a família humana era que o homem e a mulher experimentassem, dentro do casamento, uma integração profunda. Adão e Eva deveriam desfrutar de um relacionamento íntimo com

objetivos iguais, unidade em propósitos e planos, um conhecimento profundo e total um do outro, que permitisse a convergência das emoções, e até mesmo, uma identificação intelectual. Quase como se seus corações pulsassem no mesmo ritmo.

O primeiro casal tinha conhecimento íntimo um do outro. E essa intimidade é muito mais do que relacionamento sexual: é um saber dos desejos, anseios e vontades do outro. Adão podia olhar para Eva e quase saber o que ela estava pensando. Poderia até antecipar suas reações frente às circunstâncias, devido à profundidade de conhecimento mútuo.

O amor era o elemento primordial da unidade entre eles, e se revelava no altruísmo, ou seja, no abrir mão de si mesmo em prol do outro. O amor afetava o relacionamento dos dois em todo o sentido. E Deus compartilhou isso conosco, pois somente encontramos a verdadeira felicidade se amamos dessa maneira.

Como nosso maravilhoso Deus nos criou a Sua imagem e semelhança, podemos dizer que possuímos traços que representam características de seu Ser. Não

somos deuses; não temos onipotência, onisciência ou onipresença; não somos imutáveis; nem tão pouco eternos. Mas Deus, em Sua infinita graça, nos presenteou com a possibilidade de amar, criar, crescer, viver e outras mais. Além disso, nos concedeu, por meio do matrimônio, uma ideia, ainda que pálida, de como é o relacionamento entre os membros da Trindade celestial.

Deus nos criou macho e fêmea, como indivíduos diferentes, que se completam. Assim podem desfrutar de toda a profundidade do amor e de um feliz relacionamento. Foi Deus quem colocou no coração de Adão a necessidade de uma companheira. Mas não ficou nisso: Ele supriu essa falta com um presente especial: Eva.

De forma alguma, estamos dizendo que Deus é casado, ou possui sexo, e qualquer coisa parecida. Isso seria blasfêmia. Contudo, o que sabemos da Trindade, e, diga-se de passagem, é um conhecimento bastante limitado, indica que há uma perfeita união entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. É algo tão profundo, que não sabemos avaliar totalmente. Entre Eles há unidade de propósito, de pensamento, de ação, mas acima de tudo um amor completo, irrestrito, incondicional e abrangente. Assim, temos um único Deus, porém manifesto em três pessoas coiguais e coeternas, individuais, mas unidas intimamente.

De acordo com a revelação bíblica, a Divindade é composta de três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Não temos um Deus que ora Se faz de Pai, ora de Filho, e outras vezes, de Espírito Santo. Pelo contrário, temos um Deus Triúno, manifesto em três pessoas coeternas, igualmente perfeitas, completas e todopoderosas. É esse Deus maravilhoso que luta por nossa salvação e que almeja ter um encontro conosco.

Quem é Deus e como Ele é, tem sido uma pergunta feita pelo ser humano há muito tempo. Muitos povos criaram deuses para si, em geral, baseados nos elementos do cotidiano, como fenômenos da natureza, características do mundo e até mesmo sentimentos e qualidades inerentes ao ser humano. Como a criação sempre é um espelho de seu criador, projetavam em seus deuses elementos que são peculiares ao homem, ou seja, seus deuses eram à imagem e semelhança da humanidade. Por isso, essas divindades brigam entre si, ficam iradas e descontam no povo aqui embaixo. Adoram ser bajuladas e precisam ser convencidas a realizarem alguma coisa boa em prol da humanidade.

Desde pequenos, somos ensinados a identificar Deus o Pai como um senhor de barbas brancas, sempre distante, talvez com um olhar investigativo sobre nossa pessoa, buscando algum erro ou falha em nossa conduta para nos castigar com pragas e maldições. Por outro lado, parece que Jesus é um ser de voz meiga e gentil, clamando a esse Pai e intercedendo para que não sejamos destruídos. E, graças ao amor e sacrifício do Filho, o Pai nos livra da condenação. Já o Espírito Santo é o Ser menos conhecido da Divindade e, talvez por isso, fala-se tão pouco sobre Ele.

Contudo, nos esquecemos de que no começo da Bíblia, no relato da criação do mundo, o Espírito Santo já aparece como Criador, no mundo ainda caótico. No Evangelho de João (1:1, 2) e na epístola aos Hebreus (1:2), encontramos declarações de que Jesus foi o Criador de todas as coisas. Porém, o mesmo Jesus declara, no evangelho de Marcos (13:19), que Deus criou o mundo. Estes textos nos mostram que o Pai, o Filho e o Espírito Santo estavam presentes na criação do mundo; que nós fomos criados pelo Deus Triúno e, por isso, podemos compreender quando Deus diz: "Façamos o homem, à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gn 1:26). Vemos aqui o Criador falando e traçando planos no plural. É interessante notar que todas as demais criaturas surgiram por uma ordem expressa de Deus, mas o ser humano foi formado pelas Suas divinas e poderosas mãos. Fico pensando no trabalho de elaboração, na discussão sobre o projeto, na moldagem de cada detalhe. Quanto carinho demonstrado por um ser tão frágil como nós.

O apóstolo Paulo, também, faz uma referência magnífica ao trabalho conjunto de Pai, Filho e Espírito Santo no plano da salvação, ao falar da "graça do Senhor Jesus Cristo", do "amor de Deus", e da "comunhão do Espírito Santo" (2Co 13:13). Na verdade, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2Co 5:19) Não é maravilhoso ver que Jesus não estava aqui lutando sozinho por nós, mas que o Pai e o Espírito Santo estavam juntos na batalha por nossa salvação?

Podemos afirmar que nosso Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, está interessado em nossa redenção, luta por nós e quer restabelecer o relacionamento conosco. Jesus não tem que ficar tentando convencer ao Pai a nos aceitar e a nos amar. Somos amados pelo Pai e pelo Espírito Santo tanto quanto por Jesus.

O sacrifício feito por nossa salvação envolveu as três pessoas da Divindade. Foi um sacrifício de nosso maravilhoso Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Dando as últimas instruções a Seus discípulos, antes de Sua morte, Jesus falou que tudo o que pedíssemos em Seu nome, Ele realizaria (Jo 14:13). Depois Se referiu ao mesmo tema de pedirmos em Seu nome, acrescentando: “Não vos digo que rogarei ao Pai por vós. Porque o próprio Pai vos ama, visto que vós Me tendes amado e tendes crido que Eu vim da parte de Deus” (Jo 16:26, 27). Jesus está dizendo que o Pai nos ama! Ele atende nossas orações não por amor a Jesus, simplesmente, como se fosse forçado a fazê-lo, mas Ele nos ouve e nos alenta, respondendo aos nossos anseios, porque nos ama profundamente.

Lembremos do texto de João 3:16: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito.” Deus ama o mundo de maneira inacreditável e, por isso, por causa do Seu imenso amor, é que Ele nos deu o Seu bendito Filho. Deus não nos ama somente por causa de Jesus. Ele mesmo nos ama e, em virtude desse amor, nos deu Jesus. Nós temos um Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, que nos ama de forma extraordinária e, devido a esse amor, nos quer resgatar e salvar. O fato é que na entrega de Jesus vemos a entrega das demais pessoas da Divindade.

Talvez, não consigamos compreender toda a complexidade do relacionamento da Trindade Celestial. São muitos conceitos teológicos que se misturam, e há muito mistério, ou seja, verdade não revelada para nós. Mas, é assim que deve ser, pois Deus é infinitamente superior ao nosso limitado entendimento.

Muitos se esquecem de que Deus é o Criador e nós apenas criaturas. Não há como compreendermos completamente Aquele que é infinito. Podemos, de certo modo, absorver parcialmente pequenos raios de luz que emanam de Seu trono majestoso. Mas, o que temos é muito pouco, e nem na eternidade conseguiremos entrar em Seus conselhos e entendermos tudo a respeito de Sua pessoa e poder.

Deus nos revela aquilo que podemos absorver e que se faz necessário para nosso relacionamento com Ele. E isso basta. Quando nos aproximamos desse assunto sobre o qual não temos revelação suficiente, e por se tratar diretamente de nosso Supremo Criador, é necessário que sejamos cautelosos e zelosos,

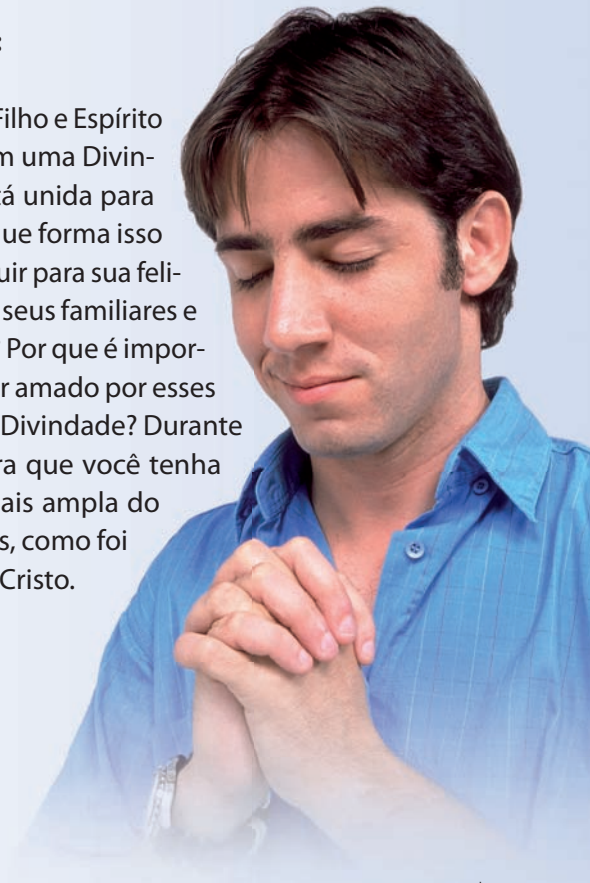
respeitando nossos limites, e reverentemente adorando a magnificência de Seu ser.

Infelizmente, o ser humano, na tentativa de dominar todo o conhecimento, arrogantemente, estabelece conjecturas sobre a Trindade Divina, como se esta pudesse ser expressa em conceitos humanos, tentando abarcar em uma definição Aquele que jamais poderá ser completamente definido por mentes humanas. Isto é muito perigoso. Sabemos o que precisamos saber: que Ele nos ama infinitamente e que podemos, pela graça e misericórdia dEle, nos relacionar com este Deus que é Todo-poderoso.

Há uma história que ouvi acerca de um menino que corria ao mar e buscava água para preencher sua piscina construída na areia da praia, na tentativa de esvaziar o grande oceano e, de certa forma, contê-lo naquele pequeno espaço. Creio que somos como esse menino ao nos confrontarmos com esse tema. Mas aprendi que não preciso dominar o mar para ser feliz e sentir-me amado, mesmo porque jamais poderei fazê-lo. Sou feliz em minha pequena piscina na areia.

Para refletir:

Deus Pai, Filho e Espírito Santo formam uma Divindade que está unida para salvá-lo. De que forma isso pode contribuir para sua felicidade e a de seus familiares e amigos hoje? Por que é importante se sentir amado por esses membros da Divindade? Durante o dia ore para que você tenha uma visão mais ampla do amor de Deus, como foi revelado em Cristo.





Sou amado por Deus

Muitas pessoas seguem a Deus por medo. Na verdade, não são seguidoras. São escravas de um temor, e ainda que não compreendam, simplesmente respeitam, pois foram ensinadas a agir assim. Mas não precisamos ir muito longe. Você já pensou nas razões por que segue a Deus? Você o segue por amor ou medo? Talvez você não saiba a resposta, porém, permita-me fazer outra pergunta: Você realmente acredita que Deus o ama? Ao cometer um pecado grave você consegue voltar e orar a Deus como fazia antes de cometer o erro, ou sente que precisa dar um tempo, fazer alguma coisa boa e quem sabe sofrer algo para poder se redimir diante dEle?

A carta de amor que Deus nos deixou apresenta algumas de Suas características. Destas vamos salientiar três:

1 – Deus é imutável em Seus atributos (Tg 1:17). Já percebeu que mudamos de humor o dia inteiro? Acordamos de um jeito, as atividades do trabalho alteram esse estado, e à noite, podemos estar de outra maneira. O caráter e a personalidade que desenvolvemos podem sofrer alterações durante a vida. Mas com Deus é bem diferente. Ele não muda nunca em Seus atributos. Isso nos dá a segurança de que Ele é

sempre o mesmo, e em qualquer situação podemos confiar nEle.

2 – Deus é eterno (Is 40:28). Ficamos surpresos quando alguém atinge a casa dos cem anos, e nos deslumbramos ao pensar na vida sem fim que teremos no Céu. O nosso Deus, porém, é muito mais do que tudo isso, pois Ele não tem começo, nem fim. Ele é o único Ser em todo o Universo que não está subordinado ao tempo, nem sofre a influência dele.

3 – Deus é amor (1Jo 4:8). O amor divino não pode ser confundido com o que humanamente chamamos de amor, que é limitado e, em geral, está vinculado a um desejo egoísta. O amor do nosso Deus é totalmente altruísta. Ou seja, pensa primeiro no outro. E não é resultado de nossa ação. Nós amamos porque Ele nos amou primeiro.

Essas características de Deus nos enchem de esperança e alegria, pois temos um Deus que nos ama de maneira incondicional. Seu amor não muda conforme nossas ações, e esse amor é eterno. Como Ele mesmo disse: “Com amor eterno Eu te amei” (Jr 31:3). Quão maravilhoso é ser amado dessa maneira, com amor infinito! Você é um amado de Deus!

Na mente de muitas pessoas, a mensagem de que

Deus é amor não coincide com a realidade que elas observam. Como um Deus que ama permite tanto sofrimento? Terremotos, fomes, pestes, guerras, violência, pobreza, miséria, todas essas coisas parecem depor contra a aceitação de que Deus possa ser realmente amor. Pode parecer cômodo explicar isso teologicamente, ou quando a dor não é nossa. Dizemos para um doente que ele deve confiar em Deus. E nós, confiamos nEle? Quando é nosso filho que está jazendo em um leito de hospital, desenganado pelos médicos, confiamos em Deus? E se ele vem a falecer, seguimos acreditamos que Deus é amor? Que amor é esse que permite que uma criatura inocente sofra e que não atende ao clamor do nosso coração? Sem sombra de dúvidas, o sofrimento humano é o grande teste em relação a aceitação da idéia de que Deus nos ama. Tem sido assim desde os tempos da antiguidade e será até o fim.

Os discípulos de Jesus encontraram um cego de nascença à beira do caminho. Em sua cultura e tradição, a enfermidade poderia ser vista como uma espécie de castigo divino por algum pecado cometido. Quanto mais pecaminoso o ato, mais severa seria a doença infligida. Havia, contudo, uma questão teológica que se levantava, pois era fácil explicar a realidade da enfermidade dessa maneira, desde que o indivíduo a tivesse adquirido ao longo de sua vida. Porém, e quando a pessoa nascia com alguma enfermidade? Surgiam duas possibilidades: o bebê estava pagando pelo erro de seus pais, ou estava pagando por algum pecado próprio cometido no ventre de sua mãe (os judeus acreditavam que um bebê pode pecar mesmo antes de nascer, como fazia Esaú lutando contra Jacó no ventre de Rebeca, cf. Gn 25:22).

Imagino o olhar de compaixão de Jesus para aquele homem, sobretudo, para os próprios discípulos. Eles estavam imersos em uma cultura religiosa errônea, e não conseguiam compreender as ações e ensinamentos de Jesus. Não eram pessoas de má índole, ou mesquinhas para com o sofrimento alheio. Eles eram cegos espiritualmente falando. Sua compreensão de quem era Deus os impossibilitava de usufruir uma experiência mais profunda e feliz.

Os discípulos ouviam que Deus é amor, mas sua prática religiosa ensinava o contrário. Tantos rituais praticados invariavelmente por anos, somente para

se sentir menos indignos e estar aptos para um encontro com o Senhor quando Ele aparecesse. Mal sabiam eles que estavam diante do Criador de todas as coisas, sem nenhuma parafernália ritualística ou cerimonial. Caminhavam lado a lado com Aquele que mantém o Universo pela força de Sua palavra. Em Sua misericórdia e terno amor, Jesus lhes respondeu que aquela enfermidade não era fruto de um desvio da lei de Deus, como um castigo dado pelo Senhor. Mas que Deus usaria aquela situação de cegueira para a glória de Deus e a transformaria em bênçãos na vida daquele homem e de tantos outros. Jesus curou aquele homem, restabeleceu-lhe a saúde e a dignidade.

Não é verdade que ainda pensamos como os discípulos? Quando vamos entender que o amor de Deus por nós é sempre o mesmo? Que, não importa o que façamos, Ele continuará nos amando da mesma forma, pois Seu amor não está condicionado às nossas ações nem é conquistado por nossa bondade ou esforço. Desde toda a eternidade Deus escolheu nos amar, e por esse amor existimos.

Enquanto você lê este texto seus pulmões se enchem de ar, seu coração continua batendo, e talvez agora, por haver mencionado, você nota a respiração e comece a ouvir o pulsar do coração em seu peito. O Sol nasce e se põe todos os dias, independente de toda a malignidade do ser humano, como se Deus estivesse dizendo a cada alvorada que ainda há uma chance de salvação.

Cada detalhe de Sua terna criação, a beleza das flores, o colorido dos pássaros, a diversidade da vida marinha, as belas montanhas quebrando a monotonia de uma planície, o vento que parece pentear a relva, os pequenos animais em seu laborioso e incansável serviço, como se estivessem em uma linha de produção, a risada gostosa de uma criança que se diverte com as brincadeiras de seu pai, o olhar apaixonado de um jovem que encontra seu primeiro amor, bem como toda a possibilidade de sermos, sentirmos, expressarmos e vivermos experiências únicas e fantásticas, foi Ele, o autor da vida, o Deus de amor, quem nos concedeu, para nossa felicidade.

Na beleza e alegria, talvez seja fácil ver o amor desse Deus maravilhoso. Porém é preciso que aprendamos a enxergar Sua bondosa mão em meio aos momentos de dor e sofrimento. Em minha vida tenho

aprendido a reconhecer o amor de meu Senhor em situações difíceis, mais do que na bonança e calma-ria. Acreditar que tudo o que acontece em minha vida é para meu bem, porque sei que Ele cuida de mim, tem garantido paz ao meu coração. Não posso dizer que as dores acabaram, que os problemas se torna-ram mais fáceis, ou que meu corpo não enfrenta a doença. Na verdade, todos os acontecimentos de mi-nha vida seguem como antes, mas tenho paz. E essa paz, que não advém de conhecimento dos fatos, ou domínio das circunstâncias, faz com que o peso seja aliviado e se possa dormir tranquilo cada noite. É a convicção de ser amado que traz a confiança que for-talece na jornada.

Alguns se sentem sozinhos neste mundo, e verda-deiramente esta vida é muito dura para se viver só. Sentem que não são amados. Sentem-se incompre-ndidos, não aceitos pelos demais, e que ninguém se importa com eles. Talvez, você já tenha se sentido as-sim em algum momento, ou esse momento tem in-sistido em perdurar e está se tornando sua realidade.

Cada dia você tem travado uma batalha, e alguns pensamentos ruins já andaram pairando por sua ca-beça. Você conhece a Bíblia, já ouviu muitas mensa-gens, e amigos já tentaram encontrar explicação para sua dor, mas nada disso o tem confortado. O que você precisa é acreditar que Deus o ama. Quando alguém diz que o ama e você não acredita nisso, de que vale esse amor para você? Quanto de bem pode fazer tal

amor, se você não crê nele? É preciso crer no amor de Deus e senti-lo fluindo por sua vida. Você deve deixar que as promessas de Deus sejam sua esperança. Con-vide-O para fazer parte de seu dia logo na primeira hora da manhã e viva em Sua presença a cada passo.

Saia hoje para enfrentar este dia com um sorriso nos lábios. Não porque tudo está resolvido, mas por acreditar que você tem um Deus que cuida de você, que o ama acima de tudo, que é capaz de mudar o curso do Universo só para salvar você. Levante a ca-beça e tenha a paz que somente Ele pode dar. Sinta-se amado e querido. E quem sabe, saia cantando uma canção que diz: “Deus é bom; Seus filhinhos somos. Deus é bom; quer o nosso amor. Amor nos faz con-tentes. Amor nos dá prazer. E para a lei cumprimos o amor nos dá poder.”

Que o Pai de amor o abençoe desde a primeira até a última hora deste dia.

Para refletir:

De que maneira o fato de que você é um filho ama-do de Deus, pode contribuir para melhorar sua au-toestima? Pensando bem, você tem razão para viver triste e melancólico, como se não tivesse a origem que tem? No seu DNA e em cada célula está escrito que Deus o ama. Existe alguma coisa em sua vida que o impede de enxergar esse amor? Ore e pense sobre essas coisas nas próximas 24 horas.



DEUS, O FILHO



Thiago Lobo

Meu incrível Salvador Jesus

Fazia muito calor naquela tarde. Meu colega e eu esperávamos que uma brisa suave amenizasse a situação. Já havíamos visitado várias casas e até aquela hora não havíamos vendido um livro sequer. Olhamos um para o outro e decidimos que era hora de voltar para casa. Antes de fazê-lo, paramos em uma venda na esquina e pedimos um pouco de água. A atendente logo perguntou o que nós fazíamos naquela rua todos os dias e porque não havíamos passado em seu estabelecimento ainda. Meu amigo, mais que depressa, tirou o prospecto e apresentou os livros que vendíamos. Ela ficou encantada e pediu o que falava sobre remédios e tratamentos naturais.

Ao sairmos, argumentei com ele, falando que aquela era a minha vez de fazer a oferta e não a dele.

Constrangido, me pediu desculpas, e disse para batermos na próxima casa; afinal, já estávamos ali. Relutei bastante. Estava cansado, com fome e o calor parecia consumir qualquer disposição para o trabalho. Chamei ao portão uma vez, e ninguém apareceu. Insisti uma segunda vez, novamente sem resposta. Quando começávamos ir embora, um rosto surgiu na porta entreaberta e disse: “Esperem um pouco!”

Passaram-se alguns minutos até que a senhora com olhar um tanto assustado abriu a porta por completo e veio até o portão, retirando o cadeado e nos convidando a entrar. Ficamos um pouco desconcertados frente a tanta hospitalidade. Começamos a conversar e sem muitas delongas apresentei o material. Devido ao cansaço, decidi demonstrar somente o que

tratava sobre o tema da saúde. Mas quando estava terminando a oferta, meu dedo abriu, por acaso (hoje sei que foi providência divina), uma página ilustrada do livro *Vida de Jesus*.

Imediatamente, ela perguntou que livro era aquele. Sem ter desculpas para dar, tive que apresentar todo o material. No fim da apresentação, ela perguntou o valor. Confesso que o disse, sem vontade alguma de vender, pois só queria ir embora. Toda a coleção sairia por um valor expressivo e ela não aparentava ter condições financeiras para comprá-la. Com um sorriso, disse que queria toda a coleção da melhor encadernação que houvesse. Fiquei pasmo, tão sem ação que meu amigo começou a preencher o pedido para mim.

Permanecemos naquela casa o restante da tarde explicando para aquela senhora e seus filhos quem éramos nós,

o que fazíamos e, o mais importante, quem era Aquele homem da ilustração que tanto havia chamado sua atenção.

Seus olhos brilhavam. Parecia beber cada palavra que dizíamos. Ela nos contou que juntamente com seu esposo buscavam uma religião para seguir e ensinar a seus filhos, e que orava a Deus para que enviasse pessoas que lhe mostrassem o caminho a seguir. Até hoje

ainda me emociono quando me lembro dessa família. Foram batizados e são fiéis membros de igreja. Deus sabia que ela não estava interessada em saber sobre saúde. O que buscava era Jesus e, quando Ele lhe foi apresentado, se apaixonou e nunca mais O deixou.

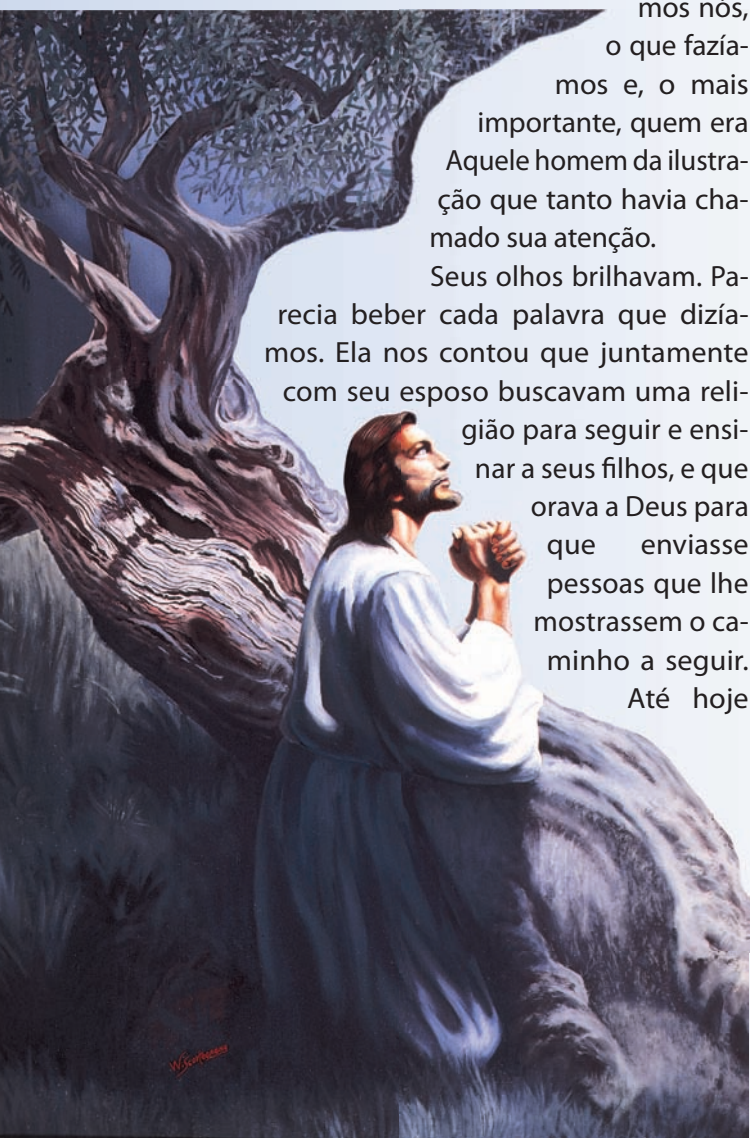
Alguma vez você já parou para pensar que, por vezes, estamos preocupados em apresentar doutrinas distintas, uma igreja bonita e organizada, estudos bíblicos profundos, uma lógica profética irrepreensível, todo um conhecimento sobre estilo de vida saudável, mas nos esquecemos de mostrar Jesus para as pessoas? Certamente, estas coisas são importantes, porém, parece que queremos convencer intelectualmente e deixamos de revelar Aquele que tem o verdadeiro poder de transformar vidas.

E não precisamos ir muito longe. Nós mesmos nos acostumamos de tal maneira com a religião, que ela passa a ser um emaranhado de rituais e normas a ser cumpridos. Nossos interesses focalizam-se em disputas teológicas, em períodos e miudezas proféticas. E quando um pregador se levanta para falar da pessoa de Jesus, muitos esboçam certo ar de desapontamento, como se esperassem ouvir algo novo e estivessem cansados desse assunto.

Jesus exerce fascínio a qualquer um que entra em contato com Ele. Muitos tentam compará-Lo a líderes espirituais e divindades de outras religiões. Porém, Jesus é incomparável. Todos os pretensos salvadores da humanidade foram homens, que, por algum processo de iluminação ou purificação, chegaram, segunda essas crenças, ao estado de divinização.

Jesus é diferente. A Bíblia apresenta Jesus como Deus que Se fez homem e habitou entre nós. Ele não foi um homem que se divinizou. Foi Deus que Se tornou homem. Ninguém pode ser como Ele. Sua natureza é única em todo o Universo. Ele é totalmente Deus e totalmente homem. Em Cristo, o humano e o divino se encontram em uma união misteriosa. Deus Se importou tanto conosco que Se fez homem. Que humilhação para Aquele que é Todo-poderoso, imortal, tornar-Se sujeito à morte. O Eterno entrou em nosso tempo e em nossa história. O Rei do Universo nasceu aqui como frágil ser humano. Isso é que é amor!

A auto-humilhação de nosso Deus Jesus Cristo avançou para um nível mais profundo ainda. Não bastasse o Criador rebaixar-Se na forma de criatura,



Wanderley Scoriggama

também, Se ofereceu como servo desta. Toda a vida de Jesus aqui na Terra foi de serviço e abnegação.

Cristo poderia ter exigido honras, glória e reconhecimento da parte do povo e de Seus discípulos. Mas, ao contrário de toda e qualquer expectativa, ele comia com pecadores, aliviava o sofrimento dos afligidos pelo pecado, curava enfermos, alimentava os famintos e consolava os cansados, quando Ele próprio necessitaria de conforto por todo o peso que levava sobre Seus sagrados ombros. Contudo, não pensava em Si. Esquecendo Seu próprio sofrimento, transformava-o em motivação para salvar as pessoas.

Como se não bastasse tudo isso, ainda lavou os pés dos discípulos. E no auge de Sua dor, pendurado na cruz, lembrou-Se de Sua mãe e pediu a João que cuidasse dela. Que amor é esse, capaz de abrir mão de si para fazer feliz a outros que não lhe dão valor, e que muitas vezes, não reconhecem Seu abnegado sacrifício. Fico a pensar em como os anjos contemplaram aquelas cenas de entrega total. Talvez nem eles, que conheciam em maior profundidade o caráter de Deus, tivessem imaginado que o amor divino pudesse ir tão longe, a ponto de Jesus entregar-Se à morte naquela terrível cruz.

Exatamente por Sua morte e ressurreição é que Jesus é diferente de qualquer pretensão salvador da humanidade. Ele é o único que a Si mesmo ressuscitou. Ele afirmou ter poder para isso: “Dou a Minha vida para a reassumir” (Jo 10:17). Jesus não dependia de algum outro para ressuscitar. Ele é a própria ressurreição, pois, a morte não pode conter o autor da vida. Ora, se nosso Salvador é a vida, se tem poder para re-assumi-la mesmo estando morto, não pode nos ressuscitar do pó da terra? Evidentemente, sim!

Essa é a certeza que devemos ter em nosso coração, que todo aquele que crê em o nome do Filho de Deus não precisa temer a morte, porque temos um Deus que tem poder sobre a morte. Nosso temor deve ser o de afastar-nos deste Salvador amoroso, pois longe da vida caminhamos para a morte. A esperança do crente em Jesus vai além da morte. Ele deixou a confortante promessa: “Sê fiel até a morte e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2:10).

Jesus é maravilhoso! Então por que falamos tão pouco a respeito dEle? Por que damos mais atenção a discussões infrutíferas, perdemos tempo com programas

de TV e leituras que não acrescentam nenhum valor à nossa vida, quando deveríamos estar meditando na vida do Ser mais incrível de todo o Universo? Jesus deve ser o tema de nossas conversas, o centro de nossos pensamentos, o alvo de nossas ações e a razão de nossa vida.

Aquela mulher que comprou meus livros naquela tarde quente e abafada me ensinou uma lição que jamais esquecerei: As pessoas estão cansadas de sermões apenas teóricos e de programas especiais que mais entretêm do que nutrem a vida espiritual. O que elas almejam, desesperadamente, é conhecer Jesus, o Filho de Deus. Desejam encontrar-se com Ele para poder experimentar a paz e o amor que somente Ele pode lhes conceder. São como aqueles gregos que pediram a Filipe para ver Jesus (Jo 12:20-23). Eles não pediram milagres, explicações teológicas acerca do messianismo, ou qualquer outra coisa importante, mas não é fundamental. Eles queriam conhecer Jesus.

Quantas pessoas estão perecendo ao nosso redor, almejando ser tocadas por Jesus e nós não O estamos revelando ao mundo. Nossos vizinhos, amigos, colegas de trabalho e da faculdade andam ansiosos por algo que dê sentido à vida deles. Buscam respostas às suas angústias mais profundas. E como nós não os conduzimos a Jesus, estão se perdendo, indo ao encontro de falsos salvadores que nada podem oferecer. Cavam cisternas rachadas, enquanto nós temos a água da vida e não mitigamos sua sede. Isso ocorre porque temos medo ou pela vergonha de nos expor. Tais pessoas estão perdidas e nos esquecemos de apresentar-lhes o Caminho.

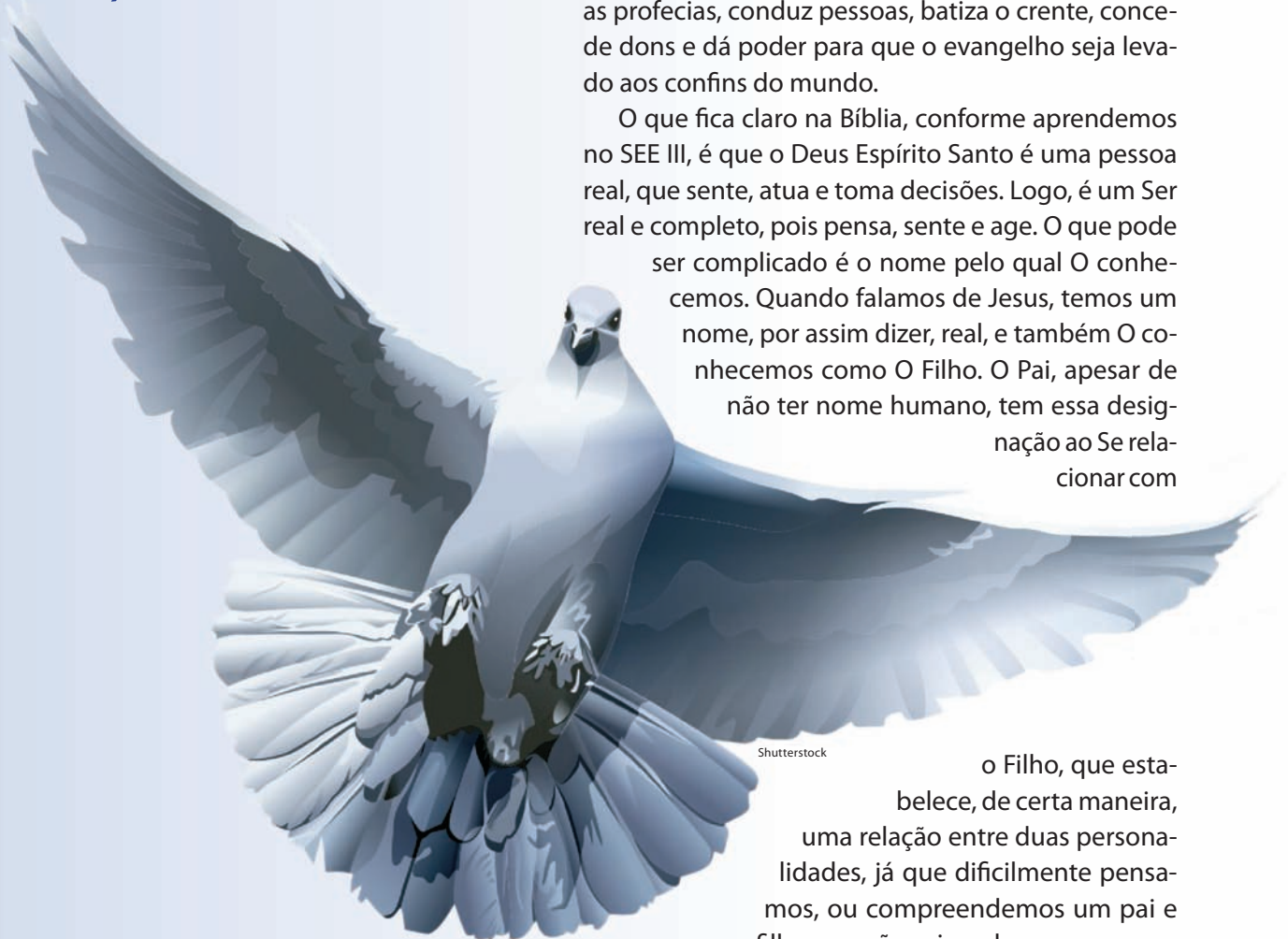
Doutrinas e profecias são importantes, mas, de nada valem se não conduzem a Jesus. Ele é o Caminho, a verdade e a vida. Apresentemos Jesus às pessoas. Exaltemos Sua cruz. Compartilhemos Seu amor. E o mundo conhecerá o poder do Evangelho! Contudo, não se pode dar aquilo que não se tem.

Para refletir:

De maneira prática, como o fato de que Jesus é seu Salvador pode melhorar sua vida hoje? Que lições pode tirar para sua vida da maneira como Ele tratou as pessoas?

Pela graça e o poder do Espírito Santo, coloque em seu coração: Hoje eu quero viver como Jesus viveu. Quero amar como Ele amou. Nas próximas 24 horas ore a esse respeito.

DEUS, O ESPÍRITO SANTO



Shutterstock

explícita ou, poderíamos dizer, mais revelada. Ele dá as profecias, conduz pessoas, batiza o crente, concede dons e dá poder para que o evangelho seja levado aos confins do mundo.

O que fica claro na Bíblia, conforme aprendemos no SEE III, é que o Deus Espírito Santo é uma pessoa real, que sente, atua e toma decisões. Logo, é um Ser real e completo, pois pensa, sente e age. O que pode ser complicado é o nome pelo qual O conhecemos. Quando falamos de Jesus, temos um nome, por assim dizer, real, e também O conhecemos como O Filho. O Pai, apesar de não ter nome humano, tem essa designação ao Se relacionar com

o Filho, que estabelece, de certa maneira, uma relação entre duas personalidades, já que dificilmente pensamos, ou compreendemos um pai e um filho que não sejam duas pessoas.

Quando pensamos no nome “Espírito Santo”, dado à terceira pessoa da Divindade, vem à nossa mente, influenciada pela cultura greco-romana, a ideia de algo não material, não físico, algo como uma fumaça, sombra ou névoa. Enfim, é difícil visualizarmos em pé de igualdade o Espírito Santo juntamente com o Pai e o Filho. É, talvez, por esta percepção que algumas pessoas entendem mal a pessoa do Divino Espírito, tratando-O como se fosse algo sem forma, sem mente, sem personalidade, um não ser: por fim, uma energia ou espécie de forma ativa de Deus.

Qualquer definição que fuja à de que o Espírito Santo é Deus, tanto quanto o Pai e o Filho, é contrária à Bíblia, não sendo fruto de revelação, mas da tentativa de adaptar a Palavra de Deus àquilo que nossa mente quer acreditar, ou seja, um engano.

Mesmo entre aqueles que dizem acreditar no que a Bíblia revela, há alguns que veem o Espírito Santo

Meu Deus Espírito Santo

Milhares de pessoas possuem uma compreensão equivocada de Deus Espírito Santo. Por isso, caem no engano satânico de pensar que uma possessão, na verdade demoníaca, ou um êxtase de sentimentos e emoções descontroladas são manifestações de Sua santa presença. Ou, em outro extremo, por temor a essas manifestações, afastam-se completamente de Sua influência e tentam viver um cristianismo frio, não envolvente e sem poder de transformar a vida.

Deus Espírito Santo aparece pela primeira vez na Sagrada Escritura no relato da criação de nosso mundo, “pairando sobre as águas” (Gn 1:2). Davi pede que o Espírito Santo não seja retirado dele (Sl 51:11). Em Isaías 63:10 é dito que o Espírito Santo pode ser contristado. Nos evangelhos e demais livros do Novo Testamento, o Espírito Santo aparece de maneira mais

como mera força que pode ser dominada, ou energia a ser transmitida, como se Ele fosse uma espécie de poder místico, ou até mesmo mágico, que pode ser manipulado pelo ser humano. Isso é blasfêmia. É dessa forma que alguns líderes religiosos têm lidado com Aquele que é bendito eternamente.

Contudo, principalmente entre os membros de nossa igreja, as pessoas, por medo de desviar-se do caminho, ou ainda por ter uma religião ritualística, controlada e definida por elas mesmas, têm ignorado a presença do Senhor Espírito Santo nos cultos, e até O expulsado da própria vida. Mas, temos nos esquecido de que não é possível viver o cristianismo verdadeiro sem a presença do Espírito Santo como guia de nossa vida. Qualquer tentativa de religião sem comunhão diária e real com Ele será um fracasso e levará ao esfriamento e liberalismo, ou à falsa experiência do legalismo. Nesse caso, a religião se resume a rituais e costumes, é fria e vazia de sentido, que não transforma e, acima de tudo, do tipo que não conduz ao cumprimento da missão.

O próprio Jesus disse que o Senhor Espírito Santo seria nosso Consolador, que estaria sempre ao nosso lado, e que convenceria ao mundo do pecado, da justiça e do juízo. Você consegue pensar em uma vida cristã sem esses elementos? É impossível! Então, acredito que uma questão se torna clara em nossa mente: precisamos, urgentemente, do Senhor Espírito Santo em nossa vida.

A presença do Senhor Espírito Santo não leva a uma escravidão mental. Jamais fará com que um êxtase de sentimentos desgoverne seu senso da realidade. Jesus foi o maior exemplo da atuação do Espírito Santo na vida de uma pessoa, e não conhecemos nenhum relato de que Ele ficava em transe, pulando, gritando, girando, se contorcendo ou falando línguas sem sentido. Na verdade, conhecemos um Jesus manso, suave e gentil,

no controle total de Suas emoções, com mente aberta e liberta pelo poder da verdade. E assim deve ser na vida do cristão sincero. A presença do Espírito em nossa vida trará paz e serenidade. Libertará nossa mente dos enganos satânicos pelo poder da verdade de Sua Palavra, e fará de nós filhos e filhas de Deus.

Parafraseando Martin Luther King, posso dizer que “eu tenho um sonho”. Esse sonho está constantemente diante de meus olhos. Almejo o dia em que o povo de Deus, com a força e a liberdade trazidas pela verdade, e repleto com o poder da presença do Senhor Espírito Santo na vida, proclamará esta mensagem maravilhosa de modo tão espetacular e surpreendente que ninguém poderá impedi-la. Tal poder já foi visto em escala reduzida nos tempos apostólicos. No entanto, está à disposição de todo aquele que o deseja e o busca intensamente. E é isso que nos falta! Precisamos do Senhor Espírito Santo em nossa vida hoje, agora, nesse momento. Você já clamou a Deus por isso, hoje?

O Senhor Espírito Santo é real. Não é uma energia vazia. É uma pessoa e, portanto, você pode se comunicar e se relacionar com Ele.

Para refletir:

Um amigo sempre me repetia uma frase que dizia: “O mundo desconhece o poder de um homem 100% entregue ao Espírito Santo.” E, logo em seguida, me perguntava: “Você será esse homem?” Em nome de Jesus, diga sim! Agora peça ao Espírito Santo: Batiza-me mais uma vez conforme tens feito todos os dias e dá-me esse poder vivificante e santificador para as próximas 24 horas. Conforme aprendeu no SEE III, viva hoje na plenitude da bênção do Céu e leve essa atmosfera a todas as pessoas com quem entrar em contato.

A CRIAÇÃO



Feitos para outro mundo

“Olhe para fora. Olhe para o céu!” Minha esposa repetia a ordem toda vez que nossa filhinha Marcella (na época, com um ano e meio de idade) insistia em brincar olhando para o assoalho do carro. Viajávamos para Lavras, MG, a fim de participar de uma semana de aulas num curso de pós-graduação na Faculdade Adventista de Minas Gerais (Fadminas), onde eu ministraria aulas de Ciência e Religião. A estrada ficou bastante sinuosa, quando faltavam umas duas horas para chegar ao colégio, e Marcella começou a ficar enjoada, justamente por não dar ouvidos ao conselho da mãe. Tivemos que parar o carro para ela esvaziar o estômago.

Em nossa jornada pela vida, devemos sempre lembrar deste conselho: “Olhe para o Céu; olhe além!” Quando concentramos a atenção apenas nas coisas deste mundo, nas banalidades da mídia, nas conversações

frívolas, nas teorias humanas, a vida se torna “enjoada”, sem sentido, vazia. Muitos vivem enfastiados, acabam se acostumando ao mal-estar e talvez ignorem o remédio.

No livro *Cristianismo Puro e Simples*, C. S. Lewis escreve: “As criaturas não nascem com desejos, a menos que exista satisfação para eles.

Um bebê sente fome: bem, existe uma coisa chamada comida. Um patinho quer nadar: bem, existe uma coisa chamada água. [...] Se eu encontrar em mim mesmo um desejo que nenhuma experiência neste mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é que fui feito para outro mundo.”

Feitos para outro mundo. Por isso é bom estar constantemente olhando para lá, para não esquecer nossa origem e destino. Em Colossenses 3:1 e 2, o apóstolo Paulo aconselha: “Portanto, se fostes ressuscitados com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da Terra.” Quando aceitamos Jesus como Salvador e Senhor, experimentamos o novo nascimento, nova origem e novo rumo na vida. As coisas “de cima” passam a ter precedência sobre as temporais, passageiras. Ao olhar para o alto, a existência aqui embaixo assume novo sentido e as coisas são colocadas em sua devida posição. A viagem se torna prazerosa, e mesmo que venham curvas e obstáculos no caminho, fica mais fácil transpô-los.

Quando lhe sobrevierem o desânimo e o enjoo que acometem os viajantes da vida, não se esqueça: olhe para o alto; olhe para o Céu; olhe para Jesus. Lembre-se de que você tem uma nobre origem e um futuro maravilhoso.

Criados num jardim, não em uma caverna

É justamente essa compreensão da origem e do destino humanos que o inimigo de Deus luta por ofuscar

em nossa mente, para que voltemos os olhos para baixo e fiquemos enjoados. E é vasto o cardápio de teorias de que ele dispõe. Uma delas é o evolucionismo.

Apocalipse 14:6 e 7 diz: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.”

Se João tivesse usado um computador para registrar essa visão, diríamos que ele “copiou” parte do texto de Êxodo 20:11 e “colou” em seu livro profético. Apocalipse 14 chama atenção para a questão determinante da adoração: devemos temer (respeitar) a Deus. Qual Deus? O todo-poderoso e único Deus Criador do Universo; o nosso Criador e Redentor.

Mas o evolucionismo afirma que todos os seres vivos na Terra evoluíram a partir de um ancestral comum que teria surgido no passado remoto. Para os evolucionistas naturalistas, Deus é desnecessário nesse processo. Somos apenas animais racionais. Nada temos de especial em relação aos outros seres, a não ser a capacidade mental. E mais: a história da Criação, como relatada no livro de Gênesis, seria apenas mito. Pura lenda ou alegoria.

Acontece que, quando desconsideramos o relato bíblico da Criação, ocasionamos um efeito dominó em toda a teologia cristã. Se não houve uma árvore do conhecimento do bem e do mal e a transgressão voluntária de nossos primeiros pais, conseqüentemente, a morte, as doenças e a dor são inerentes à criação. Para que teria morrido Jesus, se o pecado faz parte de uma história mitológica? E a volta de Jesus para resgatar os que aceitaram a redenção? Seria outro mito cristão? Claro que não.

A verdade é que a doutrina da Criação confere sentido à vida justamente porque mostra o tipo de existência que Deus projetou para Suas criaturas. No mundo ideal de Deus, seres dotados de livre arbítrio viveriam felizes, livres do sofrimento e capazes de desenvolver todas as maravilhosas faculdades com que foram dotados. O pecado estragou tudo, mas o plano da recriação está de pé e é graciosamente oferecido por Jesus a cada ser humano. Enquanto o novo céu e a nova Terra não vêm, Deus nos apresenta em sua Palavra o guia para a vida plena, mesmo aqui deste lado da eternidade:

- Alimentação – Gênesis 1:29 nos apresenta a dieta apropriada para o ser humano.
- Casamento – Gênesis 2:24 mostra o tipo de relacionamento ideal entre homem e mulher: (1) ambos deixam a casa dos pais; (2) casam-se; (3) e se tornam “uma só carne”. É essa sequência de eventos que, quando seguida, torna o casamento uma bênção.
- Mordomia – Gênesis 1:28 mostra que Deus incumbiu homem e mulher de cuidar da natureza, como bons administradores. Isso é compromisso ecológico.
- Trabalho – O fato de o Criador ter colocado o primeiro par num jardim, para dele cuidar, revela desde os primórdios da história deste planeta a nobreza e a importância do trabalho.

Resumindo: o relato da Criação em Gênesis fornece os pilares da vida com propósito. Se não fomos criados como a Bíblia registra, a moral, a santidade do matrimônio, os valores éticos, etc., são esvaziados de sentido. Se somos apenas animais racionais, por que devemos confiar em nossos padrões de conduta? Afinal, “se Deus não existe, tudo é permitido”, como bem expressou Dostoievski.

Graças a Deus, Jesus veio a este mundo na condição de segundo Adão para mostrar que há esperança para a humanidade. Referindo-se à ressurreição de Cristo, o escritor G. K. Chesterton disse que “[os amigos de Cristo] estavam contemplando [...] o primeiro dia de uma nova criação, com um novo céu e uma nova Terra; e sob as aparências de um jardineiro Deus passeava novamente pelo jardim, não no frescor da noite, mas do amanhecer” (citado por James Stuart Bell e Anthony P. Dawson, em *A Biblioteca de C. S. Lewis*, p. 46).

Lembre-se: Fomos feitos para outro mundo e devemos olhar para o alto, para o mundo que virá e que perdemos por algum tempo. Mas que será nosso de novo, se aceitarmos Jesus como Salvador e permitirmos que Ele nos recrie.

(Michelson Borges, jornalista e editor na Casa Publicadora Brasileira; mantém o blog www.criacionismo.com.br)

Para refletir:

A Sua origem está inseparavelmente ligada ao Deus Criador dos céus e da Terra.

De que forma isso pode ajudar sua vida hoje?

Pense e ore sobre isso nas próximas 24 horas.

A afirmação de que Deus criou os céus e a Terra tem causado muita crítica, indiferença e ceticismo. A compreensão dessas discórdias está no conflito entre o bem e o mal. Ao apresentar o evolucionismo como verdade, Satanás procura derrubar muitos dos pilares que fundamentam a fé cristã, como o sábado. Se o ser humano e a Terra vieram à existência por processo evolutivo, não houve uma semana de criação e, conseqüentemente, nunca existiu o sábado como o sétimo dia da semana. Na sequência, os dez mandamentos da lei de Deus perdem toda a sua veracidade.

A explicação mais segura para as origens do mundo é a que está na Bíblia: Deus é o Criador. Em Seus planos estava a idealização de um lugar onde os seres humanos pudessem ter o *habitat* ideal para crescer e se desenvolver. “Pai e Filho empenharam-Se na grandiosa, poderosa obra que tinham planejado – a criação do mundo. A Terra saiu das mãos de seu Criador extraordinariamente bela” (*História da Redenção*, p. 20).

“Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras de Tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste: ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo; as aves do céu, e os peixes do mar, e tudo o que percorre as sendas dos mares” (Sl 8:5-8). O salmista estava se referindo certamente ao homem que saiu das mãos do Criador.

Não havia em toda a natureza alguém a quem Deus tivesse confiado tantos poderes. Ao homem Deus deu vida, poder de escolha, reprodução e autoridade. O ser humano poderia decidir, pensar e refletir. Também poderia gerar novas vidas, teria autoridade, inteligência



e domínio sobre tudo o que foi criado na Terra.

Foi uma semana inteira de criação, com tantos elementos criados e conduzidos para um propósito final: a criação do homem e da mulher. Por uma semana Deus gastou tempo para produzir um mundo que seria a morada desse casal.

Ellen White diz: “O homem foi originariamente dotado de nobres faculdades e de um espírito bem equilibrado. Era um ser perfeito, e estava em harmonia com Deus. Seus pensamentos eram puros, santos os seus intentos. Mas pela desobediência, suas faculdades foram pervertidas, e o egoísmo tomou o lugar do amor. Sua natureza tornou-se tão enfraquecida pela transgressão que lhe era impossível, em sua própria força, resistir ao poder do mal. Fez-se cativo de Satanás, e assim teria permanecido para sempre se Deus não tivesse intervindo de modo especial. Era desígnio

do tentador frustrar o plano divino quanto à criação do homem, e encher a Terra de miséria e desolação. E todo este mal ele apontava como consequência da criação do homem por Deus” (*Caminho a Cristo*, p. 17).

Falando da formação do homem, a Bíblia diz que este foi formado do barro e Deus soprou nele o fôlego de vida (Gênesis, cap. 2). Assim, barro + fôlego = “alma vivente” (Gn 2:7). A vida recebida de Deus deveria ser eterna, caso o homem continuasse obediente às ordens de Deus. Se pecasse, morreria e finalmente voltaria ao pó, como diz Eclesiastes 12:7: “E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu”.

Procurando levar o primeiro casal à queda, Satanás procurou negar a seriedade e a gravidade do pecado, com sua frase mentirosa “é certo que não morreréis” (Gn 3:4). Ellen White diz que ele fez isso por inveja. “Satanás foi outrora um honrado anjo no Céu, o primeiro depois de Cristo. Seu semblante, como o dos outros anjos, era suave e exprimia felicidade. Sua testa era alta e larga, demonstrando grande inteligência. Sua forma era perfeita, seu porte nobre e majestoso. Mas quando Deus disse a Seu Filho: “Façamos o homem à Nossa imagem” (Gn 1:26), Satanás teve ciúmes de Jesus. Ele desejava ser consultado sobre a formação do homem, e porque não o foi, encheu-se de inveja, ciúmes e ódio. Ele desejou receber no Céu a mais alta honra depois de Deus” (*Primeiros Escritos*, p.145).

Qual era o plano de Deus em colocar sua imagem no ser humano? A criação do homem à imagem de Deus é uma das melhores maneiras para compreendermos a Deus.

Deus criou o homem como ser integral. Deus é, nesse sentido, também um ser integral, total. Nada acontece em qualquer parte do Universo – a queda de um pardal, o choro de um de Seus filhos – sem o acompanhamento de Deus. Ele não somente criou o Universo, como também o mantém continuamente.

Toda a natureza é importante para Deus. Ele considerou tudo muito bom. E esse tudo incluía o ser humano, comissionado por Deus para cuidar dos demais seres criados, além de cuidar do próprio corpo.

Deus nos criou não somente indivisíveis (não “temos” uma alma; “somos” uma alma vivente), mas também livres. Isso também reflete a imagem de Deus no homem. Nossa capacidade de ir além, não apenas de descobrir, mas estar ciente de todo esse processo de descoberta é o que nos dá uma qualidade única entre todas as criaturas da Terra.

Quando Deus desejou miríades de anjos, Ele criou miríades de anjos. Entretanto, quando quis povoar a Terra com seres humanos, criou Ele apenas dois – um homem e uma mulher – e fê-los compartilhar do cuidado das coisas e seres criados. Isso significa que, de certa forma, eles seriam responsáveis pelo caráter de todas as futuras gerações. Deus também permitiu que os seres humanos pensassem e agissem – não meramente reagissem – até mesmo discordando de Suas ideias. E quando nossos primeiros pais se rebelaram contra Deus e suas ordens, Ele não os rejeitou simplesmente ou os abandonou como um pai desapontado. Ele, que havia idealizado o plano da salvação antes de criar o homem, haveria de pô-lo em prática através da encarnação de Seu Filho, Jesus Cristo.

Tudo o que Satanás tirou de nós por meio do pecado, Jesus nos restituiu por Seu sacrifício. A imagem e semelhança divinas no ser humano serão completamente restauradas por meio do sacrifício de Jesus Cristo, o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29).

Para refletir:

De que forma o fato de ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, pode melhorar minha autoestima? Como essa verdade ajuda em meu relacionamento com demais pessoas? Deus me dotou de todos os recursos para que eu possa viver com dignidade hoje. Ore e pense nisso nas próximas 24 horas.



O GRANDE CONFLITO

Você já parou para pensar que está numa guerra onde seu inimigo o segue invisivelmente a cada passo? Que usa de toda a astúcia e estratégia do engano para derrotá-lo? Que neste conflito está em jogo a salvação diária? Nossa jornada de hoje vai focalizar a necessidade de se compreender e considerar a importância desse ensino de Cristo e a extrema necessidade de se entender a plenitude da Palavra de Deus como a única salvaguarda contra o inimigo.

Onde começou e qual foi o desfecho desse grande conflito em sua fase inicial? Para onde foi transferido? Como o inimigo voltou a agir nesse novo ambiente? Como foi derrotado e como podemos sair vitoriosos nesse conflito?

Onde começou o conflito

“Houve peleja no Céu. Miguel e os Seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram os seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no Céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim foi atirado para a terra e com ele os seus anjos” (Ap 12:7-9).

É possível que você tenha neste momento algumas interrogações: Por que Lúcifer pecou? Uma vez que Deus sabia das consequências do pecado para o Universo, por que Ele não destruiu o anjo rebelde logo no início, antes que ele enganasse outros anjos?

Para que possamos estudar esse tema, na perspectiva correta, vamos ouvir a palavra profética: “Satanás decidiu subverter o plano de Deus. Não precisamos tentar compreender os motivos que induziram o ser logo abaixo de Cristo nas cortes celestes a levar a inveja e o ciúme às fileiras de anjos. Comunicou a muitos o seu descontentamento e houve guerra no Céu, a qual terminou com a expulsão de Satanás e seus simpatizantes. Não precisamos aturdir nossa mente em busca do motivo pelo qual Satanás agiu como o fez. Pudesse encontrar-se uma razão, haveria desculpa para o pecado. Mas não há desculpa. Não há razão para que os seres humanos percorram o mesmo

terreno que Satanás percorreu” (*Manuscrito 97*, 1901; citado em *O Cristo Triunfante*, MM 2002, p. 19).

O que podemos entender é que “embora o surgimento do pecado seja inexplicável e injustificável, suas raízes podem ser encontradas no orgulho de Lúcifer”. As passagens de Ezequiel 28:17 e Isaías 14: 13-14 deixam claro que, por causa do orgulho, Lúcifer se revoltou contra Deus, Seu caráter e Sua lei. Por causa dessa rebelião, Satanás se tornou adversário e inimigo de Deus. Depois de ser rejeitado em todos os mundos não caídos, resolveu estabelecer seu reino aqui na Terra.

O conflito veio para a Terra

“Depois que Satanás foi expulso do Céu, decidiu estabelecer seu reino sobre a Terra. Por meio dele o pecado entrou no mundo, e pelo pecado, a morte. Dando ouvidos às suas falsas acusações contra Deus, Adão caiu de seu elevado estado e as comportas da miséria se abriram sobre nosso mundo” (*Ibid.*).

Cristo, que derrotou o inimigo lá no Céu, afirmou: “Eu vi a Satanás caindo do Céu como um relâmpago” (Lc 10:18).

Vivendo felizes diariamente na presença do Pai, como outrora vivia a terça parte dos anjos que pecaram, inexplicavelmente o casal foi seduzido e enganado. Não havia desculpas para se colocar contra Deus duvidando de Suas palavras e de Seu amor. “Todos os seus desejos eram generosamente supridos. De nada mais necessitava ele. Uma só proibição lhe fora imposta. [...] Satanás usou essa proibição como forma de insinuar suas malignas sugestões. (*Manuscrito 97*, 1901; citado em *O Cristo Triunfante*, MM 2002, p. 19).

Com a queda do casal, o novo planeta estaria para sempre arruinado pelo pecado e o ser humano se degradaria e se perverteria de tal forma que se tornaria igual ao próprio Satanás. Estaria eternamente perdido.

Só havia uma saída para Deus ser justo e amoroso ao mesmo tempo: cumprir o plano da redenção (Ap 13:8), por meio de Seu Filho, “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29). Sem hesitar, o Pai fez a Adão e Eva a primeira promessa de salvação, dizendo à serpente, instrumento de Satanás: “Porei inimizade entre ti a mulher, entre a tua descendência e o Seu Descendente. Este te ferirá a cabeça e tu lhe ferirá o calcanhar” (Gn 3:15).

Da mesma forma que inexplicavelmente ocorreu o “mistério da iniquidade”, também seria necessário o mistério inexplicável do amor: a vinda do Servo Sofredor, mencionado em Isaías 53 (Leia esse capítulo, medite nele e considere o contraste entre essas forças antagônicas).

Por meio do pecado, era plano do diabo fazer de cada criatura um ser igual a ele próprio. Logo percebeu que isso era possível. Como deve ter se alegrado ao ver seu primeiro seguidor, Caim, fazer o que ele faria a Cristo! Como deve ter vibrado, ao perceber as multidões antediluvianas fazendo exatamente o que ele queria! A raça humana foi tão longe que teve que ser destruída por um dilúvio, devido à sua pecaminosidade e depravação. Mas o inimigo não desistiu. Ele prosseguiu sua obra maléfica com os descendentes de Noé, continuando-a até nossos dias. Mas “vindo a plenitude do tempo Deus enviou Seu Filho” (Gl 4:4), para dar um basta na ação do inimigo. O Cordeiro “morto desde a fundação do mundo” (Ap 13:8) devia Se manifestar, conforme as Escrituras previam.

Como foi derrotado

“Por ocasião da morte de Cristo, Satanás viu que estava derrotado. Viu que seu verdadeiro caráter foi claramente revelado diante de todo o Céu, e que os seres celestiais e os mundos que Deus criara estariam inteiramente do lado de Deus. Viu ele que suas perspectivas de influência futura junto deles seriam completamente eliminadas. A humanidade de Cristo demonstraria, através dos séculos eternos, a questão que liquidou o litígio” (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 255).

Mas Satanás não desiste de nenhuma pessoa que crê no Filho de Deus e ataca de dia e de noite. Diz-nos a Palavra de Deus: “Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Ef 6:12).

Como ser um vencedor

“Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram” (Ap 12:11).

Pare por um momento e medite: O pecado arruína, destrói, torna o homem inimigo de Deus. Mas o

sangue de Cristo nos purifica de todo o pecado, ainda que seja como escarlata. Ore e louve Deus pela dívida de Seu Filho.

Cristo nos proporciona tudo o que é necessário para vencermos as tentações de Satanás: Sua Palavra, Seu exemplo, Seu sangue, Sua graça, Sua misericórdia, Seu Espírito. Mas devemos nos apropriar de todos esses meios. E é aí que entra a nossa parte. Precisamos decidir usar a armas do Cordeiro. O uso que delas fizermos determinará nossa vitória ou derrota.

Podemos ser vitoriosos nesse conflito caso decidamos buscar diariamente os recursos divinos já na primeira hora de cada manhã. Medite neste texto: “Satanás bem sabe que todos quantos ele puder levar a negligenciar a oração e o exame das Escrituras serão vencidos por seus ataques” (*O Colportor Evangelista*, p. 82).

Conclusão

Temos diante de nós uma peleja, um conflito por toda a vida, com Satanás e suas sedutoras tentações. O inimigo empregará todos os argumentos, todos os enganos, para causar nossa queda. Sabendo disso, “se desejamos ganhar a coroa da vida temos de empregar esforço fervoroso, perseverante. Não devemos depor a armadura nem abandonar o campo de batalha, antes que tenhamos alcançado a vitória e possamos triunfar em nosso Redentor. Enquanto continuarmos a conservar os olhos fitos no Autor e Consumador de nossa fé, estaremos seguros. Mas nossas afeições têm de ser postas nas coisas de cima, não nas da Terra. Pela fé devemos erguer-nos, e cada vez mais alto, na realização das graças de Cristo. Contemplando diariamente Seus inefáveis encantos, devemos ir-nos transformando mais e mais à Sua gloriosa imagem. Enquanto assim vivermos em comunhão com o Céu, será em vão que Satanás nos arme suas ciladas” (*Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 104).

Para refletir

Como vimos, em grande parte, nosso maior conflito cada dia é contra nosso eu não consagrado. Porém, quando combatemos nossas inclinações carnis com as armas do Cordeiro nos tornamos mais que vencedores. Como isso pode me ajudar a viver melhor hoje? Ore e pense nisso nas próximas 24 horas.

VIDA, MORTE E RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Cada dia estamos envolvidos numa guerra e não há como ficar neutro. Estamos com o bem ou com o mal, em cada pensamento ou ação. As perguntas a serem feitas são: O que devo fazer para estar sempre do lado bem. Qual é o ideal do Pai para minha vida nas próximas 24 horas? Na jornada de hoje, vamos buscar a resposta para essas e outras preocupações, estudando a vida, morte e ressurreição de Cristo.

A forma como Cristo viveu revela como o Pai quer que eu viva hoje. Por meio de Sua morte, o Salvador provê libertação para o pecado em todas as suas manifestações. Ele pagou tudo o que a justiça requeria. Pela ressurreição, venceu a morte e Se tornou vencedor da confederação das forças do mal e estendeu os benefícios da Sua vitória a todos os Seus filhos.

A vida de Cristo – exemplo e inspiração

Pedro viveu junto de Jesus durante todo o Seu ministério público e O acompanhou nas mais diferentes situações. Veja o testemunho dele: “Porquanto para isto mesmo foste chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os Seus passos, o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em Sua boca; pois Ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-Se Àquele que julga retamente” (1Pe 2:21-23).

Cristo veio como o segundo Adão, Se revestiu da humanidade e decidiu não usar Seus poderes divinos ao enfrentar as dificuldades e tentações enquanto aqui viveu. Como homem, teve fome e sede, sentiu frio, cansaço, tristeza, e até chorou. Mas, nunca deu lugar ao diabo, nem jamais cedeu em nenhum momento às tentações. Não houve nenhuma mancha de pecado em Sua vida.

Jesus vivia na presença do Pai em comunhão e obediência desde a primeira até a última hora do dia. Ele próprio afirmou: “Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai” (Jo 15:10). Seus acusadores buscavam uma forma de acusá-Lo, mas Ele os desafiava dizendo: “Quem dentre vós me convence de pecado?”

(Jo 8:46). “Tinha infinito poder só porque era perfeitamente obediente à vontade de Seu Pai. O segundo Adão resistiu ao embate da prova e tentação para que pudesse tornar-Se o Proprietário de toda a humanidade” (Mensagens Escolhidas, v. 3, p. 141).

Jesus veio para mostrar como o Pai queria que Adão vivesse e como gostaria que nós vivêssemos. Como não há desculpa para o pecado de Adão, também não há para o nosso. A palavra profética diz: “Cristo foi tentado por Satanás de maneira cem vezes mais severa do que Adão, e sob circunstâncias cada vez mais difíceis. O enganador apresentou-se como anjo de luz, mas Cristo lhe resistiu às tentações. Redimiui a queda infeliz de Adão, e salvou o mundo” (*Minha Consagração Hoje*, MM 1989, p. 323).

“Cristo assumiu nossa natureza humana, e viveu nossa vida para mostrar-nos que podemos ser semelhantes a Ele” (*O Cuidado de Deus*, MM 1995, p. 87).

Antes de continuar, medite e ore a respeito da seguinte mensagem: “A despeito de nossa corrupção humana, quando nos submetemos a Cristo o nosso coração se une ao Seu coração, nossa vontade emerge em Sua vontade, nossa mente se torna uma com a Sua mente, nossos pensamentos são levados cativos a Ele; vivemos Sua vida. Somos cobertos com o manto da Sua justiça. Quando Deus contempla o crente e penitente pecador, Ele não vê a nudez e deformidade do pecado, e sim o manto da justiça formado pela perfeita obediência de Cristo à santa lei. Ninguém pode ser verdadeiramente justo, se não estiver sob a proteção desse manto” (*Nisto Cremos*, p. 144).

Por Sua morte – resgate e salvação

Na cruz, Cristo uniu e resgatou a raça humana. “... pelo Seu sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção” (Hb 9:12).

Cristo invadiu a fortaleza do império das trevas e nos resgatou definitivamente para Seu reino. O apóstolo Paulo registrou assim esse resgate: “... nos tirou da potestade das trevas e nos transportou para o reino do Filho do Seu amor” (Cl 1:13).

Aqueles que não tinham esperança viram a luz e a salvação. “Naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus

no mundo. Mas, agora, em Cristo Jesus, vós que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, sois da família de Deus” (Ef 2:12-13, 19). Todos fomos unidos na dádiva da cruz. A morte que era nossa Ele a levou sobre Si e a vida que era dEle passou a ser nossa.

Mas o ser humano deve fazer sua parte: crer e receber diariamente o Filho como Salvador e justificador: “... para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16). E ainda acrescenta o apóstolo João: “E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em Seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida” (1Jo 5:11, 12). O inimigo agora não tem mais nenhum direito sobre aqueles que creem em Cristo. Nem mesmo a morte pode separar o crente de Seu Salvador: “Disse Jesus: Eu Sou a ressurreição e a vida. Quem crê em Mim, ainda que morra viverá; e todo o que vive crê em Mim não morrerá eternamente” (Jo 11:25, 26).

Por Sua ressurreição – vitória sobre o império da morte:

A ressurreição era o tema central da pregação dos apóstolos. O Cristo que fora morto, mas que ressuscitava vitorioso sobre a morte e sobre o império do mal, voltaria outra vez e tiraria os mortos do sepulcro, concedendo-lhes a vida eterna.

Essa pregação mexia diretamente com o ódio de Satanás e seus seguidores. Já imaginou a segunda vinda sem a ressurreição? Satanás tem buscado cegar a humanidade sobre isso com a doutrina da imortalidade. “Se por ocasião da morte a alma entrava na felicidade ou desdita eternas, onde a necessidade de ressurreição para os míseros corpos que se reduzem a pó?” (*Vida e Ensinos*, p. 41).

Paulo destacou a relevância dessa doutrina com as seguintes palavras: “Se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé. E assim somos também considerados como falsas testemunhas de Deus, pois testificamos de Deus, que ressuscitou a Cristo, ao qual, porém, não ressuscitou, se, na verdade, os mortos não ressuscitam. Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé,

e ainda permaneceis nos vossos pecados. E também os que dormiram em Cristo estão perdidos. Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens. Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem” (1Co 15:13-20).

E impossível alguém crer em Cristo e não acreditar na doutrina da ressurreição. Ao concluir, gostaria que imaginasse como será o momento da ressurreição, quando abraçaremos nossos entes queridos que “morreram em Cristo”. Em oração medite nas palavras de Paulo: “Eis aqui vos digo um mistério: na verdade nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade. E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? [...] Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo” (1Co 15:51-57).

Para refletir:

O que Cristo tem reservado para nós é glorioso e inimaginável. Que nenhum de nós fique fora da vida eterna. O desafio para nós hoje é dado pelo apóstolo Paulo: “Meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor” (1Co 15:58).

De que forma isso pode melhorar a sua vida hoje? Ore e pense nisso nas próximas 24 horas.



A EXPERIÊNCIA DA SALVAÇÃO

Em o seu aspecto objetivo, a salvação, não é apenas uma doutrina, mas é uma Pessoa. No seu aspecto subjetivo, ela não ocorre no vácuo, mas por obra do Espírito Santo, na vida de cada ser humano que a aceita pela fé em Cristo Jesus. Em relação ao passado, o pecador experimenta os aspectos iniciais da salvação: a atração, o arrependimento, a justificação e seus resultados.

O pecador é atraído a Deus pela manifestação do amor de Cristo, proclamado na vida e morte de Jesus Cristo. “Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim” (Jo 12:32). Quando Cristo atrai as pessoas com o Seu eterno amor e Sua benignidade, pela atuação do Espírito Santo (Jr 31:3; Os 2:14; 11:4) elas são conduzidas ao arrependimento. “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados” (At 2:37, 38; 3:19). O arrependimento é uma “radical mudança de atitude em relação a Deus e ao pecado” (*Nisto Cremos*, p.170).

Sob a atuação do Espírito Santo, os pecadores percebem a seriedade do pecado e sentem tristeza e culpa em relação a ele. Sentem o desejo de confessá-lo e abandoná-lo, porque percebem que seus pecados ofendem a santidade de um Deus puro e bom. O arrependimento verdadeiro, portanto, leva o pecador a renunciar seus pecados e a confessá-los (Lv 5:5). Dessa maneira, o arrependimento chega ao clímax na conversão do pecador (*Nisto Cremos*, p. 171).

O arrependimento não resulta do esforço humano, embora aconteça antes do perdão. O arrependimento é um dom de Deus ao pecador, o qual é conduzido pela bondade de Deus a essa experiência, pela operação do Espírito, que o “convence do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16:8; cf. At 5:31; Rm 2:4). O pecador é, dessa maneira, perdoado ou justificado. Quando isso ocorre, ele é liberto da culpa, da condenação e do poder escravizador do pecado. Torna-se uma pessoa espiritualmente livre. “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte” (Rm 8:1, 2). Justificação, portanto, é “o ato divino pelo qual Deus declara justo

um pecador penitente, ou o trata como justo” (SDA-BC, v.1, p. 635).

A justificação abre caminho para outras realidades na vida daquele que foi justificado: santificação, adoção de filhos, certeza da salvação, vida vitoriosa e vida eterna (Rm 8:29,30, 33, 34).

A santificação segue-se à justificação. Ambas estão intimamente ligadas, nunca separadas e sempre distintas. Pela justificação passamos a ter direito à vida eterna. Pela santificação nós nos adaptamos a ela. A santificação é a atuação divina na vida do pecador arrependido, no sentido de torná-lo santo, ou seja, separado para Deus. “Nessa vontade [de Deus] é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas” (Hb 10:10); “Tais fostes alguns de vós [ímpios], mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus” (1Co 6:11).

Ao ato de justificação segue-se a santificação, como um processo que dura toda a vida. Ela é a busca constante e contínua da semelhança com Cristo. É o desejo íntimo de querer ser mais santo a cada dia. É a procura da perfeição em todos os aspectos da vida, pela obra do Espírito Santo. E esse processo inicia-se na justificação, que é descrita por Paulo, em Tito 3:3-7, como o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo. É nesse ponto que justificação e santificação, embora distintas, relacionam-se intimamente, na vida do pecador. Na justificação o pecador recebe do Espírito Santo o poder para viver vida santa, o que Paulo chama de lavagem da renovação e regeneração do Espírito Santo. Dessa maneira, filhos de Deus pela criação tornam-se filhos de Deus pelo perdão. São agora filhos adotivos de Deus. Não se deve, contudo, entender a adoção como inferioridade, mas antes como superioridade. Os direitos dos filhos adotivos no plano da salvação superam aqueles usufruídos pelos homens antes da queda. Basta só citar o fato de que o centro do governo de Deus vai se transferir para o planeta Terra, e o Senhor habitará na Terra recriada e renovada (Ap 21:1-3). Deus irá viver entre os homens para sempre.

A justificação traz consigo a humilde certeza e a alegria da salvação. E no poder do perdão temos uma nova vida em Cristo Jesus, uma vida vitoriosa (2Co

5:17). Dessa forma, procurando cada dia mais comunhão com Deus e lutando contra a tendência pecaminosa que habita em nós, prosseguimos na caminhada cristã convictos de que Jesus já tomou toda a providência para nos dar o direito à vida eterna. Nosso caráter, portanto, precisa ser transformado interiormente, porque o pecado alcança muito mais do que o nosso comportamento. Ele está arraigado no âmago de cada pessoa. É justamente aí que Deus atua com o poder do Espírito Santo para nos transformar conforme o modelo, Jesus Cristo.

Deus quer atuar muito além do nosso exterior. Ele quer transformar nossa vontade, desejo, sentimento, pensamento, caráter, estado e até nossa natureza. E é claro Deus quer mudar nossa aparência, nossos atos, palavras, atitudes, vestuário, estilo de vida, recreação, nossos gostos musicais, tudo.

A busca dessa experiência de renovação deve ser diária. Paulo diz que o homem interior precisa ser renovado dia a dia, com o poder vivificante e santificador do Espírito Santo (2Co 4:16; Ef 3:16). Essa foi a experiência de Cristo nas primeiras horas de cada manhã, ao receber o batismo do Espírito Santo. Aqueles que estão vivendo na prática os ensinamentos do SEE III também têm experimentado esse poder no seu íntimo.

Por que necessitamos dessa experiência como crentes justificados e santificados? Paulo nos responde: “E, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus. Ora, Àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o Seu poder que opera em nós, a Ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre” (Ef 3:17-21).

Para refletir:

Pela graça, o Senhor Jesus opera diariamente minha justificação e santificação, proporcionando-me o poder para viver como salvo. Como isso deve afetar minha atitude em relação aos meus irmãos de fé e com a comunidade em geral? Busque de algum modo

compartilhar com alguém hoje essa sua experiência de salvação. Pense e ore sobre esse assunto nas próximas 24 horas.



DYNAMIC GRAPHICS

“E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos. [...] Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Ef 4:11-15).

O Hormônio de Crescimento (GH) é uma substância produzida por uma glândula no cérebro denominada hipófise. Esse hormônio promove o crescimento durante a infância e continua tendo um papel importante no metabolismo durante a vida adulta. A deficiência do hormônio de crescimento provoca várias anomalias entre elas o nanismo. (www.novonordisk.com.br e www.copacabanarunners.net)

Crescer é uma equação inseparável da vida física e espiritual. O crescimento físico exige cuidado, ambiente, alimento, exercício e treinamento adequados, como também uma vida que tenha um propósito. Como crescemos em Cristo e amadurecemos como cristãos? Quais são as evidências do crescimento espiritual?

A vida cristã começa com a morte. Na verdade, com duas:

(1) *A morte de Cristo.* A cruz está no centro do plano de Deus para a salvação. Sem ela, Satanás e suas forças demoníacas não seriam derrotados, nem o problema do pecado teria sido resolvido, tampouco a morte seria esmagada. Sem a cruz, não poderia haver perdão dos pecados, nem vida eterna, nem vitória sobre Satanás. A cruz foi o sacrifício supremo.

A verdade é que Cristo, ao dar a Sua vida na cruz, esmagou o poder de Satanás. Na cruz, o Salvador “ganhara a batalha. Sua destra e Seu santo braço Lhe alcançaram a vitória. Como vencedor, firmou Sua bandeira nas alturas eternas. [...] Todo o Céu triunfou na vitória do Salvador. Satanás foi derrotado, e sabia que seu reino estava perdido” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 758).

(2) *A morte do eu.* O apóstolo Paulo definiu apropriadamente essa verdade ao afirmar: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2:19, 20).

A vida cristã, portanto, não começa com o

nascimento. Começa com a morte. Até que o “eu” morra, que seja crucificado, não há nenhum começo. Ellen White expressa essa mesma ideia ao declarar: “A vida cristã não é uma modificação ou melhoramento da antiga, mas uma transformação da natureza. Tem lugar a morte do eu e do pecado, e uma vida toda nova. Essa mudança só se pode efetuar mediante a eficaz operação do Espírito Santo” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 172). Paulo fala tanto da morte para o pecado quanto da ressurreição para uma nova vida, através da experiência do batismo: “Porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com Ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida” (Rm 6:3, 4).

Algo acontece com alguém que aceita Jesus como Salvador e Mestre. Simão, o hesitante, tornou-se Pedro, o corajoso. Saulo, o perseguidor, tornou-se Paulo, o proclamador. Tomé, o incrédulo, tornou-se o missionário além-mar. A covardia deu lugar à coragem. A incredulidade deu lugar à tocha da fé. A inveja foi substituída pelo amor. O interesse próprio se desfez deixando aparecer a preocupação com o próximo. Não havia mais lugar para o pecado no coração. O “eu” estava crucificado.

Na vida cristã, a morte do “eu” não é uma opção, mas uma necessidade. Dietrich Bonhoeffer afirmou: “Se o nosso cristianismo deixou de ser sério no que diz respeito ao discipulado, se diluímos o evangelho tornando-o um mero êxtase emocional sem qualquer exigência custosa que não consegue mais distinguir entre a existência natural e a cristã, então consideraremos a cruz não mais que uma calamidade cotidiana ordinária, como uma das provações e tribulações da vida. [...] É a mesma morte cada dia – a morte em Jesus Cristo, a morte do velho homem que atendeu o Seu chamado” (*The Cost of Discipleship*, p. 78, 79).

Um terceiro aspecto do crescer em Cristo é viver a nova vida. Uma das maiores incompreensões sobre a vida cristã é que a salvação é uma dádiva gratuita da graça de Deus – e acabou-se a história. Sim, a graça é gratuita. Mas a graça custou a vida do Filho de Deus. Graça gratuita não significa graça barata. Para citar Bonhoeffer outra vez: “Graça barata é pregar sobre o perdão sem requerer arrependimento; sobre o batismo sem a disciplina da igreja; sobre a Santa Ceia sem

a confissão; sobre absolvição sem a confissão pessoal. Graça barata é graça sem discipulado, graça sem a cruz, graça sem o Jesus Cristo vivo e encarnado” (*Ibid.*, p. 47).

Paulo escreve aos coríntios reforçando os resultados da graça na vida do cristão. Primeiro, ele fala de sua própria experiência: “Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1Co 15:10). Paulo, portanto, reconhece a supremacia da graça de Deus em sua vida. Semelhantemente, ele roga aos crentes que “não recebeis em vão a graça de Deus” (2Co 6:1).

Embora não possa ser visto naturalmente, o hormônio do crescimento tem um papel fundamental no crescimento humano. Seu resultado pode ser observado quando as crianças são medidas e o pediatra constata que o desenvolvimento delas está dentro da normalidade. Assim deve acontecer com todos aqueles que experimentam o novo nascimento – eles devem crescer até “à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4:13). Quais são, todavia, as evidências desse crescimento?

1. Uma vida cheia do Espírito. Sem o poder regenerador do Espírito Santo, a vida cristã nem pode começar. São o poder transformador e a presença do Espírito em nossa vida que nos fazem filhos e filhas de Deus (Rm 8:14).

2. Uma vida de amor e unidade. O pecado tem-nos separado de Deus e dividido a humanidade em uma multidão de facções – raciais, étnicas, de gênero, de nacionalidade, cor, castas, etc. Paulo afirmou: “Desarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3:28).

3. Uma vida de estudo. O alimento é essencial e básico para o crescimento. Mas onde encontramos nosso alimento espiritual? Primariamente em duas fontes: na Palavra de Deus e na oração. Jesus demonstrou a importância da Palavra de Deus ao afirmar: “Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4).

4. Uma vida de oração. Se a Palavra de Deus é o pão que alimenta nossa espiritualidade, a oração é a respiração que a mantém viva. “A oração”, diz Ellen White, “é um dos mais essenciais deveres. Sem ela ninguém pode manter-se no caminho cristão. Ela eleva, fortalece e enobrece. É a alma falando com Deus” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 2, p. 313).

5. Uma vida que produz frutos. Produzir frutos é um importante aspecto do crescimento cristão. A salvação pela graça é frequentemente considerada uma negação da obediência e da produção de frutos. Sim, somos salvos gratuitamente pela fé no que a graça de Deus fez por meio de Cristo, e nada temos, em nós mesmos, do que nos gloriar (Ef 2:7, 8; Jo 3:16). Mas não somos salvos para fazer o que quisermos. Somos salvos para viver de acordo com a vontade de Deus.

6. Uma vida de guerra espiritual. O discipulado cristão não é uma jornada fácil. Estamos engajados em uma guerra real e perigosa. Diz Paulo: “Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis” (Ef 6:12,13).

Deus, todavia, não nos deixa sozinhos nessa guerra. Ele nos deu a vitória em e através de Jesus. “Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Co 15:57).

7. Uma vida de adoração, testemunho e esperança. O crescimento cristão não ocorre em um vácuo. Ele ocorre, de um lado, dentro da comunidade dos redimidos e, do outro lado, como uma testemunha diante da comunidade que precisa ser redimida. Sem a adoração coletiva, perdemos a identidade.

O crescimento cristão exige crescimento em serviço e um crescimento que leva a testemunhar. “Assim como o Pai Me enviou”, Jesus disse, “Eu também vos envio” (Jo 20:21). A vida cristã nunca significou uma vida encerrada no círculo do próprio eu, mas uma vida sempre voltada para o serviço e dedicada a testemunhar para os outros.

(Extraído e adaptado do livro Nisto Cremos)

Para refletir:

Como uma criança passa por um processo de crescimento dia após dia até chegar ser grande, o mesmo ocorre na vida cristã. Então meu primeiro compromisso com Deus deve ser buscar esse crescimento. Você tem crescido dentro da expectativa do Pai? Existe alguém ou coisas que têm tirado o seu momento habitual de comunhão com Deus? Pense e ore acerca disso nas próximas 24 horas.

A IGREJA

“Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima” (Hb 10:25).

Um frequentador de igreja escreveu para o editor de um jornal e declarou que não fazia sentido ir aos cultos todos os domingos: “Eu tenho ido à igreja por 30 anos e durante esse tempo devo ter ouvido uns três mil sermões. Mas, por minha vida, com exceção de um ou outro, não consigo lembrar a maioria deles. Assim, eu penso que estou perdendo meu tempo e os pastores também estão desperdiçando o tempo deles.”

Essa carta iniciou uma grande controvérsia na coluna “Cartas ao Editor”, para alegria do editor-chefe do jornal, que recebeu diversas cartas, das quais, ele decidiu publicar esta resposta de outro leitor: “Eu estou casado há mais de 30 anos. Durante esse tempo minha esposa deve ter cozinhado umas três mil refeições. Mas, por minha vida, com exceção de uma ou outra, eu não consigo me lembrar da maioria delas, mas de uma coisa eu sei, todas elas me nutriram e me deram a força que eu precisava para fazer meu trabalho. Se minha esposa não tivesse me dado essas refeições, eu e nossos filhos estaríamos desnutridos ou mortos. Da mesma forma, se eu não tivesse ido à igreja para alimentar minha alma e a de minha família, estaríamos hoje em terríveis condições espirituais” (www.sitedopastor.com.br).

O que é a igreja?

A igreja é a comunidade de crentes que confessam a Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Em continuidade do povo de Deus nos tempos do Antigo Testamento, somos chamados para fora do mundo e nos unimos para prestar culto, para comunhão, para instrução na Palavra, para a celebração da Ceia do Senhor, para o serviço a toda a humanidade e para a proclamação mundial do evangelho. A igreja recebe sua autoridade de Cristo, o qual é a Palavra encarnada, e das Escrituras, que são a Palavra escrita. A igreja é a família de Deus. Adotados por Ele como filhos,

seus membros vivem com base no novo concerto. A igreja é o corpo de Cristo, uma comunidade de fé, da qual o próprio Cristo é a cabeça. A igreja é a noiva pela qual Cristo morreu, para que pudesse santificá-la e purificá-la. Em Sua volta triunfal, Ele a apresentará a Si mesmo igreja gloriosa, os fiéis de todos os séculos, a aquisição de Seu sangue, sem mácula, nem ruga, porém santa e sem defeito.

O fundamento da igreja

Dominado pela ira, o idoso homem desferiu um golpe na grande rocha que tem diante de si, com a vara que carregava nas mãos (Nm 20:10). Mas, uma vez que atribuiu a si próprio o milagre da água que brotou da rocha, em vez de atribuí-lo à verdadeira Rocha, que é Cristo, Moisés pecou. Em virtude desse pecado, não pôde entrar na Terra Prometida (Nm 20:7-12).

Em seu último sermão apresentado ao povo de Israel, Moisés – talvez recapitulando o incidente – utilizou a metáfora da rocha para descrever a estabilidade e confiabilidade de Deus: “Engrandeci o nosso Deus. Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas, porque todos os Seus caminhos são juízo; Deus é fidelidade, e não há nEle injustiça; é justo e reto” (Dt 32:3, 4). Séculos mais tarde, Davi ecoou o mesmo tema: “De Deus dependem a minha salvação e a minha glória; estão em Deus a minha forte rocha e o meu refúgio” (Sl 62:7). Pedro testificou que Cristo preencheu essa predição, não na qualidade de pedra comum, mas de “pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa” (1Pe: 2:4). Paulo identificou-O como o único fundamento seguro, dizendo: “Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo” (1Co 3:11). Referindo-se à rocha que foi ferida por Moisés, ele afirmou: “E beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo” (1Co 10:4). O próprio Jesus Cristo utilizou a imagem diretamente ao declarar: “Sobre esta pedra edificarei a Minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16:18). Coisa alguma poderia prevalecer contra uma igreja construída sobre tão sólido fundamento, por Ele mesmo representado. Dessa Rocha as águas vivificadoras haveriam de fluir para saciar a sede das nações.

A igreja e o mundo

Como cidadãos, os membros da igreja procedem do mundo, pois todos pertencem a alguma nação, raça ou família. Todavia, ao se tornarem membros do corpo de Cristo, recebem outra cidadania, passando a ser cidadãos do reino dos Céus. Os membros da igreja devem ser distintos do mundo, pois a Bíblia considera o mundo um elemento corruptor, que pode destruir o caráter distintivo do crente (1Jo 2:15, 16).

“Por conseguinte, é um grave equívoco dos crentes quando a igreja tenta incorporar em seus cultos os entretenimentos mundanos, incluindo a música profana, na tentativa de atrair pessoas. [...] É impossível alguém imaginar Jesus atraindo multidões com um conjunto musical que executasse a música que se ouvia na corte de Herodes, como aquela que foi usada quando da dança sensual de Herodias” (R. N. Champlin e J. M. Bentes, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, v. 3, p. 226).

A igreja e a cruz

Com a vinda de Jesus, Israel foi colocado sobre uma linha divisória. O povo de Deus esperava um Messias que viria para libertar a nação, mas não um Messias que os libertasse de si mesmos. Na cruz, a bancarrota do Israel espiritual se tornou evidente. Ao crucificarem a Cristo, demonstraram externamente a decadência que grassava no íntimo. Quando clamaram: “Não temos rei senão César!” (Jo 19:15), recusaram-se a permitir que Deus governasse sobre eles.

Na cruz, duas missões opostas atingiram o clímax: a primeira, dizia respeito a uma igreja equivocada, tão centralizada em si mesma que não conseguia ver o próprio Ser que a trouxera à existência; a segunda foi a missão de Cristo, tão centralizada no amor às pessoas que Se ofereceu para morrer no lugar delas, a fim de poder conceder-lhes existência eterna.

Uma igreja distinta

Ao passo que a cruz significou o fim da missão de Israel, a ressurreição de Cristo inaugurou a igreja cristã e sua missão. A igreja do Novo Testamento foi edificada tanto com judeus convertidos, quanto com gentios que creram em Jesus Cristo. Assim, o verdadeiro Israel

é composto por todos aqueles que, pela fé, aceitam Cristo. A igreja do Novo Testamento difere significativamente de sua congênera do Antigo Testamento. A igreja apostólica se tornou uma organização independente, separada da nação israelita. Fronteiras nacionais foram removidas, concedendo à igreja um caráter universal. Em lugar de uma igreja nacional, se tornou ela uma igreja missionária, cuja existência tinha em vista cumprir o propósito original de Deus, e que foi reafirmado por divino mandato de Seu fundador, Jesus Cristo: “Fazei discípulos em todas as nações” (Mt 28:19).

A igreja pode ser classificada como: (1) igreja visível – é a igreja de Deus organizada para o serviço; (2) igreja invisível – também conhecida como igreja universal, é composta dos filhos de Deus em todo o mundo. Inclui os crentes que estão dentro da igreja visível e muitos outros que, embora não pertencendo à igreja visível, têm seguido a luz que Cristo lhes concedeu (Jo 1:9).

Por intermédio do Espírito Santo, Deus conduz Seu povo da igreja invisível para uma união com Sua igreja visível. É somente nesta que eles poderão experimentar plenamente as verdades de Deus, Seu amor e companheirismo, já que Ele concedeu à igreja visível os dons espirituais que edificam seus membros coletivamente e individualmente (Ef 4:4-16). Após a conversão de Paulo, Deus o colocou em contato com a igreja visível e então lhe indicou a missão que deveria desempenhar em favor da igreja (At 9:10-22). Da mesma forma, pretende Ele, hoje, conduzir Seu povo para a igreja visível.

O conselho da Palavra de Deus nunca foi tão atual. Se há um tempo em que necessitamos congregar-nos, esse tempo é hoje, pois, vivemos no tempo em que, sem dúvida, podemos afirmar que o “Dia do Senhor” se aproxima. *(Extraído e adaptado do livro Nisto cremos)*

Para refletir:

A igreja não é o templo, não é uma atividade. De fato, a igreja sou eu. Onde eu estiver, aí está a igreja, a noiva do Cordeiro, coluna e baluarte da verdade, a porta da salvação para o pecador. Eu faço parte da igreja visível. Sou como uma carta aberta e lida por todos. De que forma esse conhecimento pode melhorar a minha vida, da minha família e das pessoas em geral? Quando sou visto, as pessoas glorificam a Deus pela maneira como vivo os ensinamentos do evangelho? Ore e pense sobre isso nas próximas 24 horas.

O REMANESCENTE E SUA MISSÃO

“Trou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Ap 12:17).

Ao descrever a batalha do dragão contra a mulher e sua descendência, João utilizou a expressão “os restantes da sua semente” (Ap 12:17). Essa expressão significa “os que sobraram”, ou “remanescentes”. A Bíblia retrata o remanescente como um pequeno grupo de filhos de Deus que, ao longo das calamidades, guerras e apostasias, permanece fiel a Ele. Eles são “os vencedores da besta, da sua imagem e do número do seu nome” (Ap 15:2).

Características do remanescente

O remanescente dos últimos dias não pode ser facilmente confundido. João os descreve em termos bastante específicos. É constituído por aqueles que “guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Ap 12:17). Eles têm sobre si a responsabilidade de proclamar, justamente antes do retorno de Cristo, a advertência final de Deus ao mundo, a tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14:6-12.

O povo remanescente de Deus é caracterizado por uma fé semelhante àquela que Jesus possuía. Ele reflete a inabalável confiança de Jesus em Deus e na autoridade das Escrituras. Crê que Jesus Cristo é o Messias da profecia, o Filho de Deus, que veio como o Salvador do mundo. Sua fé abrange todas as verdades da Bíblia, as mesmas que Jesus pregava.

Os remanescentes se dedicam à proclamação do evangelho eterno, o evangelho da salvação pela fé em Cristo Jesus. Eles advertirão o mundo de que a hora do juízo de Deus é chegada, e procurarão fazer com que outros se preparem para o breve encontro com o Senhor. Eles se envolverão numa missão de extensão mundial – “a cada nação, e tribo, e língua, e povo” (Ap 14:6) – a fim de completar o testemunho divino à humanidade.

Está disposto a seguir o exemplo de obediência dado por Cristo: “A Minha comida consiste em fazer

a vontade dAquele que Me enviou e realizar a Sua obra” (Jo 4:34). Assim como Jesus guardou os mandamentos de Seu Pai, os remanescentes também obedecerão aos mandamentos de Deus. O próprio Cristo afirmou: “Se guardardes os Meus mandamentos, permaneceréis no Meu amor; assim como também Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai e no Seu amor permaneço” (Jo 15:10).

Outra característica do remanescente é a de ser conduzido pelo “testemunho de Jesus”. De acordo com Apocalipse 19:10, o testemunho de Jesus é o “espírito de profecia”. Logo, o remanescente crê no dom profético concedido por Deus à Sua igreja.

O remanescente nos últimos dias

De acordo com as profecias bíblicas, principalmente as de Daniel e Apocalipse, o remanescente apareceria após a grande perseguição movida pelo “dragão” contra a “mulher” (Ap 12:14-17). Os sensacionais eventos da Revolução Francesa, que culminaram com o aprisionamento do papa no fim dos 1.260 dias-anos (1798 d.C), e o cumprimento dos três grandes sinais cósmicos, assim descritos no evangelho de Mateus: “Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o Sol escurecerá, a Lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados” (Mt 24:29), conduziram a um grande reavivamento no estudo das profecias. Uma expectativa geral no tocante à iminente volta de Cristo foi observada. Por todo o mundo, muitos cristãos reconheceram que o “tempo do fim” havia chegado (Dn 12:4).

A esperança do advento desenvolveu um espírito de profunda unidade entre seus participantes, e muitos se uniram para advertir o mundo do breve retorno de Cristo. O movimento adventista teve como base a Palavra de Deus. Quanto mais aquelas pessoas estudavam a Bíblia, mais e mais se convenciam de que Deus estava chamando um remanescente para prosseguir a estagnada reforma da igreja cristã. Eles próprios já haviam experimentado a ausência do espírito de reforma em suas respectivas igrejas, e falta de interesse no estudo e na preparação para o segundo advento. Seu estudo da Bíblia revelou que as provas e desapontamentos que Deus lhes permitira atravessar, constituíam uma experiência profundamente espiritual e purificadora,

que os fizera unir-se como o povo remanescente de Deus. O Senhor os comissionara a prosseguir com a reforma que tanta alegria e poder trouxera à igreja.

A missão do remanescente

De acordo com as profecias do livro de Apocalipse, a missão do remanescente é apresentar as três mensagens angélicas (Ap 14:6-12), que são uma resposta divina aos extraordinários enganos satânicos que varrem o mundo justamente antes do retorno de Cristo (Ap 13:3, 8, 14-16). Imediatamente, em seguida ao último apelo divino dirigido ao mundo, Cristo retorna para buscar os Seus (Ap 14:14-20).

O primeiro anjo simboliza o remanescente de Deus levando o evangelho eterno a todo o mundo. Esse evangelho contém as boas-novas do infinito amor de Deus que os antigos profetas e os apóstolos proclamaram (Hb 4:2). O remanescente não apresenta um evangelho diferente – em vista do julgamento eles reafirmam o evangelho eterno, de que os pecadores podem ser justificados pela fé e receber a justiça de Cristo.

O fato de que “a hora do juízo é chegada” acrescenta urgência ao chamado para o arrependimento. Em Apocalipse 14:7, a palavra juízo é traduzida do grego *krisis*, o ato de julgar, e não a sentença do juízo (*krima*). Refere-se, portanto, a todo o processo de julgamento, inclusive a colocação das pessoas diante do divino tribunal, a investigação dos livros, o veredicto de absolvição ou condenação, e a atribuição da sentença de vida eterna ou morte eterna.

Essa mensagem também convoca todos para adorar o Criador. O chamado de Deus para a adoração contrasta com o chamado para a adoração da besta e da sua imagem (Ap 13:3, 8, 15). Ao ordenar-nos que adoremos “Aquele que fez o Céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas” (Ap 14:7; cf. Êx 20:11), essa mensagem chama a atenção para o quarto mandamento. Conduz as pessoas à verdadeira adoração do Criador, uma experiência que envolve a honra de Seu memorial da criação – o sábado do Senhor, o dia sétimo, que Ele instituiu na criação e confirmou ao entregar os Dez Mandamentos a Moisés, no monte. Somente quando a verdadeira adoração é restaurada e os crentes vivem os princípios do reino de Deus, é que o Senhor pode ser glorificado.

A mensagem do segundo anjo expõe a natureza universal da apostasia babilônica e seu poder coercitivo, dizendo que ela tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição (Ap 14:8). O “vinho” de Babilônia representa seus ensinamentos heréticos. Babilônia pressionará os poderes do Estado para que este obrigue a imposição universal de decretos e falsos ensinamentos religiosos.

Babilônia caiu porque se recusou a atender à mensagem do primeiro anjo – o evangelho da justificação pela fé no Criador. Assim como a igreja de Roma apostatou durante os primeiros séculos da era cristã, muitos protestantes da atualidade se desviaram das grandes verdades da Reforma. A mensagem do segundo anjo se tornará mais e mais relevante à medida que o fim se aproxima, e encontrará seu completo cumprimento mediante a aliança entre as várias organizações religiosas que rejeitaram a mensagem do primeiro anjo.

O terceiro anjo proclama o mais solene aviso divino contra a adoração da besta e de sua imagem. A besta é a união Igreja-Estado que dominou o mundo cristão durante tantos séculos, e que foi descrita por Paulo como o “homem da iniquidade” (2Ts 2:2-4), e por Daniel como o “chifre pequeno” (Dn 7:8, 20-25; 8:9-12). A imagem da besta representa aquela forma de religião apóstata que se desenvolverá quando as igrejas, tendo perdido o verdadeiro espírito da Reforma, se unirão com o Estado a fim de impor seus ensinamentos às pessoas. Ao se unirem, Igreja e Estado formarão uma perfeita imagem da besta – a igreja apóstata que perseguiu a mulher durante 1.260 anos.

Deus tem Seus filhos em todas as igrejas, mas é através da igreja remanescente que Ele proclama a mensagem que deverá restaurar a verdadeira adoração, mediante o chamamento de Seu povo para fora dos círculos da apostasia e a preparação dele para o retorno de Cristo.

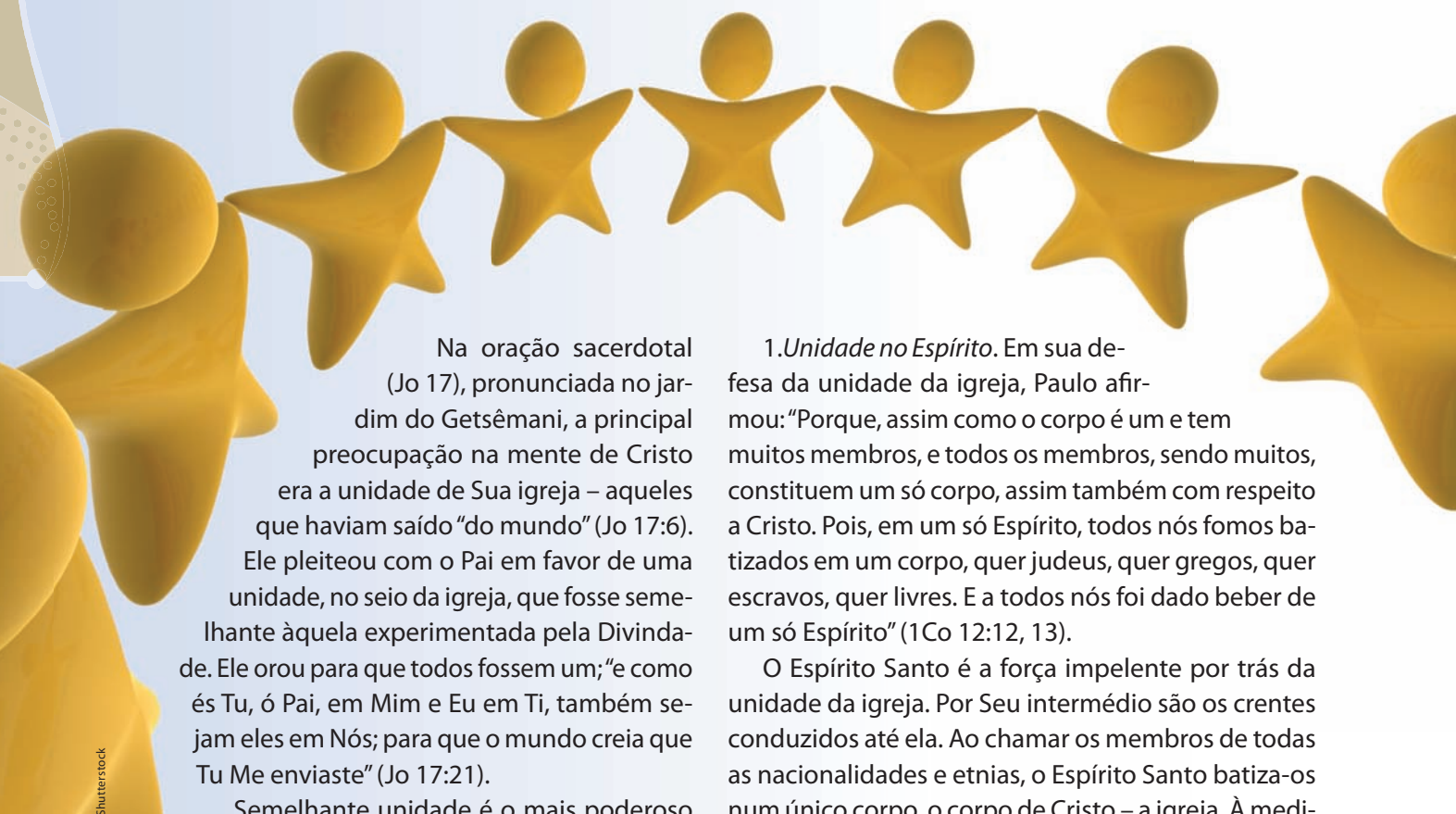
(Extraído e adaptado do livro Nisto cremos)

Para refletir:

Eu sou um remanescente. Pela graça de Cristo guardo os mandamentos de Deus e tenho o testemunho de Jesus, o espírito de profecia. Que privilégio e que grande responsabilidade! Na prática, como esse conhecimento me tem ajudado espiritualmente?

Pense e ore sobre isso nas próximas 24 horas.

A UNIDADE NO CORPO DE CRISTO



Na oração sacerdotal (Jo 17), pronunciada no jardim do Getsêmani, a principal preocupação na mente de Cristo era a unidade de Sua igreja – aqueles que haviam saído “do mundo” (Jo 17:6). Ele pleiteou com o Pai em favor de uma unidade, no seio da igreja, que fosse semelhante àquela experimentada pela Divindade. Ele orou para que todos fossem um; “e como és Tu, ó Pai, em Mim e Eu em Ti, também sejam eles em Nós; para que o mundo creia que Tu Me enviaste” (Jo 17:21).

Semelhante unidade é o mais poderoso testemunho que a igreja pode oferecer, pois ele provê a evidência do abnegado amor de Cristo pela humanidade. Ele afirmou: “Eu neles, e Tu em Mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que Tu Me enviaste e os amaste, como também amaste a Mim” (Jo 17:23).

Um homem visitava um hospício. O enfermeiro lhe mostrava pacientemente os vários setores daquela casa.

Intrigado com a flagrante desproporção entre o número de funcionários e o de enfermos ali internados, o visitante perguntou: “Vocês não têm medo de que os internos se unam e agridam vocês? Afinal, eles são em número muito maior!”

O enfermeiro respondeu: “Oh, não! Ninguém precisa ficar com medo. Os loucos nunca se unem” (www.sitedopastor.com.br).

Que tipos de unidade tinha Cristo em mente para Sua igreja?

1. Unidade no Espírito. Em sua defesa da unidade da igreja, Paulo afirmou: “Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito” (1Co 12:12, 13).

O Espírito Santo é a força impelente por trás da unidade da igreja. Por Seu intermédio são os crentes conduzidos até ela. Ao chamar os membros de todas as nacionalidades e etnias, o Espírito Santo batiza-os num único corpo, o corpo de Cristo – a igreja. À medida que eles crescem em Cristo, as diferenças culturais não mais causam divisão. O Espírito Santo quebra as barreiras entre ricos e pobres, altos e baixos, homens e mulheres. Compreendendo que à vista de Deus todos eles são iguais.

2. Unidade de fé. A diversidade de dons não implica, porém, em diversidade de crenças. A base de nossa fé é a Palavra de Deus: “De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus” (Rm 10:17). Falando da unidade, Ellen White assim se expressou: “Deus está guiando um povo do mundo para a exaltada plataforma da verdade eterna – os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Disciplinará e habilitará Seu povo. Eles não estarão em divergência, um crendo uma coisa e outro tendo fé e opiniões inteiramente opostas, e movendo-se cada qual independentemente do conjunto. Pela diversidade dos dons e governos que Ele pôs em Sua igreja, todos alcançarão a unidade da fé. Se alguém forma

seu próprio conceito no tocante à verdade bíblica, sem atender à opinião de seus irmãos, e justifica seu procedimento alegando que tem o direito de pensar livremente, impondo suas ideias então aos outros, como poderá cumprir a oração de Cristo? E se outro e outro ainda se levantam, cada qual afirmando seu direito de crer e falar o que lhe aprouver, sem atender para a fé comum, onde estará aquela concórdia que existia entre Cristo e Seu Pai, e para cuja existência, entre Seus irmãos, Cristo orou?” (*A Igreja Remanescente*, p. 25, 6).

Nos últimos dias, a igreja de Deus será composta por pessoas que compartilham as verdades do evangelho eterno. A vida dessas pessoas será caracterizada pela observância aos “mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Ap 14:12). Juntas, elas proclamam ao mundo o convite à salvação procedente de Deus.

Quão importante é a unidade da igreja?

A unidade é essencial à igreja. Sem ela, a igreja fracassará no desempenho de sua sagrada missão. Existem alguns benefícios na unidade para o fortalecimento da igreja e seu crescimento:

1. A unidade torna eficazes os esforços da igreja: “Os homens não obedecem às palavras de Jesus Cristo, buscando assim a unidade na fé, no espírito e na doutrina. Não pelejam pela unidade do espírito pela qual Cristo orou e que tornaria o testemunho dos discípulos de Cristo eficiente em convencer o mundo de que Deus enviara Seu Filho ao mundo, ‘para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna’ (Jo 3:16). Se entre os filhos de Deus houvesse a união por que Cristo orou, dariam eles um testemunho vivo, e irradiariam resplendente luz que brilhasse entre as trevas morais do mundo” (*A Igreja Remanescente*, p. 44).

“É a unidade da igreja que a habilita a exercer consciente influência sobre os incrédulos e os mundanos” (*Review and Herald*, 5 de junho de 1888).

2. A unidade revela a realidade do Reino de Deus. “Os anjos trabalham harmoniosamente. Perfeita ordem caracteriza todos os seus movimentos. Quanto mais aproximadamente imitarmos a harmonia e ordem dos anjos, tanto maior êxito terão os esforços desses agentes celestiais em nosso favor. Se não virmos necessidade de ação harmônica, e formos desordenados, indisciplinados e desorganizados em nossa

maneira de agir, os anjos que são perfeitamente organizados e se movem em perfeita ordem não poderão com êxito trabalhar por nós. Eles se afastarão pesarosos, pois não estão autorizados a abençoar a confusão, distração e desorganização. Todos os que desejarem a cooperação dos mensageiros celestiais, devem trabalhar em harmonia com eles. Os que receberam a unção do Céu, em todos os seus esforços incentivarão a ordem, a disciplina e unidade de ação, e então os anjos de Deus poderão cooperar com eles. Mas nunca, jamais esses mensageiros celestes sancionarão a irregularidade, a desorganização e a desordem. Todos estes males são o resultado dos esforços de Satanás para enfraquecer-nos as forças, destruir-nos a coragem e evitar a ação bem-sucedida” (*A Igreja Remanescente*, p. 24).

3. A unidade demonstra a força da igreja. Uma igreja é verdadeiramente próspera e forte quando seus membros estão unidos a Cristo e uns aos outros, trabalhando harmoniosamente em favor da salvação do mundo. Uma igreja unida resistirá aos ataques satânicos, pois os poderes das trevas são impotentes contra uma igreja cujos membros amam uns aos outros, assim como Cristo os amou. O resultado de uma igreja unida pode ser comparado com o desempenho de uma orquestra. Quando os músicos estão afinando os instrumentos, eles produzem um som estranho e desagradável. Entretanto, quando o maestro aparece e todos os olhares se voltam para ele, obedecendo à sua regência, os sons desconexos dão lugar à beleza e harmonia.

Como alcançar unidade?

“A causa da divisão e discórdia na família e na igreja é a separação de Cristo. Aproximar-se de Cristo é aproximarem-se uns dos outros. O segredo da verdadeira união na igreja e na família não é a diplomacia, o trato habilidoso, o sobre-humano esforço para vencer dificuldades – embora haja muito disto a ser feito – mas a união com Cristo.” (*O Lar Adventista*, p. 179).

Quando Cristo iniciou Sua obra mediadora ao lado de Seu Pai no Céu, garantiu que o alvo de ter Seu povo unido não era uma ilusão. Através do Espírito Santo, Ele concedeu dons especiais, cujo propósito particular era estabelecer a “unidade da fé” entre os crentes. Ao

analisar esses dons, Paulo disse que Cristo “concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres”. Esses dons foram concedidos à igreja com vistas “ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4:11-13).

Em nossa busca de unidade não podemos sacrificar as verdades que fizeram de nós um povo distinto. A Bíblia, falando do Espírito Santo, afirma que Ele é o Espírito da verdade (Jo 15:26). Em Sua oração intercessória, Cristo pede ao Pai: “Santifica-os na verdade; a Tua palavra é a verdade” (Jo 17:17). Portanto, para que possam experimentar a unidade, os crentes devem receber a luz que brilha da Palavra.

(Extraído e adaptado de do livro Nisto Cremos)

Para refletir:

Uma igreja unida pelo poder do Espírito Santo torna-se um refúgio contra os dardos satânicos da desunião. O princípio básico dessa unidade vem da união diária do crente com Cristo. Uma igreja individual que desenvolveu e consolidou o hábito de orar, ler, examinar e meditar na Palavra de Deus e a louvar, certamente estará unida pelos laços fraternos do amor. É daí que nasce a unidade coletiva, quando o crente recebe o batismo diário do Espírito Santo nas primeiras horas da manhã. Quando nos alimentamos individualmente e coletivamente da mesma fonte, é impossível não termos todos, o mesmo parecer e sentimento em relação ao objetivo e missão da igreja global.

De que forma essa crença pode ajudar sua vida, a família, a igreja e a comunidade onde você vive? Pense e ore a esse respeito nas próximas 24 horas.



O BATISMO

Certa vez, enquanto o pastor pregava sobre o batismo, um dos visitantes se sentiu incomodado ao ouvir o pregador ler Marcos 16:16: “Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado.”

O visitante se levantou e perguntou em voz alta: – E se eu crer e não quiser ser batizado, vou ser condenado?

O pregador respondeu que embora o batismo não salve ninguém ele é a resposta daqueles que realmente creram e aceitaram o sacrifício de Cristo. Que a verdadeira crença leva à obediência, e o batismo não é uma opção; é um mandamento.

Muitas pessoas podem ser salvas sem ter passado pelo batismo nas águas, como o ladrão que foi crucificado ao lado de Jesus. Esse ladrão não teve oportunidade de ser batizado depois de sua conversão. Porém, esse fato não torna o batismo uma alternativa.

É claro que ninguém é salvo pelas obras, mas pela fé. As obras são evidência da fé. O batismo não tem poder em si, mas é uma demonstração pública, e para todo o Universo, de que lado você está.

Elemento essencial da fé

Pelo batismo, confessamos nossa fé na morte e ressurreição de Jesus Cristo. Atestamos nossa morte para o pecado e o propósito de andar em novidade de vida. Assim, reconhecemos Cristo como Senhor e Salvador, tornamo-nos Seu povo e somos aceitos como membros de Sua Igreja. O batismo é um símbolo de nossa união com Cristo, do perdão de nossos pecados e de nosso recebimento do Espírito Santo. É realizado por imersão na água e depende de uma afirmação da fé em Jesus e da evidência de arrependimento do pecado. Segue-se à instrução na Escrituras Sagradas e à aceitação de seus ensinamentos (Mt 3:13-16; 28:19, 20; At 2:38; 16:30-33; 22:16; Rm 6:1-6; Gl 3:27; 1Co 12:13; Cl 2:21; 1Pe 3:21).

O significado do batismo

Do grego *baptisma* (batismo) que significa “imersão,” posto que exatamente esta é a etimologia do verbo *Baptizein* (imersão/mergulhar). Batizar, portanto,

deve ser semanticamente compreendido como sendo o ato de mergulhar um corpo dentro de um recipiente; um tecido para ser tingido em líquido corante, por exemplo. Por extensão, a ação de sepultar um morto, também comporta inteira e perfeitamente todo o significado da palavra batismo.

Há, no entanto, um significado teológico que se projeta para além da sepultura (morte) e da imersão em água. A morte de Jesus pouco significa, se isoladamente considerada. O que faz a morte de Jesus ser tão gloriosamente diferente é Sua ressurreição. E é exatamente essa a idéia claramente implícita no batismo (Cl 2:11, 12). A ressurreição é o ponto basilar da fé cristã (1Co 15:14). Cristo afirmou que Ele mesmo é a ressurreição e a vida (Jo 11:25).

A imersão precisa ser completa, para que haja verdadeiro batismo, visto que o significado maior deste deve ser encontrado exatamente na retomada da vida após a morte com Jesus, representada pela emersão (Ef 2:1; 2:5; Cl 2:13). Assim como a ressurreição reverte a morte, a emersão revertendo a imersão identifica o converso, não somente com a morte, mas principalmente com a ressurreição de Cristo (Rm 6:3). A segunda etapa (emersão/ressurreição) não tem como ocorrer, sem que antes a primeira tenha ocorrido (imersão/sepultamento).

Os batismos narrados no Novo Testamento levam à irrefutável conclusão de que eles aconteceram sob a forma de batismo por imersão. Entre os exemplos que podem ser mencionados destaca-se principalmente o batismo a que o próprio Jesus pessoalmente se submeteu (Mt 3:16; Mc 1:9, 10). A expressão “sair da água”, encontrada nas referências, não deixa a menor sombra de dúvida de que Jesus realmente foi batizado por imersão. O mesmo se aplica ao batismo do etíope por Felipe (At 8:36-39).

Um só batismo

No mundo religioso, o batismo é considerado uma parte importante da doutrina. Quando perguntados a respeito disso, muitos citam as palavras de Paulo, em Efésios 4:5, para mostrar sua importância. Paulo afirma que há um só batismo. Não é necessário olhar muito longe para ver grupos religiosos com diferentes tipos de batismo e idéias em relação a esse assunto. Alguns batizam crianças. Alguns aspergem ou derramam água na cabeça dos crentes. Outros ensinam que o batismo é simplesmente um ato para mostrar a qual

igreja se pertence. Onde, pois, podemos encontrar esse único batismo? No meio da confusão religiosa a respeito do batismo, somente podemos encontrar a verdade retornando ao ensino do Novo Testamento.

É por meio deste ato que Deus acrescenta os verdadeiros crentes a Sua família (At 2:38, 47). Muitos têm tentado ensinar que o batismo não é essencial. Mas Cristo vinculou o batismo ao discipulado: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28:19).

A Bíblia menciona diversas pessoas que foram batizadas: Crispo (At 18:8), o eunuco etíope (At 8:36-38); Paulo (At 22:16); o carcereiro de Filipos (At 16:25-34). Em vista dessas passagens, percebemos que o Novo Testamento ensina que o batismo é essencial no plano de Deus para o ser humano.

Jamais devemos nos esquecer de que é através da graça de Deus que podemos ter a salvação. Por causa de Seu amor por nós, enviando Seu Filho, temos esperança de vida eterna. Precisamos também lembrar que Deus espera obediência a todas as Suas instruções. Seja a do rito do batismo ou qualquer outra, temos que cumpri-las exatamente da maneira como Ele determinou.

Mais que um simples simbolismo

Na conversa com Nicodemos, Jesus ressaltou para ele a importância e o significado do batismo: “... se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. [...] quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus” (Jo 3:3, 5). Portanto, de acordo com Jesus, precisamos nascer “da água e do Espírito”. “Nascer do Espírito” significa entrar em uma nova vida mediante uma mudança de mente e coração. Por envolver um tipo de experiência completamente nova, e não apenas um aperfeiçoamento do velho estilo de vida, o ato de fazer parte do reino de Deus é denominado novo nascimento. O batismo nas águas é um símbolo exterior que retrata a mudança interior.

Nossa salvação é possível em virtude de três grandes atos de Cristo: Cristo MORREU pelos nossos pecados, foi SEPULTADO e RESSUSCITOU no terceiro dia (1Co 15:3, 4). Cristo possibilitou nossa salvação mediante Sua morte, sepultamento e ressurreição. “Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na Sua morte? Fomos, pois, sepultados

com Ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida” (Rm 6:3, 4).

Cristo morreu por nossos pecados, foi sepultado, e então ressurgiu da tumba para nos possibilitar nova vida de justiça. Ao sermos batizados, estamos simbolicamente participando de Sua morte, sepultamento e ressurreição. O batismo significa que morremos para o pecado com Cristo, sepultamos nossa vida de pecado com Ele, e estamos ressurgindo para viver nova vida nEle. A morte e a ressurreição de Jesus se tornam nossa própria morte e ressurreição. Deus pode fazer com que morramos para o pecado e tenhamos nossa velha vida crucificada. Ele pode nos ressuscitar para as coisas do Espírito.

De acordo com Jesus, o batismo é essencial para aqueles que desejam entrar no Céu: “Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus” (Jo 3:5).

Os que ouviram o sermão de Pedro no dia de Pentecostes perguntaram: “Que faremos irmãos? Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo” (At 2:37, 38). “Acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (At 2:47).

Se você ainda não é batizado, o que falta para obedecer a esse mandamento do Senhor? Se alguém não tem nenhum impedimento para ser batizado e não aceita o batismo, com essa atitude está dizendo que não deseja se unir a Cristo nem à Sua igreja. E sem união com Cristo é impossível ser salvo. Qual é a sua situação diante desta afirmação?

Para refletir:

Como membro batizado do corpo de Cristo, devo ser vivificado e santificado diariamente com o batismo do Espírito Santo. É impossível viver como uma nova criatura e cumprir os votos batismais sem essa experiência. Conforme aprendemos no SEE III, por ocasião do batismo nas águas também somos batizados com o Espírito Santo e começamos nossa carreira cristã. Quando estamos orando, lendo, meditando e louvando nas primeiras da manhã, o Espírito Santo continua nos batizando e concedendo poder para agirmos de tal maneira que em tudo glorifiquemos o nome de Deus naquele dia.

Como o fato de você ter sido batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo tem ajudado a sua vida, a de sua família e das pessoas ao seu redor?

Pense e ore sobre essa verdade nas próximas 24 horas.

A CEIA DO SENHOR

Em comunhão na Ceia do Senhor

“Disse nosso Salvador: ‘Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o Seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. [...] Porque a Minha carne verdadeiramente é comida, e o Meu sangue verdadeiramente é bebida.’ (Jo 6:53-55). Isso é verdade quanto à nossa natureza física. Mesmo esta vida terrestre devemos à morte de Cristo. O pão que comemos é o preço de Seu corpo quebrantado. A água que bebemos é comprada com Seu derramado sangue. Nunca alguém, seja santo ou pecador, toma seu alimento diário, que não seja nutrido pelo corpo e o sangue de Cristo. A cruz do Calvário acha-se estampada em cada pão. Reflete-se em toda fonte de água. Tudo isso ensinou Cristo ao indicar os emblemas de Seu grande sacrifício. A luz irradiada daquele serviço de comunhão no cenáculo torna sagradas as provisões de nossa vida diária. A mesa familiar torna-se como a mesa do Senhor, e cada refeição um sacramento” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 660).



Significado da Ceia

Com a instituição da Santa Ceia, encerrou-se o ritual da páscoa judaica. Foi estabelecida uma nova cerimônia para a nova nação estabelecida em Cristo, o Israel espiritual.

Cristo é o Cordeiro de Deus que cumpre as predições e prefigurações do Antigo Testamento com relação ao rito pascoal: “Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado” (1Co 5:7). Na cruz, Ele

derramou Seu “precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula” (1Pe 1:19).

O pão asmo (sem fermento) era o “pão da aflição”, que os israelitas antigos comeram ao sair do Egito (Dt 16:3). Jesus usou o mesmo símbolo para representar Seu sofrimento, a fim de nos libertar da escravidão do pecado.

A Ceia tem um conteúdo escatológico, que pode ser explicado pela esperança dos crentes de que sua comunhão com Cristo será cumprida de modo perfeito no reino de Deus, quando o Senhor retornar gloriosamente, a fim de unir Seu povo em comunhão com Ele. “Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que venha” (1Co 11:26).

Contexto histórico da Ceia

Judeus e gentios costumavam fazer refeições para comunhão e fraternidade. Era natural, por conseguinte, que tanto os crentes judeus quanto os crentes gentios adotassem a prática da Santa Ceia. Antigamente, existia a chamada “Festa do Amor”, que enfatizava o dever cristão de amar mutuamente (Jd 12).

Havia dois tipos de refeição: uma refeição comum, tomada com o propósito de nutrição, onde as pessoas se confraternizavam, e a Santa Ceia, que tinha elementos rituais e simbólicos. Paulo fez distinção entre elas e deu orientações claras para que não houvesse excessos na Ceia do Senhor: “Portanto, qualquer que comer este pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor” (1Co 11:27).

Indignamente (*anaxios*) denota participar da Ceia do Senhor tratando-a como comida comum, não dando a importância à solenidade simbólica, sem um exame introspectivo. Daí a recomendação de Paulo: “Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice” (1Co 11:28)

A expressão “examine-se” (*dokimázo*) significa provar com o propósito de aprovar, trazendo o sentido de um autoexame contínuo, com esforço para o conserto de erros e falhas.

Assim, como a ideia de “examinar-se” é de continuidade, o comer e o beber, também deve ser continuamente. Ou seja, o cristão deve sempre estar pronto para participar da Ceia do Senhor.

Se não houver a participação do cristão no memorial dos sofrimentos de Cristo, o crente está desobedecendo a uma ordem direta do Senhor. Mas a participação sem autoexame também se constitui desobediência. Ao cristão resta examinar-se no intuito de consertar-se, e assim participar do memorial.

O apóstolo Paulo conclui suas considerações sobre os dois tipos de ceia, apresentando o desejo de que as duas fossem feitas separadamente. O que tem fome coma em casa, e venha para o memorial de Cristo preparado para este momento solene. E como um corpo, desfrute desse momento juntamente com toda a igreja (1Co 11:33, 34)

Produtos utilizados na Ceia

“Chegou o Dia da Festa dos Pães Asmos” (Lc 22:7; cf Ex 12:20). Asmos quer dizer pães sem mistura, sem levedo, sem fermento – símbolos do pecado. Assim devem ser o pão e o vinho da Santa Ceia, sem nenhuma mistura, porque são símbolos do corpo de Jesus: “O Senhor Jesus, na noite em foi traído, tomou o pão. [...] Isto é o Meu corpo, que é dado por vós. [...] Este cálice é a nova aliança no Meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de Mim” (1Co 11:23-26). O trigo a ser usado no pão deve ser trigo especial, e o óleo (de preferência de oliva) deve ser 100% puro (Sl 104:15). O pão e o vinho devem ser especiais, puros e feitos especialmente para serem oferecidos na cerimônia de Santa Ceia (1Co 10:16, 17; Mt 26:26; Mc 14:22-24).

O que Jesus fez na Ceia

1. Pegou o pão.
2. Agradeceu a Deus.
3. Partiu o pão (Mt 26:26; Mc 14:22; Lc 22:19; 1Co 11:23, 24; Jo 13:1-17. Curiosamente Ele fez estas três coisas quando alimentou os cinco mil e os quatro mil, cf. Mc 6:41 e 8:6).
4. Pegou o cálice.
5. Agradeceu a Deus.
6. Deu aos discípulos.

Antes de comer do pão e beber do cálice, Jesus participou do lava-pés (ritual da humildade, que precede à cerimônia da Ceia do Senhor, foi instituído por

Cristo e prescrito à igreja cristã (Jo 13:1-17). O objetivo dessa ordenança é levar os participantes a examinar o próprio coração e ver as próprias raízes de amargura e outros defeitos de caráter. E também eliminar mal-entendidos entre os irmãos, ensinar a humildade, igualdade e amor fraternal.

O que Jesus disse na Ceia

“Isto é o Meu corpo” (1Co 11:24) – Há diferentes opiniões sobre o significado preciso dessas palavras. Mas, o que é certo é que Jesus estava indicando que Ele daria Seu corpo em sacrifício para que nós tivéssemos vida.

“Fazei isto em memória de Mim” (1Co 11:24) – Jesus disse aos Seus seguidores que repetissem essa ação através dos tempos. Assim se lembrariam de Seus sofrimentos e de Sua segunda vinda.

“Este cálice é a nova aliança” (1Co 11:25) – Todas as referências à aliança nos levam de volta ao ritual do Antigo Testamento de fazer uma aliança (um acordo ou tratado) com sacrifício, como na aliança entre Deus e Israel depois do Êxodo (Êx 24:1-8). Essa expressão também sugere que a esperança da nova aliança, descrita em Jeremias 31:31-34, foi realizada em Cristo.

“Derramado em favor de muitos, para a remissão de pecados” (Mt 26:28) – O significado da morte de Cristo como um sacrifício está ligado com um entendimento da Páscoa e da Aliança. No entanto, é importante que nós reconheçamos que a Ceia do Senhor também está ligada com o Servo sofredor de Isaías 53, que Se colocou “como oferta pelo pecado” (Is 53:10).

Para refletir:

A Ceia do Senhor é uma participação nos emblemas do corpo e do sangue de Jesus, como expressão de fé nEle, como nosso Salvador e Senhor. Nessa experiência de comunhão, Cristo está presente para encontrar-Se com Seu povo e fortalecê-lo. O serviço da Comunhão é franqueado a todos os que desejarem dele participar. Ao participar da cerimônia da Santa Ceia, de que forma isso pode melhorar minha vida espiritual? Pense e ore a respeito disso nas próximas 24 horas.

DONS E MINISTÉRIOS ESPIRITUAIS



William de Moraes

O poder do Espírito em mim

Há uma declaração em *O Desejado de Todas as Nações*, p. 195, que diz: “Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário. Aquele que bebe da água da vida, faz-se fonte de vida. O depositário torna-se doador”. Quando escutei esse texto pela primeira vez, estava cursando o primeiro semestre do curso de Teologia. O professor de discipulado cristão nos contava várias histórias de sua vida como missionário. Confesso que viajava em minha imaginação, ao ouvir aqueles relatos, e impressionava-me a forma como as coisas aconteciam, como ocorriam os milagres e como Deus abria portas e mais portas, a fim de que o evangelho pudesse entrar. Com toda certeza, aquele homem tinha o dom de ser missionário evangelista, por isso pensava que ser um pregador era o máximo que alguém poderia chegar no cumprimento da missão. Foi quando fomos realizar as conferências evangelísticas que correspondiam ao terceiro ano de nosso curso.

Quando uma igreja é preparada para o evangelismo

acontece uma grande mudança. Muda-se o foco, o objetivo pelo qual as coisas são feitas. Tudo o que ocorre, cada preparativo, cores, luzes, ornamentação, é feito com o objetivo de conduzir pessoas a Jesus. O ambiente se torna maravilhoso, não que o de uma igreja em dias normais não o seja, mas testemunhar a mudança na vida das pessoas que estão trabalhando e dos que frequentam as reuniões faz com que recobremos novo fôlego para nossa própria vida espiritual.

Promove-se a união entre os irmãos; e uma alegria contagiante é sentida. É por isso que, em minha opinião, toda igreja devia estar em ritmo de evangelismo o ano todo. Cada culto e programação deviam ter como objetivo a salvação das pessoas. Se a igreja estiver focalizada nisso, então os demais objetivos também serão alcançados. E esse ambiente evangelístico permite que cada membro participe em alguma atividade. Aqui entra a lição que aprendi.

A estrutura da igreja estava pronta. Mas a região era, por assim dizer, muito dura. As pessoas tinham muita dificuldade em aceitar um convite para ir a uma igreja evangélica. Além do mais, o sacerdote da congregação local começou uma espécie de procissão persecutória contra o trabalho que realizávamos. Em cada casa onde eu dava estudos bíblicos, ele começou a realizar uma novena (para os que não sabem, são noventa dias de programação litúrgica itinerante). E dessa forma, se passaram os dias. Toda tardinha, dirigia-me para determinadas casas e lá estava toda a estrutura da missa montada. E o que eu mais ouvia eram pessoas dizendo que naquele dia não poderiam fazer o estudo, pois o padre estaria ali. Comecei a ficar preocupado, pois sem público, não haveria evangelismo. E passaram-se dias sem que conseguisse novos interessados em estudar a Bíblia.

Pensei em vários métodos. Sabia que poderia confrontar o padre com argumentos e ele não teria respostas a dar. As pessoas que estava estudando haviam dito que se impressionaram com o que estavam aprendendo, que gostavam de conhecer sobre a Bíblia, já que o padre nunca as ensinara sobre isso. Contudo, continuavam negando-se a prosseguir com os estudos e dizendo não poder ir às conferências. Tínhamos um excelente pregador convidado, cantores bem preparados, brindes e atividades para as crianças. Mas não tínhamos público. Foi quando uma irmã se ofereceu para sair e convidar as pessoas. Ela não fazia o tipo evangelista, não possuía

muita cultura, falava um pouco errado, mas era a única que queria fazer esse trabalho. E, no desespero, qualquer plano valia. Saiu ela a campo, tendo como armas um sorriso, gentileza e boa reputação na comunidade.

Pronto. Os estudantes voltaram. Os cultos às noites ficaram cheios e tivemos um excelente resultado naquela localidade. Aprendi que não foi o meu dom em dar estudos bíblicos, sermões muito bem preparados do pregador ou a estrutura montada. Mas foram o sorriso e a influência de uma irmã que fizeram com que tudo acontecesse. Ficava evidente que somente convites não trariam resultados. Cada parte do conjunto foi necessária. Viu-se como os pequenos dons, nem sempre reconhecidos, são sumamente necessários para o avançamento da obra da pregação do evangelho de Cristo.

Cada pessoa que aceita Jesus como Senhor e Salvador recebe pelo menos um dom espiritual. Os dons apresentados na Bíblia abrangem várias áreas de atividade na proclamação do evangelho, tais como apostolado, profecia, evangelismo, obra pastoral e educacional (Ef 4:11). A lista é aumentada em Romanos 12:6-8, onde aparecem dons já mencionados na epístola aos Efésios, com o acréscimo de outros. Em 1 Coríntios 12:8-10, Paulo apresenta os dons da sabedoria, do conhecimento, da fé, cura, milagres, discernimento de espíritos, variedade de línguas e interpretação de línguas. O que fica claro em todas as listas é que não importa o dom que se tenha, porque todos têm algum, é o Espírito Santo quem decide qual dom dar, a quem dar, quando dar e em que intensidade dar. Portanto, não há dom maior que outro, e cada um é de igual importância para a obra da pregação do evangelho.

Cada dom tem sua finalidade. O Espírito Santo os concede para o crescimento da igreja de Cristo. O que significa que se alguém recebe um dom e não o usa para o benefício da igreja, este poderá ser-lhe retirado. Há ainda outra implicação: nem todos recebem os mesmos dons, porque cada igreja tem suas necessidades específicas. Por exemplo, se uma igreja tem músicos suficientes e que cumprem a missão, pode não ser necessário mais um com esse dom. Talvez haja uma deficiência na recepção e Deus tenha que levantar alguém para cumprir esse ministério. O objetivo sempre é completar o incompleto que procede da ação humana no cumprimento da missão.

Devemos orar a Deus pedindo que o Senhor Espírito Santo nos conceda algum dom para trabalharmos em Sua obra, ou talvez, orarmos nos colocando à disposição para sermos utilizados onde e como Ele desejar. O segredo é estarmos dispostos. Ouvi certa vez uma frase que me chamou muito a atenção: “Deus não escolhe pessoas capacitadas; mas capacita as pessoas escolhidas.” Sem entrarmos no mérito de como Deus escolhe, acho que Ele procura aqueles que estão dispostos. Às vezes, estamos parados reclamando que ninguém nos chama para o trabalho, que a igreja não tem atividade. Mas, quando somos indicados, sempre temos a desculpa de dizer que não somos capazes de realizar aquela tarefa.

Ora, se Deus disse que é Ele quem concede a capacidade, os dons, como podemos dizer que não temos dom para nada? Ou Deus é mentiroso, ou não nascemos de novo pelo poder regenerador do Espírito. O que ocorre é que muitos não querem comprometer-se, e tentam encontrar, na suposta incapacidade, uma desculpa para não se envolver. Contudo, para Deus isso não é aceitável, pois é Ele quem capacita. Lembremos de Moisés e Isaías que disseram não ser capazes. Porém Deus os repreende, já que Ele próprio os capacitaria para o trabalho. O que nos impede de trabalhar no evangelho não é a falta de dom, mas a indisposição para o serviço. E para isso precisamos do milagre do novo nascimento, da presença do Espírito Santo em nossa vida. Sua presença fará com que os frutos apareçam.

Jesus disse certa vez que pelos frutos conheceríamos quem são seus verdadeiros discípulos. E quando pensamos em frutos automaticamente os ligamos a realizações externas. Em outras palavras, a obras que podem ser mensuradas. Fica evidente que os dons espirituais são uma boa amostra de que somos discípulos de Cristo. Porém, o fato de alguém aparentar ter dons e usá-los publicamente em nome de Jesus pode não ser prova de verdadeiro discipulado. No mesmo texto em que Jesus fala dos frutos (Mt 7:21-23), Ele menciona um grupo de pessoas que, no dia do juízo, reclamariam ter parte no reino dos Céus em virtude de suas obras, até milagrosas, em nome do próprio Jesus.

Cristo dirá aos que dizem que profetizaram, expulsaram demônios e realizaram milagres em Seu nome, que não os conhece. Ora, não são essas ações a manifestação dos dons do Espírito Santo, conforme a lista que vimos

anteriormente? Então, como podem não ser de Deus? Muitos se enganam porque acreditam que uma vida com Jesus é somente realizar coisas fantásticas. Esperam o poder sobrenatural realizador de milagres, e isso tem atraído multidões. Mas se esquecem de que Jesus disse que “pelos seus frutos” eles seriam conhecidos. Ele não disse que Seus discípulos seriam conhecidos apenas pelas obras feitas em Seu nome, pois Satanás pode contrafazer a verdade e, com enganos, reproduzir falsamente os dons espirituais. Contudo, o inimigo jamais poderá reproduzir os verdadeiros frutos.

Em Gálatas 5:22, 23, o mesmo apóstolo Paulo indicou quais são os frutos, ou na verdade, qual é o fruto do Espírito Santo: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Todo ser humano que nasce no reino de Deus recebe a presença do Espírito Santo em sua vida ou, como aprendemos no SEE III, o batismo do Espírito Santo. Ninguém que não tenha o Espírito Santo e não receba esse batismo diariamente é uma nova criatura. Por isso, é natural a manifestação dos dons e o aparecimento do fruto do Espírito na vida do cristão verdadeiro.

É verdade que os dons são diversos. Alguns possuem determinados dons, enquanto outros apresentam dons

diferentes. Mas todos os filhos de Deus, sem distinção alguma, possuem os dons e o fruto do Espírito Santo.

Jesus em Seu ministério não ficou demonstrando o poder que possuía apenas para impressionar ou conquistar pessoas. Os milagres, curas, libertações e até mesmo seus sermões eram manifestações daquilo que Ele era. O que cativava os corações era o amor que brotava de Seu coração; uma bondade que parecia fluir de cada poro de Seu corpo. Tinha paciência com os erros dos outros, até mesmo quando eram dos seus mais achegados seguidores; manifestava constante domínio próprio, e isso inspirava aqueles com os quais entrava em contato. A paz e alegria por Ele manifestadas contagiavam a todos com quem entrava em contato. Jesus salvava pelo que Ele era, muito mais do que pelo que fazia. E se somos seus seguidores, não deveríamos imitar seu exemplo?

Não tenha somente a aparência de cristão; seja realmente um. Ame a seu próximo de tal maneira que ele se sinta amado por você. Seja bondoso com os que o cercam. Tenha paciência com os erros e os defeitos dos outros. Lembre-se de que você também tem os seus. Faça com que ao seu redor haja um ambiente de paz e alegria, levando outros a se sentirem bem perto de você. Seja mais semelhante a Jesus. E então o mundo conhecerá o poder do evangelho. Tal poder não reside apenas em manifestações sobrenaturais, mas, no poder de Deus em transformar vidas perdidas no pecado em novas criaturas, pelo nome e sangue redentor de Jesus Cristo e pela presença edificadora do Senhor Espírito Santo.

Deixe a luz de Jesus brilhar através de você, e ilumine o mundo que perece em trevas.





Thiago Lobo

Tempos atrás, conheci uma senhora cujo filho estudava na escola adventista. Através do contato com a escola, começamos a estudar a Bíblia, mas ela parecia indiferente às verdades reveladas. Mas durante a série de estudos, o Espírito Santo tocou seu coração e ela pediu o batismo.

Argumentei que ela devia esperar até o fim dos estudos, pois faltavam algumas lições. Ela perguntou quais assuntos faltavam, e um deles era sobre o dom de profecia. Quando comentei o que era o dom de profecia, ela me disse: “Se Deus é o mesmo, o Espírito Santo também, se havia profetas no passado, por que não poderia haver hoje? Eu creio, eu aceito, pode marcar meu batismo.” Pouco tempo depois, ela foi batizada juntamente com o esposo.

Graças a Deus porque ainda existem pessoas que compreendem o quanto é importante para a igreja nos dias atuais, em que a confusão religiosa se espalha por toda parte, a direção de Deus para Seu povo através da revelação profética. Como igreja, podemos afirmar com segurança: somos o que somos hoje, por causa da direção de Deus, através da revelação profética, ao longo de nossa história.

Comunicação interrompida

O plano original de Deus era que existisse uma comunicação direta com Suas criaturas, como acontecia com Adão, que diariamente conversava com Ele. A entrada do pecado, no entanto, comprometeu essa comunicação e Deus passou a falar com os seres humanos através dos profetas.

Um dos exemplos de como essa comunicação se processa pode ser vista na vida do profeta Daniel. Esse profeta permanece em linha direta com os outros grandes profetas das Escrituras. As visões e sonhos que viu e registrou em seu livro são partes da coleção de escritos dos profetas. Ao examinarmos o dom de profecia na vida do profeta Daniel e no restante da Bíblia, veremos que o dom de profecia ainda hoje está ao nosso dispor.

Nos tempos bíblicos

Nas Escrituras, profeta é alguém que recebe comunicações de Deus e as transmite ao povo. No Antigo Testamento, a palavra profeta é geralmente tradução do hebraico *nabi*, que designa um porta-voz apontado por Deus. O termo grego equivalente ao hebraico *nabi* é *prophetes*, de onde deriva o nosso termo em português, profeta.

“Vidente”, tradução do hebraico *roeh* (Is 30:10) ou *chozeh* (2Sm 24:11; 2Rs 17:13), é outra designação para as pessoas que possuem o dom profético. Os termos profeta e vidente acham-se intimamente relacionados. Através dos anos, Deus concedeu revelações de Sua vontade a Seu povo, utilizando as pessoas que haviam recebido o dom de profecia. “Certamente, o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o Seu segredo aos Seus servos, os profetas” (Am 3:7; cf. Hb 1:1).

Identificando o profeta

Sonhos e visões – Os sonhos ocorrem enquanto o profeta dorme. As visões ocorrem enquanto está acordado. Não surgem de experiências comuns da vida; são inspiradas pelo Espírito Santo (Nm 12:6; Dn 7:1; 8:1)

Fenômenos físicos – Fenômenos físicos acompanham os profetas enquanto estão em visão, demonstrando para os que estão ao seu redor que estão recebendo algo que lhes vem de uma fonte sobrenatural (Dn 10:8, 9, 10, 17, 18).

A fonte do profeta – O Espírito Santo é a fonte das mensagens que os profetas receberam nas visões (2Pd 1:21; Am 3:7)

O trabalho do profeta – O dom de profecia não é somente a habilidade de prever o futuro, pois alguém pode ser um profeta sem necessariamente prever o futuro. Alguns profetas, como Daniel, previram o futuro; mas outros não. Seu trabalho foi o de edificar, encorajar e confortar a igreja.

Seres humanos comuns – Os profetas bíblicos não foram perfeitos. Nenhum profeta é perfeito, pois são humanos. Mas a tendência geral da vida de um profeta deve estar em harmonia com a Palavra de Deus.

Provas da profecia – A profecia verdadeira deve se cumprir (Dt 18:21, 22). A profecia deve estar de acordo com a Bíblia (Ap 22:18, 19). A mensagem de Deus gera paz no coração (Cl 3:15). O testemunho de experientes servos de Deus é útil para ajudar-nos a discernir entre o certo e o errado.

Trabalho não registrado

Há profetas cujos nomes são mencionados nas Escrituras, mas não se tem detalhes de sua obra. Tais pessoas receberam o dom profético fora dos relatos sagrados. Paulo deixa claro que devemos provar os verdadeiros profetas e absorver seus ensinamentos (1Ts 5:19-21). Ele diz que, enquanto estivermos na Terra, precisamos de todos os dons do Espírito Santo, incluindo o de profecia.

Uma das marcas de identificação da igreja remanescente, de acordo com Apocalipse 12:17, é que ela não somente guardaria os mandamentos de Deus,

mas também teria o testemunho de Jesus que, segundo Apocalipse 19:10 e 22:9 é o dom de profecia.

Examinando o dom profético nas Escrituras, se torna claro que existiram três grupos de profetas:

1. Aqueles cujas revelações recebidas estão registradas na Bíblia, como Moisés, Daniel, o apóstolo João e outros;
2. Aqueles que transmitiram as orientações de Deus apenas de maneira oral, não havendo livros com seus nomes, como Enoque, Elias e João Batista;
3. Os que receberam o dom, mas seus nomes não constam na Bíblia.

Atividades e funções dos profetas no NT:

1. Prestaram assistência na fundação da igreja (Ef 2:20, 21).
2. Iniciaram a extensão missionária da igreja (At 13:2, 3; 16:6-10).
3. Edificaram a igreja (1Co 14:4, 3; Ef 4:12).
4. Uniram e protegeram a igreja (Ef 4:14).
5. Advertiram quanto a dificuldades futuras (At 11:27-30; 20:23; 21,4, 10-14).
6. Confirmaram a fé em tempos de controvérsia (At 15:32).

Ellen White, a mensageira do Senhor

Helen Harmon nasceu em 26 de novembro de 1827, numa pequena quinta de Gorham, no estado do Maine. Em dezembro de 1844, ela teve uma visão sobre o futuro da igreja adventista. Aceita por uns, mas contestada por outros, ela continuou a partilhar com quem a queria ouvir o conteúdo de suas visões. Ao longo de sua vida teve mais de duas mil visões, a maioria das quais registrou em livros e artigos. Ela sempre deu o primeiro lugar à Bíblia como regra de fé e norma de conduta para todos os crentes. Lutou com seus escritos contra o fanatismo. Nunca se considerou a si mesma profetisa, mas sim mensageira do Senhor. Casou-se em 30 de agosto de 1846 com Tiago White. Dedicou-se a escrever sobre vários temas e no momento da sua morte em 1915, com 87 anos, tinha escrito cerca de 45.000 páginas datilografadas, ou seja um total de 60 volumes, 4.500 artigos em revistas e mais de um milhar de cartas.

O espírito de profecia e a Bíblia

Os escritos de Ellen White não constituem um substitutivo para a Bíblia. Não podem ser colocados no mesmo nível. As Escrituras Sagradas ocupam posição única, pois são o único padrão pelo qual seus escritos – ou quaisquer outros – devem ser julgados e ao qual devem estar subordinados. Somente a Bíblia

é o padrão supremo. O espírito de profecia é um guia para a compreensão da Bíblia e para a aplicação de seus princípios.

Regras para interpretação do espírito de profecia:

- 1ª. Confirmar a fonte exata de cada trecho antes de usá-lo.
- 2ª. Uma vez confirmado o trecho, ter certeza do contexto histórico.
- 3ª. O espírito de profecia não é vara para oprimir a povo de Deus.
- 4ª. Não buscar novas doutrinas no espírito de profecia.
- 5ª. Distinguir a aplicação literal e a aplicação espiritual dos textos citados.
- 6ª. Lembrar que o espírito de profecia não foi dado como guia infalível para informações periféricas.

Para refletir:

De que forma o fato de saber o ensino bíblico que diz: “Crede em Deus e estareis seguros e credes nos seus profetas e prosperareis” (2Cr 20:20), e: “Não extingais o Espírito; não desprezeis as profecias; examinais tudo. Retende o bem” (1Ts 5:19-24) pode melhorar sua vida hoje?

A forma como você usa o espírito de profecia é coerente com a sua profissão de fé? Tem você buscado regularmente essa fonte de orientação como fonte apoio na compreensão das Escrituras? Ore e pense sobre isso nas próximas 24 horas.



Os Dez Mandamentos

“Então falou o Senhor Deus todas estas palavras: Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da casa da servidão” (Êx 20:1, 2).



Thiago Lobo

Somente um povo livre poderia compreender e viver os princípios do Deus da liberdade. O conhecimento habitual e diário de Cristo gera poder para uma vida de obediência e liberdade. Obediência aos princípios da Lei Moral é a base sobre a qual o reino de Deus é manifestado na vida do pecador. Portanto, é extremamente relevante conhecer os princípios que regem a lei de Deus e os propósitos para os quais ela foi dada.

Pela permanência diária com Cristo obtemos poder para obedecer.

A grande pergunta que todos devemos fazer no começo de cada dia é: Estou cheio da Palavra de Deus? Ele está comigo? Sinto a presença dEle? Sinto-me amado por Ele? Agora se concentre e medite nestas palavras: “Se vós permanecerdes na Minha palavra, sois verdadeiramente Meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8:31, 32).

A obediência aos mandamentos de Deus será consequência natural de um relacionamento íntimo com Jesus: “E aquele que guarda os Seus mandamentos permanece em Deus, e Deus nele. E nisto conhecemos que Ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu” (1Jo 3:24).

Quando nos submetemos incondicionalmente Àquele que é a verdade, Ele nos conduz a uma experiência vitoriosa sobre o eu e as tentações. Além da graça, que nos leva a odiar o pecado, e da misericórdia,

que implanta em nosso coração a visão de que somos amados por Deus, Ele ainda opera por meio de Seus mensageiros em nosso favor: “Quando pomos em Jesus Cristo a confiança, operando a obediência para a justiça, anjos de Deus operam em nosso coração para a justiça” (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 94).

A lei de Deus é um transcrito e expressão de Sua vontade e Seu caráter. É impossível o pecador justificado e santificado não estar em harmonia com o espírito da lei. Ou seja, não há incompatibilidade entre o homem espiritual e a lei espiritual. A Palavra profética resume e descreve essa lei da liberdade em seus diversos qualificativos assim: “É uma revelação da vontade e caráter do Autor. Deus é amor, e Sua lei é amor. Seus dois grandes princípios são amor a Deus e amor ao homem. ‘O cumprimento da lei é o amor’ (Rm 13:10). O caráter de Deus é justiça e verdade; esta é a natureza de Sua lei. Diz o salmista: ‘Tua lei é a verdade’; ‘todos os Teus mandamentos são justiça’ (Sl 119:142, 172). E o apóstolo Paulo declara: ‘A lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom’ (Rm 7:12). Tal lei, sendo expressão do pensamento e vontade de Deus, deve ser tão duradoura como o Seu Autor” (*O Grande Conflito*, p. 467).

Quando começamos nosso dia com Deus e continuamos com Ele todo o tempo, os princípios da lei serão inerentes ao nosso ser (estarão em nosso íntimo e moldarão nossa forma de ser). Quais são esses princípios presentes em cada mandamento? Vamos então lembrar um a um.

Princípios do caráter de Deus expressos na Lei Moral:

- Primeiro mandamento – Adoração exclusiva ao único e verdadeiro Deus.
- Segundo – Proibição da idolatria em todas as suas formas.
- Terceiro – Reverência para com Deus e a proibição ao falso juramento em nome da Divindade.
- Quarto – Reconhecimento e adoração do verdadeiro Deus, Criador dos céus e da Terra.
- Quinto – Submissão e respeito aos pais.
- Sexto – Proibição de qualquer atentado contra a vida, devido ao seu caráter sagrado.
- Sétimo – Pureza e santidade no matrimônio, por ser de natureza inviolável.

- Oitavo – Proteção ao direito de propriedade.
- Nono – Falar a verdade em toda e qualquer circunstância.
- Décimo – Proíbe a cobiça daquilo que pertence ao outro.

Princípios que já existiam

A palavra profética diz que “a lei de Deus já existia antes que o homem fosse criado. Os anjos eram governados por ela. Satanás caiu porque transgrediu os princípios do governo de Deus. Depois que Adão e Eva foram criados, Deus lhes fez conhecida Sua lei. Ela não foi escrita então, mas repetida a eles por Jeová. [...] Após o pecado e queda de Adão, nada foi tirado da lei de Deus. Os princípios dos Dez Mandamentos existiam antes da queda, e eram de caráter adequado à condição de uma ordem de seres santos” (*Spirit of Prophecy*, v. 1, p. 261; *Cristo em Seu Santuário*, p. 22).

Levando em conta a realidade cultural de Seu povo recém-saído da escravidão, esses princípios foram colocados dentro desse contexto. “Os princípios dos Dez Mandamentos foram simplificados e dados de maneira definida, de modo que eles não precisavam errar” (*História da Redenção*, p. 149).

Por meio de Sua lei, o Criador queria revelar, de forma clara, a Sua vontade para com Seu povo. Conhecer e obedecer deveriam ser a condição para a manutenção de um relacionamento aceitável. Dessa forma, os propósitos de Deus seriam cumpridos através de Seu povo e, assim, ele poderia ser uma bênção para todo o mundo.

Propósitos específicos

Os propósitos de Deus por meio de Sua lei eram amplos e visavam proporcionar ao Seu povo uma visão privilegiada do plano dEle para o mundo.

Dentre os vários propósitos específicos da lei moral, vamos considerar os seguintes:

1. Revelava a vontade de Deus para a humanidade – A lei é uma expressão do caráter, amor e bondade de Deus. Só pode ser obedecida por intermédio do poder do Espírito Santo na vida do pecador.
2. Ela é a base do concerto divino – Ela é superior a todas as demais leis enunciadas por Moisés.

3. Ela funciona como padrão de julgamento – Ela é o padrão de justiça por meio do qual todo ser humano será julgado.
4. Ela aponta o pecado – Sem ela, o ser humano não podia conhecer a santidade de Deus, a malignidade do pecado, a culpa, nem perdão e arrependimento.
5. Ela é um agente de conversão – Mostra a situação do pecador, e o Espírito Santo atua provocando a conversão e a restauração da alma. A lei aponta para Cristo o Único que pode livrar o pecador da maldição do pecado.
6. Ela provê genuína liberdade – João diz que “todo aquele que comete pecado é escravo do pecado” (Jo 8:34). Nessa situação, o Espírito Santo entra em ação e leva o que está morto em delitos e pecados ao Grande libertador, Cristo Jesus, e verdadeiramente o pecador é liberto e passa ser livre para viver com responsabilidade.
7. Ela restringe o mal e traz bênção – A bênção segue ao que obedece pelo poder que vem da presença de Cristo na vida. A maldição segue o que rejeita a companhia e o poder do divino companheiro e segue o caminho da desobediência e da rebelião. (Parte do resumo deste tópico foi tirada do livro *Nisto Cremos*, p. 315-318.)

Meu irmão e minha irmã: Cada dia decidimos a quem vamos obedecer. Os que querem obedecer a Deus por meio de Sua santa lei buscam o poder em Cristo por meio da comunhão na primeira hora de cada manhã.

Os que querem seguir outro curso dão as costas à Ele e seguem o caminho dos pecadores “comuns”. Esses momentos de conhecimento e comunhão com o Pai irão fazer toda a diferença na vida dos que querem a bênção e dos que preferem a maldição. A decisão é sua.

Para refletir:

A obediência aos mandamentos da Lei Moral, como resultado da intimidade diária com Deus, é uma doutrina genuína e peculiar da Igreja Adventista do Sétimo. Que diferença o conhecimento e prática dessa crença pode fazer em sua vida hoje?

Ore e pense sobre isso nas próximas 24 horas.

O SÁBADO

Um dia para não esquecer

O Criador deixa um presente especial para Seus filhos a cada semana. Desembrulhe-o.

A conclusão de um prédio ou uma casa é resultado de um grande esforço. Foram várias reuniões, encontros, acertos, discussões para, finalmente, chegar ao término da obra. É sair do imaginário para o real; do planejamento para o concreto. Nada melhor do que comemorar essa vitória com uma grande festa de inauguração.

Deus também planejou detalhadamente como faria o mundo. Foi feita uma grande reunião de planejamento, com muitos planos e idéias. Em cada um dos seis dias, Deus criou algo para alegrar a vida do ser humano, tudo planejado com detalhes e minúcias. E no sexto dia, depois de tudo concluído, Deus criou o homem. Só depois disso, então, sim, Deus criou o sábado e descansou.

Mas por que Deus criou o sábado logo depois de haver criado Adão e Eva? Lembre-se de que nenhum dos dois estava cansado, pois eram recém-criados. Na verdade, essa era a festa de comemoração do projeto concluído; a celebração de um grande feito, uma comemoração inesquecível.

É por isso que o sábado é uma lembrança da Criação. É para lembrar que, em um dado momento no passado, Alguém pensou no mundo e, depois de muitos planos e trabalho, a obra foi concluída. Sobre os seis dias passados, Adão e Eva tiveram que ser informados por Deus. Mas o dia de sábado foi diferente. Eles estavam presentes e viram com os próprios olhos.



Jamais poderiam esquecer. Esse dia os ajudaria a lembrar que o Deus que tinha criado todas as coisas devia ser adorado. Por isso a Bíblia diz: “Lembra-te do dia de sábado para o santificar (Êx 20:8).

Bom seria se tudo tivesse ficado como Deus criara. Mas quando o pecado atingiu este mundo, Satanás atacou diretamente o sábado. Ele usou os próprios cristãos para mudar o dia de guarda do sábado para o domingo. Com o passar dos anos, a maioria das pessoas se esqueceu do verdadeiro dia de descanso e, conseqüentemente, do Deus criador do céu e da Terra.

Mas Deus tem um povo que Ele mantém como Seu remanescente, para lembrar que Ele não muda e mantém a bênção do sábado para o bem do ser humano. O encontro ininterrupto a cada sábado com o Criador produz um poder renovador da vida, que traz saúde e paz. A cada semana, Ele presenteia aqueles que O honram como Criador.

Que privilégio! Receber permanentemente esse presente do Pai. E, sabe o que é melhor nesse presente? É que depois de seis dias sempre vem um novo sábado e isso soa como se Deus dissesse: “Filho, não importa o que você tenha feito ou por onde tenha andado. Se, neste sábado, você se encontrar comigo, então Eu o perdorei, salvarei e abençoarei.” Foi Ele mesmo quem disse: “Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar de teus próprios interesses no Meu santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então, te deleitarás no Senhor. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai, porque a boca do Senhor o disse” (Is 58:13, 14).

Depois de um sábado assim, você terá uma vida diferente. E, então, esse dia se tornará, a cada semana, inesquecível. Não perca tempo: abra logo esse presente.

Para refletir:

De que forma a observância do sábado, como um dia consagrado para adoração ao Deus Criador dos céus e da Terra, tem ajudado sua vida espiritual? Sua família tem sido beneficiada pelo cumprimento desse ensino de Cristo? Seus vizinhos e amigos também?

Pense e ore sobre isso nas próximas 24 horas.

MORDOMIA CRISTÃ

Certo dia o funcionário de uma empresa foi chamado ao gabinete do proprietário. Sem meias palavras, o homem foi direto ao assunto: “Estamos reestruturando a empresa e precisamos de uma pessoa exatamente do seu tipo para ocupar uma importante gerência. Analisamos sua ficha e vimos que só há um problema: você é crente, e o cargo é incompatível com a sua fé. De modo que você terá que fazer uma opção entre a promoção no emprego e sua religião. Mas você não precisa responder agora. Vá para casa. Hoje é sexta-feira. Pense, e na segunda nos diga o que foi que decidiu.”

O homem foi para casa envolto no manto da dúvida e naquele fim de semana seu coração virou campo de batalha entre o certo e o errado. Na segunda-feira, lá estava ele na empresa, ansioso por se encontrar com o dono, que lhe perguntou: E aí? Qual é a sua decisão?

Acho que vou aceitar a proposta que me fez.

O patrão nem levantou a cabeça: “Então, vá imediatamente ao Departamento de Pessoal. Você está despedido!”

Mas... patrão, foi o senhor mesmo quem me fez a proposta!

“Sim, mas, na verdade estou procurando alguém de absoluta confiança para ocupar este cargo. Se você foi capaz de tão rapidamente trair sua consciência religiosa, quem me assegura que mais rapidamente ainda não trairá a empresa?” (*Revista Compromisso*, 3º Trimestre, 2001).

Na criação, Deus compartilhou Suas possessões com a humanidade e continua a ser o verdadeiro dono do mundo, seus habitantes e seus bens. O salmista refletiu adequadamente essa realidade ao afirmar: “Ao Senhor pertence a Terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam” (Sl 24:1).

O cristão reconhece que tudo que tem e é pertence a Deus, inclusive a própria vida. Paulo declarou: “Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo” (1Co 6:19 e 20).

Se somos de fato propriedade de Deus, somos responsáveis perante Ele pela maneira como administramos os bens que Ele nos confiou. Esses bens podem ser divididos em quatro áreas:

1. Mordomia cristã do templo. Nosso corpo é propriedade do Senhor! Por esta razão Paulo nos aconselha: “Glorificai a Deus no vosso corpo” (1Co 6:20). Como podemos glorificar a Deus em nosso corpo? Novamente Paulo nos admoesta: “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Ro 12:1, 2).

Os cristãos têm o privilégio de desenvolver as capacidades físicas e mentais com vistas a desenvolver ao máximo suas habilidades e oportunidades. Assim procedendo, trazem honra a Deus e podem se tornar grande bênção aos seus semelhantes.

2. Mordomia cristã dos talentos. Através da parábola dos talentos Jesus ilustrou a responsabilidade individual do cristão. Um dos personagens da parábola recebeu cinco talentos, outro recebeu dois, e um terceiro um talento. O que recebeu cinco ganhou outros cinco; o que recebeu dois ganhou outros dois; ao passo que o que recebeu um escondeu seu único talento. Quando eles foram confrontados pelo senhor para prestar contas da sua mordomia, o primeiro apresentou, exultante, dez talentos; o segundo, quatro; e o terceiro, hesitante, afirmou: “Senhor, sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste, receoso, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu” (Mt 25:24, 25). Enquanto os dois primeiros mordomos foram elogiados pelo senhor por sua fidelidade, o último foi reprovado e “lançado para fora, nas trevas” (Mt 25:30).

3. Mordomia cristã do tempo. Falando da importância do tempo, Ellen White afirmou: “Nosso tempo pertence a Deus. Cada momento é Seu, e estamos sob a mais solene obrigação de aproveitá-lo para Sua glória. De nenhum talento que nos concedeu requererá

Ele mais estrita conta do que nosso tempo.” (*Parábolas de Jesus*, p. 342). Uma vez que o tempo é dom de Deus, cada momento é precioso. Ele nos é concedido para formarmos o caráter a ser levado para a eternidade. Mordomia fiel do tempo significa utilizá-lo para conhecer melhor nosso Senhor, para ajudar nossos semelhantes e para compartilhar o evangelho.

A mordomia do tempo inclui, ainda, a fiel observância do sétimo dia, o sábado do Senhor. Esse é um tempo especial, separado pelo Criador desde a fundação do mundo, com a finalidade de desenvolvermos comunhão com Ele.

4. Mordomia cristã dos tesouros. Os adventistas do sétimo dia adotaram o modelo levítico como método adequado e bíblico para financiar a pregação mundial do evangelho. Deus ordenou que a proclamação do evangelho dependesse dos esforços e ofertas de Seu povo. Ele os chama para que se tornem colaboradores altruístas de Sua obra, oferecendo-lhe seus dízimos e ofertas.

As Escrituras nos ensinam que o dízimo é “santo ao Senhor”, pois simboliza a propriedade divina de todas as coisas (Lv 27:30, 32). Quando Deus reclama para Si o dízimo, dizendo “trazei todos os dízimos à casa do tesouro” (Ml 3:10), Ele não apela à nossa gratidão ou generosidade. Embora a gratidão deva constituir parte de todas as nossas expressões dirigidas a Deus, dizimamos porque Deus nos ordenou fazê-lo. O dízimo pertence ao Senhor, e Ele requer que Lho devolvamos.

Cristãos agradecidos não podem limitar ao dízimo suas contribuições à igreja. O Senhor espera que ofereçamos liberalmente na medida em que nos concede prosperidade. As ofertas são necessárias para construir, manter e operar as igrejas e para empreender a obra médico-missionária, demonstrando o significado prático do evangelho.

No Novo Testamento, Cristo assentou os princípios da verdadeira mordomia cristã – que os nossos dons sejam entregues a Deus em proporção à luz e aos privilégios que desfrutamos. Ele disse: “Àquele a quem muito foi dado, muito Lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais Lhe pedirão” (Lc 12:48). Quanto mais amplamente for o evangelho anunciado, maior será a necessidade de recursos materiais para mantê-lo.

Bênçãos da mordomia

Foi para o nosso próprio benefício, e não para o Seu, que Deus nos colocou na posição de mordomos. Jacob Needleman, filósofo americano, confirmou uma verdade bíblica quando disse numa entrevista que para se manter o equilíbrio emocional é preciso cultivar valores humanos, ajudar outras pessoas. E, para ilustrar essa verdade, contou a seguinte história: “Um aluno meu, no México, tinha um filho de cinco anos. No natal, um menino pobre bateu à porta pedindo esmola. O pai disse ao filho: ‘Dê a ele um de seus brinquedos!’ O garoto pegou um, mas o pai lhe disse: ‘Esse não, dê a ele um de seus melhores brinquedos!’ O filho resistiu e chorou até que, muito triste, pegou um dos brinquedos de que mais gostava e o entregou ao garoto pobre. Quando voltou, estava radiante e disse: ‘Pai, posso fazer isso de novo?’ Ele descobriu a alegria de dar alguma coisa de valor” (*Revista Super Interessante*, julho de 2001).

Toda fidelidade a Deus será recompensada, Jesus afirmou: “Ninguém há que tenha deixado casa, ou mulher, ou irmãos, ou pais, ou filhos, por causa do reino de Deus, que não receba, no presente, muitas vezes mais e, no mundo por vir, a vida eterna” (Lc 18:29, 30).

(*Extraído e adaptado do Livro Nisto cremos*)



Daniel de Oliveira

Para refletir:

Você é um abençoado de Deus. As coisas mais preciosas que nem mesmo as maiores fortunas podem comprar Ele Lhe dá em abundância e de graça. De que forma isso Lhe tem beneficiado? A fidelidade nos dízimos e nas ofertas Lhe traz felicidade ou peso?

Pense e ore sobre isso nas próximas 24 horas.

CONDUTA CRISTÃ

Falar de conduta cristã hoje em dia parece uma coisa fora de moda, e socialmente inconveniente. Por que esse assunto tão relevante se tornou tão antipático? Quando esse tema é apresentado tendo como foco o ser humano, realmente é um assunto sem graça. Quem gosta de ser malhado por sua incapacidade de fazer as coisas certas?

Na jornada de hoje, vamos aprender que quando Cristo está no centro de nossa vida, naturalmente serão manifestos obediência, integridade, justiça, amor e bondade em tudo o que fazemos e pensamos. A forma como vivemos, a mensagem que pregamos, tem uma importância que vai além da nossa imaginação. Em todo o tempo estamos dizendo quem está no controle da nossa vida por aquilo que fazemos. A boa conduta não nos salva, mas demonstra se estamos ou não vivendo como uma pessoa salva em Cristo. Bem, vamos então ao assunto.

O perigo dos extremos

Há alguns anos estive em uma linda e animada igreja de nossa Divisão. Durante o programa da Escola Sabatina, no momento da confraternização, todos fomos convidados a cumprimentar uns aos outros e assim cada um buscou saudar o máximo de pessoas.

Percebi que entre os adoradores estava uma senhora cheia de jóias e maquiagem, chamando a atenção de todos. Logo pensei: é uma visita amiga da igreja. Aproximei-me com entusiasmo, tentando demonstrar a minha alegria por tê-la entre os adoradores naquela manhã. Depois dos cumprimentos e do convite para que voltasse outras vezes, foi surpreendido com a seguinte afirmação: eu também sou adventista!

Naquele momento fiquei envergonhado. Pensei em falar: mas nem parece! Mas não o fiz. Simplesmente, voltei triste para o banco e meditando nos miocos que podemos pagar quando nos esquecemos de verificar o ponto de equilíbrio daquilo que fazemos.

A palavra de Deus diz: “Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há

no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procedem do Pai, mas procedem do mundo. Ora o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1Jo 2:15-17).

Creio que você entendeu que a explicação do versículo 15 foi dada nos versos 16 e 17. Mas, deixe-me acrescentar algo: tudo o que no mundo político, social, educacional, científico, familiar vier de encontro aos princípios bíblicos colocados em nosso coração pelo Espírito Santo deve ser rejeitado. Não podemos transigir com princípios. Quanto ao que é cultural, temos que avaliar à luz da Bíblia o que fere e o que não fere os princípios. O que diz a Palavra de Deus deve ser o grande divisor de águas. Fora disso não podemos ir.

Mas cuidemos com os extremos. Muitos hoje alegam que o importante é estar salvo e que as obras não têm importância. Como não tem? Como é que demonstro que estou salvo? Não somos salvos pelo que fazemos ou deixamos de fazer, como disse Paulo: “... de Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes” (Gl 5:4). Por outro lado Tiago diz que “a fé se não tiver obras é morta, por si só está morta” (Tg 2:17).

Grave então em sua mente: faço boas obras porque fui salvo da pena do pecado, estou sendo salvo do poder do pecado e porque serei salvo da presença do pecado quando Jesus regressar. A grande pergunta é: Como manter o ponto de equilíbrio?

Viver na presença de Cristo

A Palavra de Deus nos mostra qual foi o segredo daqueles que tiveram uma conduta exemplar e como nós também podemos ter. Acerca de Moisés, ela diz: “Pela fé, permaneceu firme como quem vê o invisível” (Hb 11:27), e Paulo nos desafia: “Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o autor e consumidor da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus” (Hb 12:1-2).

Meu irmão e minha irmã, quando começamos o dia na primeira hora de cada manhã e permanecemos na presença dEle até a última hora, Ele nos mostrará o ponto de equilíbrio. Na companhia do invisível, Ele será nosso tesouro de grande preço, nosso todo em tudo. Na presença dEle teremos o bom senso necessário para fazer somente o que agrada a Ele e, conseqüentemente, ao nosso próximo.

Assim teremos uma conduta de glorificação do Pai. “Vós sois a luz do mundo”, disse Cristo. “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos Céus” (Mt 5:14, 16). Como discípulos de Cristo, devemos fazer tudo olhando firmemente como quem vê o invisível, e certamente não teremos dificuldade em viver uma conduta irrepreensível em todos os aspectos da vida.

A preocupação primária de um cristão sincero não deveria ser lutar para ter uma boa conduta. Mesmo a pessoa mais dedicada vai fracassar nesse ideal. A mais importante e urgente de todas as preocupações é a busca da intimidade com Deus. É isso que nos prepara para diariamente termos uma conduta semelhante à de Cristo. Fora disso é lutar pelo impossível. Sem o poder que vem da Palavra, todos irão fracassar. Com Cristo em nossa vida, desde a primeira até a última hora de cada dia, teremos o poder para obedecer.

Lembramos mais uma vez que “embora nossa conduta e espiritualidade estejam intimamente relacionadas, jamais poderemos obter salvação através de conduta correta. Em vez disso, o comportamento cristão é um fruto natural da salvação e encontra-se alicerçado naquilo que Cristo já realizou por nós no calvário” (Nisto cremos, p. 348).

Dentro desse contexto de obediência como resultado de nossa intimidade habitual com Deus, para efeito educativo gostaríamos de lembrar alguns pontos relevantes de nossas crenças.

Pontos relevantes

O cuidado com o corpo – É parte de nosso dever religioso e de nosso preparo para o encontro com Cristo. Nosso corpo é templo do Espírito Santo e “o chamado de Deus à santidade envolve um chamado tanto a saúde física quanto à espiritual” (Nisto cremos, p. 348). Deus nos deu oito remédios para serem usados como condição para que desfrutemos de saúde total a cada dia.

Cinema, televisão, internet, blog, twitter, música

– Essas mídias, juntamente com a música, são importantes meios de comunicação e não podemos descartá-las, pois podem ser usadas para divulgar o evangelho e outras coisas boas. Mas deveríamos perguntar, para não cairmos nas armadilhas do inimigo: Será que o que estou vendo ou ouvindo tem promovido a imoralidade, sensualidade, desvio de conduta e a violência? Mesmo selecionando, quanto tempo isso tem consumido?

Vestuário – “O modo como nos vestimos demonstra ao mundo quem somos – não como expressão de exigência legal, como na era vitoriana, mas como expressão de nosso amor a Jesus” (Nisto cremos, p. 356). Portanto, os princípios que devem reger a nossa decisão quanto ao que vestir devem ser a modéstia, simplicidade, praticidade, saúde, bom gosto, senso comum, adoração, pregação e glorificação.

Mordomia cristã – Regularidade e honestidade para com Deus e, conseqüentemente, para com os homens. De que tipo será a adoração de um cristão desonesto nos díizimos e nas ofertas? O que se pode esperar de mordomo que esbanja os recursos do Senhor apenas para si, em detrimento do próximo necessitado?

Todos são chamados para ministrar e viver cada dia com a mente de Cristo, de forma exemplar, em louvor, adoração e glorificação do Pai.

Para refletir:

“Não devemos imitar nenhum ser humano. Não há nenhum ser humano que seja suficientemente sábio para ser nosso critério. Devemos olhar para o homem Cristo Jesus, o qual é completo na perfeição da justiça e santidade. Ele é o Autor e Consumador de nossa fé. Ele é o Homem exemplar. Sua experiência é a medida da experiência que devemos obter. Seu caráter é nosso modelo. Tiremos, portanto, a mente das perplexidades e das dificuldades desta vida, e fixemo-la nEle, para que, contemplando, sejamos transformados à Sua semelhança. Podemos contemplar a Cristo com boa finalidade. Podemos olhar para Ele com segurança; pois Ele é todo-sábio. Ao olharmos para Ele e meditarmos a Seu respeito, Ele será formado em nós, a esperança da glória” (O Cuidado de Deus, MM 1995, p. 367).

De que forma esse conhecimento de que Jesus é seu modelo de conduta pode melhorar sua vida hoje? Pense e ore sobre isso nas próximas 24 horas.

CASAMENTO E FAMÍLIA



Shutterstock

Está se tornando cada vez mais comum as pessoas buscarem a independência. Não que essa maneira de ser seja um problema em alguns casos, mas tal atitude tem levado as pessoas a se tornarem individualistas e isso leva a uma rebelião contra os sistemas, instituições, lideranças e famílias. Para muitos, esta tem sido a maneira de pensar e agir. As pessoas não querem estar sob a influência de um lar, nem querem ouvir conselhos e orientações. Muitas vezes suas decisões são tomadas por impulso ou por emoção repentina.

Vivemos em um mundo onde as pessoas não querem ser dependentes. Mas é importante entender que não sabemos todas as coisas e, por outro lado, a experiência de outras pessoas mais experientes pode nos ajudar a tomar decisões acertadas. Nós não fomos os primeiros; outros vieram antes de nós.

Estima-se que dos 17 aos 25 anos de idade a maioria das pessoas decide com quem se casar e qual será sua profissão. São decisões muito sérias para tomá-las de forma independente de orientações. Temos várias fontes de sabedoria e instrução para nos auxiliar neste mundo tão complexo. Uma bem conhecida é a Bíblia. A outra é a natureza. Os escritos de Ellen White são outra forma de instrução. Outro recurso que pode ser usado é o conselho e orientação dos pais. Esse é um dos primeiros meios que o filho tem para receber informação. É ao lado do pai que o filho aprende

a andar. É junto da mãe que o filho aprende a falar. Os grandes conceitos da infância são aprendidos com os pais. Ellen White diz que até certa idade os pais são os representantes de Deus junto aos filhos.

Os pais são enciclopédias vivas do tempo, com muitas informações importantes que, sem dúvida, muito ajudarão seus filhos ao longo da vida. Uma das razões para Deus ter criado a família foi para que ela pudesse se tornar a base, o apoio aos menores que estão no processo de formação das ideias, conceitos e princípios. O quinto mandamento diz: "Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus te dá" (Êx 20:12). Aqui está se falando da importância desse relacionamento para se ter dias longos e felizes. No livro de Provérbios uma frase muito repetida é a que diz: "Filho, ouça seu pai e sua mãe!" Esse tem sido um desafio. Em geral, as pessoas não querem ouvir.

No livro *Mensagem aos Jovens*, na página 465, Ellen White diz: "Muito antes de atingirem a idade de homens ou mulheres feitos, julgam-se competentes para fazerem sua escolha, sem o auxílio de seus pais." Satanás sabe que se os filhos estiverem atentos aos conselhos dos pais eles serão poupados de muitos sofrimentos. Então ele cria um distanciamento que faz os filhos se sentirem autossuficientes e assim, com pouca experiência e distantes dos pais, ele tem facilidade para enganá-los. Quando 2 Timóteo 3:2 fala em filhos "desobedientes aos pais" está dizendo que o mundo estaria numa crise de independência. Isso não quer dizer que a obediência deva ser cega, mas respeitadora e atenta a ouvir orientações que levarão a um bom desenvolvimento.

É importante buscar o auxílio dos pais mesmo com seus defeitos, porque em Mateus 7:11 é dito que os pais, mesmo com suas limitações, "sabem dar boas coisas aos seus filhos". Então por que não aproveitar essa orientação abençoada? A história confirma isso. Sansão não quis ouvir o conselho dos pais com respeito à escolha de uma esposa filisteia. A ideia fixa de Sansão era: "Toma-me esta, porque só desta me agrado" (Jz 14:3). Há um ditado que diz: "Sábio é aquele que aprende com os erros dos outros." Se alguém já errou, eu não preciso errar. Posso pular essa etapa.

Isaque é um grande exemplo de como a vida se torna abençoada quando você ouve as orientações e conselhos dos pais. A vida dele passou por dois momentos distintos, e em todos eles seu pai estava presente. Quando foi para o altar do sacrifício, ele acreditou que seu pai estava certo e, seguindo a orientação do pai, se entregou no altar. Outro momento importante foi quando sentiu a necessidade de ter uma companheira. Novamente seu pai entra em cena, dessa vez para orientá-lo na escolha da futura esposa. E nos dois casos ele se saiu muito bem – do altar ele recebeu a promessa de que sua geração seria uma bênção a humanidade, e do casamento, ele foi feliz ao lado de Rebeca. Ele agiu de modo diferente de seu pai Abraão e de seus filhos Esaú e Jacó, os quais tiveram mais de uma esposa. Isaque só teve Rebeca.

Quanta diferença fez na vida de Isaque seu gesto de ouvir as orientações paternas! Neste momento importante da vida é o plano de Deus que os filhos ouçam os conselhos dos pais. Com o auxílio da Bíblia, da oração e dos conselhos dos seus pais, seja um jovem diferente dos outros e você verá que seus dias “serão longos” e abençoados neste mundo.

Para refletir:

Temos um débito impagável para com os nossos pais. Em grande parte, eles são os responsáveis pelo que somos. Geralmente são apaixonados pelo sucesso dos filhos. O conselho deles é fundamental para o sucesso na vida em todos os aspectos. O fato de saber que seus pais são tão importantes assim o tem ajudado a ser melhor na vida em geral? Isso o tem inspirado a cumprir suas obrigações como pai? De que forma a figura do pai como representante de Deus para os filhos, até uma determinada idade, pode melhorar sua qualidade de vida e a de sua família? Pense e ore sobre isso nas próximas 24 horas.



32º Dia **O MINISTÉRIO DE CRISTO NO SANTUÁRIO CELESTIAL**



Thiago Lobo

Quando eu era criança, ficava apavorado com a idéia do juízo. Ainda, ouvia alguns adultos dizerem a respeito da possibilidade de que o julgamento já tivesse acontecido e que nosso destino já estava selado. Isso não era algo que me alentava espiritualmente. Geralmente, o santuário celestial é associado à ideia do julgamento. Lamentavelmente, a palavra “juízo” não tem boas conotações na cultura ocidental. Em nossa igreja, alguns abusaram da ideia do juízo.

Porém, não temos necessidade de temer o juízo, se compreendermos seu significado hebraico que é bem diferente do sistema legal predominante nos países ocidentais. O sistema ocidental requer a participação de juízes que, em muitos países

subdesenvolvidos, tendem a favorecer as pessoas endinheiradas. Não obstante, a *Jewish Encyclopedia* [Enciclopédia Judaica] explica que, nos tribunais de justiça, “não havia a presença de promotores, estes eram desconhecidos da legislação”. O código legal judaico requeria que os juízes “sempre ficassem do lado do acusado, a quem se lhe devia dar o benefício da dúvida”.

Enquanto as testemunhas do crime pressionavam com sua participação, o juiz promovia a causa do defendido, influenciando para que saísse livre da culpa em virtude de um veredicto. Mas, ao juiz também correspondia executar a justiça. Caso a evidência da culpa fosse incontestável, o juiz deixava a posição de defesa do acusado a fim de pronunciar a condenação. O importante de todo o sistema jurídico, nos tempos bíblicos, era sua predisposição em favor da defesa e não da condenação do acusado.

Embora o conceito seja bonito, deixa-nos com uma pergunta: Se Deus, no juízo celestial, nos está defendendo, quem ousará contrariá-Lo? De fato, o acusador é Satanás, chamado na Bíblia de “acusador dos irmãos”, o “o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus” (Ap 12:10).

Em certas ocasiões, também o juiz hebreu designava um advogado intercessor para ser o defensor do acusado. A *Jewish Encyclopedia* destaca que, além disso, o marido poderia representar sua mulher no julgamento, com o propósito de ajudar o juiz quando o veredicto comprometia a defesa dos direitos legítimos do cônjuge.

Temos aqui uma similaridade comovente do juízo celestial. Cristo, o noivo da igreja, nos comprou com Seu próprio sangue. Agora Ele, como Advogado designado pelo tribunal para ajudar seu Pai, é o nosso defensor contra as acusações de Satanás.

As novas são maravilhosas! No juízo, Deus está do nosso lado e contra Satanás. Além disso, Jesus, nosso Advogado, nos ajuda ao interceder por nós. Deus diz que no sacrifício de Cristo foram satisfeitas as exigências legais para aceitar o pecador arrependido e para nos considerar perfeitos. Isso me dá segurança e garantia da salvação em Cristo! Permite-me ver como Jesus, o Juiz, pode atuar também como nosso defensor. Não há conflito em uma dupla função. Na verdade, Jesus tem de nos defender visto ser nosso Juiz.

O que precisamos saber a respeito do juízo

A Bíblia afirma que há um santuário no Céu, o verdadeiro Tabernáculo que o Senhor erigiu e não o homem. Nesse santuário Cristo ministra em nosso favor, para pôr à disposição dos crentes os benefícios de Seu sacrifício expiatório oferecido uma vez e para sempre na cruz (Hb 8:1-5; 4:14-16; 9:11-28; 10:19-22; 1:3; 2:16).

Cristo é nosso grande Sumo Sacerdote e iniciou Seu ministério de intercessão quando de Sua ascensão. Em 1844, ao concluir o período profético dos 2.300 dias, deu início à segunda fase de Seu ministério expiatório. Essa obra é um juízo investigativo, que faz parte da eliminação definitiva do pecado, prefigurada pela purificação do antigo santuário hebraico no Dia da Expição. No serviço simbólico, o santuário era purificado mediante o sangue dos sacrifícios de animais, mas as coisas celestiais são purificadas mediante o sangue do perfeito sacrifício de Jesus (Dn 7:9-27; 8:13, 14; 9:24-27; Nm 14:34; Ezequiel 4:6; Lv 16).

O juízo investigativo revela às inteligências celestiais aqueles que, dentre os mortos em Cristo, são dignos de participar da primeira ressurreição. Também deixa claro quem, entre os vivos, permaneceu em Cristo, guardou os mandamentos de Deus e a fé de Jesus e está preparado para a trasladação. Esse julgamento vindica a justiça de Deus ao salvar os que creem em Jesus. Declara que aqueles que permaneceram leais a Deus receberão o reino. Por fim, o ministério de Cristo assinalará o fim do tempo de provas dados aos seres humanos antes de Sua segunda vinda (Ap 14:6, 7; 20:12; 14:12; 22:12).

O juízo: a certeza da salvação

No Salmo 27, Davi apresenta a aplicação prática da mensagem do santuário em sua própria experiência: “Pois, no dia da adversidade, ele me ocultará no Seu pavilhão; no recôndito do Seu tabernáculo, me acolherá; elevar-me-á sobre uma rocha. Agora, será exaltada a minha cabeça acima dos inimigos que me cercam” (vs. 5, 6). Davi escreveu esse Salmo enquanto fugia do rei Saul. O rei e seu exército – inimigos de Davi – eram testemunhas falsas (ver o verso 12), que acusavam Davi de insurreição contra o governo. Ele necessitava desesperadamente da proteção “no dia

da adversidade”. Necessitava também de vindicação contra as acusações falsas que lhe eram feitas. Para Davi a mensagem do santuário significava a promessa de proteção e vindicação no Tabernáculo de Deus.

Esse é exatamente o significado do juízo investigativo antes da vinda de Jesus, o qual temos o privilégio de proclamar. Na angústia, seja no tempo presente ou nos últimos dias, aqueles que fazem parte do povo que confia em Deus receberão amparo, serão purificados e justificados e receberão proteção ao estar escondidos em Seu tabernáculo, em Seu templo celestial.

Convite para entrar hoje no Tabernáculo

Nesse mesmo Salmo, Davi expressa: “Ao meu coração me ocorre: Buscai a minha presença; buscarei, pois, Senhor, a Tua presença” (27:8).

O propósito essencial do santuário era que o adorador estabelecesse relacionamento pessoal com o Deus do santuário. Isso ficou muito bem especificado quando Deus deu as instruções para a construção do tabernáculo terrestre: “E Me farão um santuário, para que Eu possa habitar no meio deles” (Êx 25:8). O santuário celestial é o lugar onde Cristo, agora, está ministrando em nosso favor. Ele nos convida agora a entrar, pela fé, nos recintos sagrados, para que busquemos Seu rosto. Ele agora nos convida a nos assentar nos “lugares celestiais” (Ef 2:6), na casa do Senhor. O santuário é mais que um objeto bonito, uma doutrina verdadeira, um comportamento correto, um festival ocasional de louvor. É a forma de vida em constante e íntima relação com o Amado, em Sua santa presença, nos lugares celestiais.

Pela fé, podemos entrar agora. Também pela fé podemos buscar a presença de Jesus, com o propósito de experimentar um relacionamento pessoal com Ele, enquanto aguardamos o fim de tudo.

Para refletir:

O fato de saber que no juízo pré-advento, Jesus apresenta Seu sacrifício como argumento irrefutável para lançar sobre Satanás meus pecados perdoados, me traz segurança. Como isso pode me ajudar a ser um cristão autêntico hoje?

Pense e ore sobre isso nas próximas 24 horas.

A CERTEZA DA SEGUNDA VINDA DE CRISTO

Certa vez, um pai disse a seu filho de cinco anos que iria fazer uma longa viagem; porém, certamente iria voltar.

– Voltarei!

– Como vou saber quando o senhor voltará? – a criança lhe perguntou.

– Quando você vir o quintal coberto pelas folhas das árvores, faltará pouco para meu regresso – o pai respondeu, depois de pensar um pouco.

Depois que o pai saiu, o menino corria todos os dias até o quintal para olhar as árvores. À medida que o outono foi se aproximando, as folhas começaram a cair e a adquirir tons avermelhados e amarelos. Certa noite, houve uma grande ventania. Na manhã seguinte, como fazia normalmente, o menino correu para o quintal e ficou surpreso ao descobrir que ele estava coberto pelas folhas das árvores. Então exclamou:

– O papai está voltando para casa!

A Bíblia nos conta uma história parecida. Jesus estava saindo do pátio do templo quando um de Seus discípulos declarou com entusiasmo:

– Mestre, veja que pedras e que edifícios!

A resposta de Jesus o deixou confuso:

– Você está vendo estes grandes edifícios? Não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada (Mc 13:1, 2).

Os discípulos se reuniram a um canto para discutirem sobre o que Jesus estava querendo dizer. Depois chegaram a uma conclusão e pediram que Jesus lhes dissesse quando sucederiam aquelas coisas e que sinal haveria da Sua vinda e da consumação do século (Mt 24:3).

Então Jesus começou a enumerar uma série de sinais que indicariam a proximidade de Sua volta. Apresentou sinais nos âmbitos político e militar (versos 6, 7), na natureza (verso 7), no âmbito social (versos 10, 12) e religioso (verso 24).

É verdade que guerras, fomes, falsos mestres e enfermidades sempre existiram, desde a entrada do pecado neste mundo. Mas a intensidade e o alcance com que ocorrem atualmente nos estão enviando um claro sinal: Estamos nos aproximando do momento da segunda vinda de Cristo.

Sinais da natureza

Vejam, por exemplo, os sinais da natureza. Ninguém tem dúvida de que a natureza se está comportando de forma estranha. Ciclones e tormentas tropicais, terremotos, tsunamis e inundações afligem o globo cada vez com maior intensidade.

Na reunião mundial sobre Mudanças Climáticas, o organismo da ONU que estuda com mais profundidade as mudanças na natureza emitiu seu último relatório no dia 6 de fevereiro de 2007, em Nairóbi, capital do Quênia. No relatório foi assinalado: “A advertência do sistema climático está equivocada”, e advertiram a respeito das “consequências previsíveis e devastadoras da mudança climática”.

Toda vez que Jesus falou sobre os sinais da natureza, vinculou-os com a fome, aparição de pestilências e de enfermidades (Mt 24:7; Marcos 13:8). Efetivamente, as mudanças climáticas estão fazendo com que o cultivo de cereais diminua drasticamente, de maneira acentuada nos trópicos. Como consequência, isso fará reaparecer a fome. De fato, essa é a primeira preocupação da ONU diante das crises que elevaram o preço dos alimentos nos últimos meses.

Quanto às pestes, a Organização Mundial da Saúde advertiu que os novos padrões das chuvas, das estiagens e das tormentas estão acelerando a expansão de enfermidades como malária, paludismo e febre decorrente da dengue em várias regiões. A mudança climática está piorando as crises na saúde em muitos países nos quais o acesso às instituições de saúde não é igualitário. A diretora geral da OMS, Margaret Chan, declarou que “as enfermidades e as condições sensíveis às mudanças climáticas já estão criando enormes impactos financeiros em muitos países. [...] O impacto da mudança climática está atuando como um amplificador”.

Porém, ainda há mais. Depois do relatório da reunião intergovernamental das Mudanças Climáticas, de 2007, os cientistas da *Revista de La Asociación de Científicos Nucleares Estadunidenses* decidiram adiantar o “relógio do juízo final”. Esse relógio contém dois ponteiros que não se movem. Um deles, o que marca as horas, está permanentemente fixado no número 12. O outro, o dos minutos, já foi movido em 19 ocasiões durante a última metade do século passado.

O relógio foi criado em 1947, para dar a entender o quanto nosso mundo se está aproximando da “meia-noite”; ou seja, de seu fim.

Depois de interpretar os sinais da natureza, os cientistas colocaram o relógio marcando 5 para meia-noite, dando a entender que nos aproximamos rapidamente do fim. Temos de considerar que a maioria desses cientistas é composta de ateus.

O que necessito saber a respeito da segunda vinda

A segunda vinda de Cristo é a bem-aventurada esperança da igreja, a grande culminação do evangelho (Tt 2:13; Hb 9:28; Jo 14:1-3; At 1:9-11; Mt 24:14).

A vinda do Salvador será literal, pessoal, visível e de alcance mundial (Ap 1:7; Mt 24:43). Quando o Senhor voltar, os justos mortos ressuscitarão e, juntamente com os justos que estiverem então vivos, serão glorificados e levados ao Céu. Os ímpios, porém, irão morrer (1 Ts 4:13-18; 1 Co 15:51-54; 2 Ts 1:7-10; 2:8; Ap 14:14-20; 19:11-21).

O fato de a maior parte das profecias estar se cumprindo, somando-se às atuais condições mundiais, é indício de que a vinda de Cristo é iminente. O momento em que ela ocorrerá não foi revelado e, assim sendo, somos exortados a estar preparados o tempo todo (Mt 24; Mc 13; Lc 21; 2Tm 3:1-5; 1Ts 5:1-6).

A necessidade de preparo

Depois de dar os sinais que indicariam a proximidade de Sua volta, Jesus pronunciou a parábola das dez virgens, com o objetivo de ilustrar a experiência da igreja dos últimos dias. As duas classes de virgens representam duas classes de crentes que professam estar esperando seu Senhor. São chamadas de virgens porque professam uma fé pura. Suas lâmpadas representam a Palavra de Deus; e o azeite, o Espírito Santo.

Analisando superficialmente, parece que esses dois grupos são semelhantes. Ambos saem ao encontro do Noivo. Os dois têm azeite nas lamparinas e seu comportamento não parece ser diferente um do outro. Todos ouviram a mensagem da breve volta de Cristo e O estão esperando. Porém, ocorre uma aparente demora. Sua fé deve ser provada.

Então, à meia-noite, na hora mais tenebrosa da história do mundo, ouve-se um grito: “Eis o noivo! Saí ao seu encontro!” (Mt 25:6). Agora fica evidente a diferença entre os dois grupos: um deles não está preparado para se encontrar com o Noivo. Essas virgens “néscias” não são hipócritas; respeitam a verdade, a Palavra de Deus, mas lhes falta o azeite: não foram seladas pelo Espírito Santo (ver Ap 7:1-3). Contentaram-se com uma obra superficial, não cultivaram profundo relacionamento com Cristo.

Quando o noivo chegou, somente as que estavam prontas entraram com ele para a festa das bodas e a porta se fechou. Mais tarde, as virgens néscias, que saíram para comprar azeite, voltaram e bateram à porta: “Senhor, senhor, abre-nos a porta!” Mas o noivo respondeu: “Não vos conheço” (Mt 25:11, 12).

Quando as cortinas da história deste mundo forem baixadas, somente haverá duas classes de pessoas. O que realmente irá importar nessa ocasião será o tipo de relacionamento que mantivemos com Jesus.

O que a figueira pode nos ensinar

Jesus disse aos discípulos, em Seu sermão profético: “Aprendeí, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam, e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão. Assim, também vós: quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que está próximo, às portas” (Mc 13:28, 29).

Evidentemente, a grande “figueira” da natureza nos está gritando: O “verão” se aproxima! Sim, Jesus está às portas. O tempo é breve. O momento de cultivar nosso relacionamento com Ele é agora. Amanhã poderá ser demasiadamente tarde. “Estai de sobreaviso, vigiai e orai; porque não sabeis quando será o tempo” (Mc 13:33).

Jesus nos diz: “Certamente, venho sem demora”. Que possamos dizer, junto com o apóstolo João: “Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22:20).

Para pensar e refletir:

Como a necessidade de estar preparado para o encontro com Cristo, desde a primeira até a última hora de cada dia, pode contribuir para melhor qualidade de vida, sua e de sua família? Pense e ore sobre isso nas próximas 24 horas.

MORTE E RESSURREIÇÃO

Marta conheceu o evangelho já na idade adulta. Quando foi batizada, enfrentou forte oposição do marido e das duas filhas adolescentes. Com o passar o tempo, eles aprenderam a respeitar as convicções dela, mas nenhum deles sentia desejo de ir à igreja. Marta se manteve fiel aos princípios bíblicos e passou a amar incondicionalmente a família, sem pressioná-la para que fosse à igreja. Quinze anos depois, ela ficou gravemente enferma e morreu.

As filhas ficaram desoladas. Seu esposo, devastado. Realmente, Marta havia sido excelente esposa e mãe amorosa. Porém, antes de morrer deixou uma carta com a última exortação à família, para que entregasse o coração a Jesus.

Mediante a permissão deles, o pastor leu parte dessa carta na cerimônia fúnebre. Depois apresentou a esperança bíblica da ressurreição dos mortos e fez um convite aos presentes para se entregarem a Jesus a fim de que pudessem encontrar Marta no dia da ressurreição. Findo o sepultamento, o marido e as filhas se acercaram do pastor expressando o desejo de estudar a Bíblia com ele. A morte da Marta havia dado lugar à possibilidade da vida eterna para sua família.

Sim, a doutrina bíblica da ressurreição traz esperança diante do inimigo mais implacável do ser humano, a morte. Se aceitarmos Cristo como nosso salvador, teremos vida eterna: “E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no Seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1Jo 5:11, 12).

Lamentavelmente, desde o princípio, Satanás tentou enganar as pessoas, criando uma resposta alternativa ao problema da morte. A mesma astúcia que empregou para enganar Eva: “não morrereis”, segue sendo sua grande estratégia para enganar as pessoas hoje. A ideia da imortalidade da alma é difundida em todas as culturas. No Ocidente, a igreja popular sustenta com ênfase o conceito da existência consciente depois da morte. A intercessão dos santos e a doutrina do inferno são dois exemplos claros dessa postura.

A “nova espiritualidade”, que emprega elementos

das religiões orientais e a mescla com outras crenças cristãs, gerou um sincretismo religioso que tem a vida consciente depois da morte como sua bandeira. Hoje, quase não há filmes em Hollywood que não transmitam essa ideia. Dessa forma, domina amplamente o conceito de que não importa a forma de nos comportarmos, de igual maneira teremos a vida eterna. Ellen White disse: “O único que prometeu a Adão vida em desobediência foi o grande enganador. E a declaração da serpente a Eva, no Éden – ‘Certamente não morrereis’ – foi o primeiro sermão pregado acerca da imortalidade da alma. Todavia, essa declaração, repousando apenas na autoridade de Satanás, ecoa dos púlpitos da cristandade, e é recebida pela maior parte da humanidade tão facilmente como o foi pelos nossos primeiros pais. À sentença divina: ‘A alma que pecar, essa morrerá’ (Ez 18:20), é dada a significação: A alma que pecar, essa não morrerá, mas viverá eternamente. Não podemos senão nos admirar da estranha fatuidade que tão crédulos torna os homens com relação às palavras de Satanás, e incrédulos com respeito às palavras de Deus” (*O Grande Conflito*, p. 533).

É igualmente enganosa a crença do inferno com seu sofrimento eterno. Deus disse que o pecado resulta em morte. Isso não dá lugar para a ideia do tormento eterno. Porém, a maior parte dos cristãos aceitou essa crença. Essa doutrina se destina a desfigurar o caráter de Deus. Como um Deus de amor pode torturar pelos séculos sem fim um pecador nas chamas do inferno? Tal tirano não deve ser amado, mas temido.

O espiritismo, que propaga a ideia da imortalidade incondicional da alma tem o potencial de ser ainda mais sinistro. Em suas diversas expressões chegou a ser o movimento mais popular de todos os tempos. Graças a supostas revelações feitas pelos mortos, os crédulos se transformam em presas fáceis de toda sorte de novos enganamentos. “O espiritismo é a obra-mestra do engano. É a mais fascinante e bem-sucedida ilusão de Satanás, calculada para atrair a simpatia dos que tiveram de levar seus queridos à tumba. Anjos maus aparecem sob a forma dos que morreram, relatando incidentes ligados à vida deles e desempenhando atos que eles realizaram enquanto viviam. Dessa forma [os anjos maus] levam as pessoas a acreditar que seus amigos mortos são anjos, os quais podem estar a seu lado e comunicar-se com eles. Esses anjos maus,

que se apresentam como os queridos mortos, são tratados com uma certa idolatria, e sua palavra é considerada como de muito maior peso que a Palavra de Deus" (*A Verdade Sobre os Anjos*, p. 262).

O espiritismo será a grande arma que Satanás irá utilizar no tempo do fim para fazer com que as pessoas se percam: "Mediante os dois grandes erros – a imortalidade da alma e a santidade do domingo – Satanás há de enredar o povo em suas malhas" (*O Grande Conflito*, p. 588).

Nossa doutrina que rejeita a imortalidade da alma seguramente nos separa do restante das denominações religiosas, e essa diferença faz com que chame-mos a atenção das multidões. Vemos todas as crenças no contexto do grande conflito. Isso quer dizer que Deus é nosso Criador e que a desobediência é a causa de todos os nossos sofrimentos. Também proclamamos que, como Deus de amor, embora rejeite o pecado, manifesta Sua graça e misericórdia para com o pecador. A realidade de um Salvador amoroso (que está perto de voltar e que devido à Sua ressurreição chamará Seus filhos para uma nova vida em Cristo) é oportuna em meio à insegurança e temor que predomina no mundo hostil em que vivemos.

Os ensinamentos da Bíblia

As Escrituras apresentam, com muita clareza, a morte como um estado inconsciente da pessoa que morre. O morto não experimenta as delícias celestiais, tampouco as agonias do inferno. Também não volta ao mundo em outro corpo. Simplesmente descansa na sepultura (Sl 115:17; Ap 14:13). Esse repouso não será eterno, como acredita a maioria das pessoas. Pelo contrário, chegará a seu fim quando o Criador chamar Seus filhos que morreram para que tornem à vida (Dn 12:2); quer seja na ressurreição dos justos, por ocasião da segunda vinda de Cristo, ou quando, depois do milênio, os pecadores ressuscitarem para o juízo final (Ap 20:4-6).

Somente Deus possui imortalidade. Unicamente a deidade (o Pai, o Filho e o Espírito Santo) possui vida de forma inata, original, própria, direta e eterna. Ao se referir a Deus, Paulo exclamou: "... o único que possui imortalidade" (1Tm 6:16).

Essa realidade está em forte contraste com a natureza humana. Diferentemente do Criador, nós somos

mortais. Envelhecemos e morremos. Isso quer dizer que atualmente não possuímos o dom da imortalidade.

A alma é independente do corpo?

Muitos asseguram que temos uma parte imortal, chamada alma, que tem a capacidade de existir de forma separada do corpo. Porém, esse conceito não está em harmonia com o que afirma Gênesis 2:7, cujo texto é fundamental para a compreensão dos ensinamentos bíblicos referentes à natureza humana: "Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente" (Gn 2:7).

De acordo com essa afirmação do Criador, a alma corresponde ao que a pessoa é quando seu corpo está dotado do alento vital. Vale destacar que, ao fazer referência aos peixes e aos animais, a Bíblia também diz que são "seres vivos" (ver Gn 1:20, 24). Nesses textos são empregadas as mesmas palavras hebraicas que descrevem tanto os seres humanos quanto as outras criaturas. A Bíblia nem remotamente sugere a ideia de que a pessoa tem uma alma com a capacidade de viver independentemente do corpo. Aquele que perde o alento vital, simplesmente deixa de ser. Dizendo de outra forma, já não é mais alma.

Chegará o dia quando os redimidos receberão o dom da imortalidade. Porém, ele ainda não chegou. Com toda a clareza, a Bíblia antecipa o que ocorrerá no dia da segunda vinda de Cristo: ao soar a trombeta de Deus os mortos sairão da tumba; os justos serão revestidos com a imortalidade (1Co 15:51-55). Isso acontecerá por ocasião da Segunda Vinda, quando Cristo Se manifestar em glória e majestade (1Ts 4:13-18). Porém, os que receberão o dom da imortalidade não serão almas que estarão desprovidas de corpo. Não. Paulo assim o afirmou: "Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória" (1Co 15:53-54).

Os ímpios jamais receberão o dom da imortalidade. Pelo contrário, em vez de perdurar por toda a eternidade, como afirmam muitos, o castigo que

receberão terá consequências eternas, depois de haverem sido consumidos pelas chamas purificadoras no fim do período de mil anos (ver Ap 20:9).

Ao fazer referência à morte, a Bíblia a compara com o sono (Sl 13:3; Jr 51:39, 57). Com respeito aos que morreram, frequentemente o registro bíblico diz que estão dormindo (1Re 2:10; Dn 12:2). Jesus tinha predileção por essa figura para se referir à morte (ver Mt 9:24; Jo 11:11-14). Quando uma pessoa está dormindo, não tem ideia do que acontece ao seu redor. Nenhuma parte sua pode se desprender e desfrutar certa forma de existência separada do corpo. Embora os que estejam dormindo desconheçam tudo o que acontece ao seu redor, nem tenham consciência do tempo decorrido desde que morreram, chegará o momento em que despertarão para a vida. Dessa forma, a metáfora do sono é bem apropriada para que possamos compreender o tema da morte.

Atualmente, os que estão dormindo nos sepulcros não sabem nem sentem nada. Porém, quando o relógio celestial soar, ao toque da trombeta de Deus, semelhante a um alarme, os que estão sob o efeito do sono da morte serão despertados.

Antegozo da ressurreição

Nos evangelhos está registrada uma história que apresenta com muita clareza a verdade a respeito da reação de Jesus diante do drama da morte, e de Seus planos para Seus filhos fiéis que estão descansando no pó da terra. Encontra-se no capítulo 11 de João. Uma repentina tristeza invadiu o lar de Marta e Maria. Seu irmão Lázaro adoecera. Muitíssimo preocupadas, mandaram mensageiros a Jesus, pedindo que viesse imediatamente. Mas o Mestre demorou vários dias para chegar e Lázaro acabou morrendo e foi sepultado. Como sentiam saudades dele! Até tarde daquela noite as irmãs estiveram recordando histórias interessantes e outras situações agradáveis que haviam compartilhado com seu querido irmão enquanto estava vivo. Porém, as boas recordações não eram suficientes para substituir a presença e a agradável companhia do irmão a quem muito amavam. A dor causada pela separação fez com que chorassem muitíssimo.

Estavam passando por essa tristeza quando foram informadas de que Jesus havia chegado. Surgiu,

então, no coração delas um raio de esperança. Finalmente seu querido Mestre havia chegado. Maria e Marta não tinham a menor idéia do que Cristo iria fazer naquela circunstância, mas Sua presença lhes deu tranquilidade e esperança. A verdade é que Jesus nunca abandona os que são afligidos pela perda de um ente querido. Ele sabe muito bem o que é isso, pois teve seu amigo Lázaro ceifado pela morte.

Depois de haver estado com Maria e Marta, Jesus foi conduzido à tumba de Lázaro. Ao chegar ao sepulcro, as pessoas ficaram surpresas pelo gesto humano de Cristo, cuja reação foi registrada em um dos versos mais curtos da Bíblia: "Jesus chorou" (Jo 11:35). Efetivamente Ele chorou. Grandes lágrimas rolaram pelo Seu rosto. Sentia a perda de um grande amigo e comoveu-Se com a angústia que seus amigos estavam passando. Em nossos dias, o Salvador ressuscitado também Se compadece em cada funeral. Seu coração fica quebrantado. Ele sofre ao nos ver abatidos pelas perdas e aflições.

Felizmente, a história de Lázaro não termina no vale de lágrimas. "Lázaro, vem para fora!" (Jo 11:43), Jesus proclamou com potente voz diante da tumba da qual haviam tirado a pedra que a mantinha fechada. Do interior do sepulcro foi ouvida a voz daquele que estivera morto, mas que voltava à existência são e com vigor. Que reunião extraordinária com os amigos e parentes! Que abraços prolongados e apertados! Quantas lágrimas de alegria! Todos tinham dificuldade para expressar tamanha alegria!

O relato não finda com a morte de Lázaro, nem com a aflição da família e a tristeza dos amigos. Igualmente o último capítulo da história de cada filho de Deus, que descansa em Cristo, terá um final feliz. Esse capítulo ainda está para ser escrito.

A voz que ativou os ouvidos de Lázaro logo será novamente ouvida com a mesma ordem: "Venham para fora!" Naquele instante, os filhos de Deus que estiveram repousando voltarão à vida como resultado desse chamado. O que ocorreu junto à tumba de Lázaro é uma sinopse, uma antecipação em pequena escala, do que acontecerá em âmbito universal quando Jesus voltar e, ao soar da trombeta, ordenar: "Venham para fora!" As sepulturas se abrirão e os fiéis que dormem no Senhor se levantarão. Então também haverá abraços e lágrimas ao nos reencontrarmos com aqueles que foram arrebatados pelo poder da morte.

Hoje você se defronta com duas decisões possíveis: a primeira é entregar seu coração Àquele que levantará dos mortos todos os Seus filhos e viver com essa esperança como seu horizonte. A segunda é ficar sem Deus e sem esperança no mundo, tendo a morte como o fim de tudo.

Sim, Deus tem a solução para o problema da morte! As pessoas podem descobrir como se relacionar com Aquele que é o caminho, a verdade e a vida.

Para refletir:

Jesus apresenta diariamente Seu sacrifício como argumento irrefutável para lançar sobre Satanás os pecados que você cometeu, mas que foram perdoados. Como o fato de saber que no juízo pré-advvento Jesus Cristo é seu advogado e que já tem sua causa ganha pode ajudá-lo a ser um cristão autêntico hoje?

Pense e ore sobre isso nas próximas 24 horas.



O MILÊNIO E O FIM DO PECADO

Há pessoas que podem viver sem respostas. Não sou uma delas. Sou curioso. Gosto de pesquisar. Tenho muita dificuldade em seguir meu caminho sem resolver as questões. Mas isso, que em muitas ocasiões é uma virtude, pode se converter em algo prejudicial. Por quê? Falando francamente, a vida nem sempre nos dá todas as respostas que gostaríamos. Inclusive há problemas para os quais não existem respostas, humanamente falando.

No entanto, o livro do Apocalipse nos diz que teremos mil anos para obter respostas a todas as nossas perguntas, especialmente as dúvidas que tivemos com respeito ao caráter de Deus e Sua justiça. Será que poderão existir dúvidas do outro lado da eternidade? Vejamos um exemplo.

Você sai da mansão que Deus lhe preparou à procura, suponhamos, daquele pastor que o batizou e que pregava muito bem. Você sempre o considerou um cristão exemplar. Então sai à procura dele, mas não consegue encontrá-lo, até que vê um anjo guardião. Este lhe diz que lamentavelmente tal pessoa não está na Nova Terra. – Como pode ser? –, você pergunta.

Ainda intrigado com essa notícia, depara-se com alguém que está caminhando em sentido contrário. Observa detidamente o rosto da pessoa. Sim, é exatamente aquele indivíduo que vivia perto de sua casa na Terra. Era um ladrão e assassino e que acabou sendo condenado à prisão perpétua. Será que Deus Se equivocou? Que tipo de Deus é esse que permite que essa pessoa esteja no Céu, enquanto aquele que pregava o evangelho e parecia ser um bom cristão não está?

Começo do milênio

Ao Deus proclamar “feito está” (Ap 16:17), ocorre a sétima e última praga. A seguir ocorre a segunda vinda de Cristo. Os ímpios mortos permanecem mortos, e os ímpios vivos são fulminados pela glória de Cristo. Os justos mortos ressuscitam, e os vivos justos são transformados. Esses dois grupos de justos são arrebatados para o encontro com Cristo e ascendem à cidade de Deus. Esses eventos marcam o início do milênio. São ouvidas

no Céu quatro Aleluias (Ap 19:1-8), proferidas em gratidão pela vida eterna. O milênio é, portanto, um interlúdio, uma marca divisória entre a segunda e a terceira vindas de Jesus; entre a ressurreição e a ascensão dos remidos e a ressurreição e condenação dos pecadores.

O diabo ficará preso

Por ocasião da Segunda Vinda, depois da morte dos ímpios, o apóstolo João observa a aproximação de outro anjo “que desce do Céu” (Ap 20:1). Ao prender o demônio, o mensageiro o lança vivo para o abismo e “fecha a porta”, deixando-o preso por mil anos, período durante o qual Satanás estará impedido de se relacionar com outros seres inteligentes, salvo talvez com os que fazem parte de seu bando demoníaco. Preso no que uma vez fora seu reino, o diabo e seus anjos terão tempo suficiente para analisar os atos que levaram à ruína deles.

Em visão, Jeremias viu a condição caótica em que a Terra ficará durante o milênio. Sem seres humanos, sem aves, luz, sem nada. Preso por essa cadeia de circunstâncias, e com a chave do cárcere nas mãos do anjo, Satanás ficará só com seus seguidores. Os ímpios estarão mortos. Os justos ressuscitados foram trasladados e desfrutaram da companhia de Deus no Céu.

Um juízo especial

Apocalipse 20:4 nos informa que João viu “tronos”, sobre os quais se assentam os que têm a responsabilidade de julgar. Estes são descritos como os que, graças a Cristo, tiveram a vitória sobre o mal. É a visão do tribunal celestial, que tem a missão de administrar a justiça de Deus.

Quando Deus entra no cenário com o fim de estabelecer o julgamento apresentado em Apocalipse 20, é-nos dito que os redimidos participarão do julgamento como juízes! Será um momento muito solene. O sofrimento que os pecadores tiveram por ocasião da segunda vinda de Cristo não será nada, se comparado com o juízo que enfrentarão, antes da segunda morte. A sessão é iniciada com a abertura dos livros (Dn 7:10). Paulo nos lembra: “Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? [...] Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos?” (1Co 6:2, 3).

Por que mil anos?

O julgamento dos maus será determinado pelas anotações que se encontram nos “livros”. Nesses registros obteremos as respostas até a última dúvida que possa haver. Por isso, o juízo contra os pecadores será revisado por aqueles que, durante o milênio, se assentam nos tronos.

Quando acabar o processo de revisão individual, a multidão aclamará com grande voz: “Verdadeiros e justos são os Seus juízos!” O veredicto de Deus, com respeito aos pecadores, será vindicado pelos redimidos. Então o caminho ficará desimpedido para a concretização do drama final do milênio.

Aniquilamento do diabo

No fim do milênio, a segunda ressurreição marcará a libertação de Satanás (Ap 20:7), e a ressurreição dos pecadores será a “chave” que o libertará do abismo.

As lembranças de suas fracassadas tentativas contra a raça humana não irão inibir Satanás de seguir praticando seus atos criminosos. Ele irá organizar um ataque final desesperado, quando ocorrerá seu terceiro ataque contra o Salvador. Impelido por

suas amargas decepções e numa ridícula demonstração de força sem sentido, o diabo lança suas forças contra o Salvador e, para alcançar o objetivo, cercam o acampamento dos santos e a cidade amada (Ap 20:9).

Mas Satanás mais uma vez não será bem-sucedido. Descerá fogo do Céu e o consumirá, juntamente com seus anjos e todos os ímpios (Ap 20:9, 10). A vitória de Cristo será maravilhosamente expressa pelo hino entoado pelos que triunfaram sobre a besta e suas hostes. É o cântico de Moisés, servo de Deus, e do Cordeiro (Ap 15:1-4).

O pesadelo mais temido pelo diabo se torna realidade, ao ser lançado vivo no lago de fogo, juntamente com a besta e o falso profeta (20:10). Satanás, os anjos maus e todos os pecadores serão consumidos pelo fogo, sem deixarem qualquer vestígio (20:9, 15). Esta será a segunda morte (20:14).

O resultado do milênio, além do papel de vindicar a justiça de Deus, também porá em evidência o profundo significado dos sofrimentos de Jesus, sofrimentos que nunca conseguiremos compreender plenamente.

Deste lado do milênio

Deus é bondoso para conosco. Deixou-nos um mapa detalha do dos últimos acontecimentos na Terra. O milênio mostrará um Deus misericordioso, que concedeu repetidas oportunidades aos pecadores. Assim, será visto que os perdidos tiveram a chance de também ser salvos, mas não o quiseram. Deixaram passar a oportunidade.

Talvez em sua mente haja muitas perguntas sem respostas. Se assim é, espere até o milênio. Mas de uma coisa podemos ter certeza: Deus é misericordioso. Seu caráter é amor e, acima de tudo, Ele é justo. No milênio, haverá tempo suficiente para respostas às nossas perguntas. Enquanto isso, podemos descansar em Deus e em Seu amor.

Para refletir:

De que forma o fato de saber que Deus é amoroso e justo pode ajudá-lo a ter, hoje, uma qualidade de vida melhor?

Pense e ore sobre isso nas próximas 24 horas.



A NOVA TERRA

Fazíamos uma viagem de automóvel. Minha filha, de três anos, olhava pela janela do carro em direção ao céu. Bonitas nuvens cobriam o céu. Depois de observá-lo por algum tempo, ela perguntou: – Papai, quando iremos para o Céu?

Fazia pouco, havíamos estudado o que Deus preparou na nova Terra, e ela estava manifestando seu anelo de estar ali.

O capítulo 65 de Isaías nos dá um vislumbre do que será a nova Terra. Ele fala a todos nós, mas de maneira especial às crianças. Meus filhos amam os animais, e o simples fato de pensar que, sem medo, poderão acariciar cordeiros, lobos, leões e elefantes os faz vibrar, antecipando o dia em que estaremos na nova Terra.

E quanto a nós, jovens e adultos? O que mais nos atrai a respeito do Céu? Já ouvi muitas vezes a respeito dos prazeres que desfrutaremos na nova Terra. Mas, para ser sincero, o que mais me atrai ali não é se poderemos realizar determinada atividade ou se teremos certas coisas – o que me atrai é Jesus. A nova Terra gira em torno de Jesus. Talvez essa seja a razão porque muitos cristãos preferem seguir vivendo a vida aqui antes de anelarem chegar à nova Terra: acabamos demasiadamente centralizados no que poderemos ou não fazer e deixamos de lado com quem estaremos lá.

De que vale o paraíso mais sonhado, com as comodidades mais agradáveis e as atividades mais interessantes, sem o nosso Salvador? Necessitamos fazer um trabalho melhor quando apresentamos a beleza de nosso Salvador durante nossa adoração. Se desenvolvermos um vínculo tão estreito com o maravilhoso Deus do Céu, esse lugar não poderá ser comparado com nada mais. Essa será a maior alegria de nossa nova condição, ou seja, “ver-Lhe o rosto”. “Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles” (Ap 21:3)

Além dos nossos mais acariciados sonhos

O que Deus preparou para nós, na nova Terra, está além do que podemos imaginar ou pensar: “Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em

coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que O amam” (1Co 2:9). O que quer que nos atraia nesta Terra será superado em muito na nova Terra!

Quando o apóstolo João tentou descrever a nova Terra, ele disse o que não haverá ali: “... o mar já não existe. [...] E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Ap 21:1, 4). O pecado terá desaparecido e, com ele, a morte, a enfermidade e a dor. Absolutamente todas as consequências do pecado terão desaparecido e o Universo terá sido restaurado ao seu equilíbrio original. Somente haverá o bem e o amor.

A paz, a alegria e a plenitude irão permear tudo na nova Terra. Ali não será um lugar estático nem carente de emoções e de atividades. Ellen White declarou: “Cada faculdade será desenvolvida, toda habilidade aumentada. Os maiores empreendimentos serão levados a êxito, as mais elevadas aspirações alcançadas, realizadas as mais altas ambições. E surgirão ainda novas alturas a serem alcançadas, novas maravilhas para serem admiradas, novas verdades a serem compreendidas, novos objetos de estudo a desafiar as faculdades do corpo, da mente e da alma” (*O Lar Adventista*, p. 549). Sejam quais forem seus gostos e atividades favoritas, seguramente no Céu você irá encontrar algo maior! Deus pensou em tudo!

A nova Jerusalém

A nova Jerusalém será a capital da nova Terra. No hebraico, Jerusalém significa a “cidade de paz”. João fez o que pôde, com a linguagem humana imperfeita, para descrever a beleza da nova Jerusalém. A cidade é como uma “noiva adornada para o seu esposo” (Ap 21:2). A “luz” que emanava da cidade foi o que chamou a atenção de João (Ap 21:9, 11). A glória de Deus ilumina a cidade, fazendo com que a luz do Sol e da Lua seja desnecessária (Ap 21:23, 24). Na nova Jerusalém, não haverá becos escuros, visto que as paredes e as ruas são translúcidas. “Ali não haverá noite” (Ap 21:25), “... nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do Sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles” (Ap 22:5).

Deus não poupou recursos quando construiu a cidade. As paredes são de jaspe cristalino, uma pedra

muito preciosa (Ap 21:11, 18). Os fundamentos são formados por doze pedras preciosas: jaspe, safira, calcedônia, esmeralda, sardônio, sárdio, crisólito, berilo, topázio, crisópraso, jacinto e de ametista (Ap 21:19, 20). Porém, a maior parte da construção é feita de “ouro puro, semelhante a vidro límpido” (Ap 21:18). Doze portas, cada uma feita de uma só pérola, dão acesso à santa cidade, morada eterna dos salvos.

Há outras pinceladas a respeito de como será a nova Terra. João viu o trono de Deus no centro da cidade, de onde flui o “o rio da água da vida” (Ap 22:1). E com sua majestosa imponência, de uma e outra margem do rio está a árvore da vida. Seus doze frutos contêm o elemento vital que tem feito falta à raça humana desde que Adão e Eva tiveram de deixar o Éden: o antídoto para a velhice, a deterioração, o cansaço e a morte (Ap 22:2; Gn 3:22). Os que comem do fruto dessa árvore não necessitam descansar à noite (ver Ap 21:25), porque na nova Terra não sentirão cansaço.

Jesus prometeu que iria preparar mansões (Jo 14:1-5). Isaías adiantou que os redimidos “edificarão casas e nelas habitarão” (Is 65:21). A edificação implica no preparo da planta, construção, acabamento e mobília e a possibilidade de remodelar e reconstruir. Essa afirmação de Isaías nos diz que ali serão desenvolvidas atividades relacionadas com a vida quotidiana, incluindo “plantar vinhas”.

Reinará perfeita harmonia no Universo. A extensão material e temporal sem limites se destina à felicidade dos filhos de Deus. Este é o parágrafo com que Ellen White encerra sua série de *O Grande Conflito*: “O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O universo inteiro está purificado. Uma única palpitação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. DAquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor” (*O Grande Conflito*, p. 678).

Uma perspectiva diferente

Crer na doutrina da Terra nova nos dá uma perspectiva diferente na vida, um novo horizonte. Dá-nos incentivo para suportar as aflições. O próprio Cristo

“em troca da alegria que Lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia” (Hb 12:2). Paulo renovava seu ânimo contemplando a glória futura: “Por isso, não desanimamos; [...] porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação” (2Co 4:16, 17). Pensar numa Terra renovada produz a alegria e a segurança de uma recompensa imorredoura. Cristo disse: “Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus” (Mt 5:12). Dá forças para resistir à tentação. Moisés pôde se afastar dos “prazeres do pecado” e dos “tesouros do Egito, porque contemplava o galardão” (Hb 11:26). A esperança de morar numa nova Terra nos dá um vislumbre do que será o Céu. A recompensa do cristão não está só no futuro. Cristo mesmo, mediante o Espírito Santo, vem ao cristão e mora com ele, como uma prova ou “penhor” que garante as bênçãos futuras (2Co 1:22; 5:5; Ef 1:14). Cristo diz: “Se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo” (Ap 3:20). E quando Cristo vem, sempre traz o Céu consigo. Comunhão com Ele é o Céu na Terra, e isso “é o começo da glória, é a salvação antecipada” (Review and Herald, 14 de novembro de 1854).

Pensar na nova Terra conduz a uma maior eficiência

O cristão que planeja viver eternamente estruturará sua vida com mais cuidado e assim impressionará, de maneira mais proveitosa, a sociedade, especialmente aqueles que acreditam que são descartáveis e que a vida deles não tem sentido.

Convido você hoje a viver com a mente posta na nova Terra. Podemos viver hoje em comunhão com Cristo, antecipando a maravilhosa experiência que será vê-Lo face a face e desfrutar de Sua presença. Viva aqui, neste mundo, como um cristão total e, muito em breve, a nova Terra será realidade em sua vida.

Para refletir:

Estou aqui, mas não sou daqui. Minha cidadania definitiva é a do Céu. Tudo o que projeto ou executo aqui o faço à luz da eternidade. Como essa visão estratégica de futuro pode melhorar sua vida hoje? Pense e ore sobre isso nas próximas 24 horas.

Da convicção à decisão no estilo de vida



William de Moraes

Parte



Parte III – Da convicção à decisão no estilo de vida

- 37º dia – A verdadeira religião se reflete exteriormente
- 38º dia – Da convicção à decisão
- 39º dia – Como viver no antitípico Dia da Expição
- 40º dia – Aguardando para breve a segunda vinda de Cristo

Autores

Capítulos

Fernando Lopes	37
Marcos Blanco	38, 39, 40

A VERDADEIRA RELIGIÃO SE REFLETE EXTERIORMENTE

Certa vez, encontrei uma irmã que me relatou um fato que a havia deixado muito triste. Ela conheceu uma pessoa naquela semana e, ao conversarem, descobriu que esta trabalhava em determinado local onde um rapaz da sua igreja trabalhava também.

Depois de algum tempo de diálogo, ela fez menção àquele rapaz. As características físicas, a seção e até mesmo o nome se encaixavam. A irmã então disse: “Ele é da minha igreja.”

Admirada, a pessoa perguntou: – Como assim? Você é crente? Porque se você for, então não estamos falando da mesma pessoa; o meu amigo de trabalho pode ser qualquer coisa, menos evangélico.

A irmã ficou constrangida e disse que poderia ser engano. Mas ela sabia que era aquele rapaz. E ficou triste por ser ele um líder de jovens e cantor na igreja.

Muitas pessoas não conseguem viver autenticamente a fé que professam ou mesmo nem têm coragem de professar a fé. Sua religião é circunstancial e não corresponde aos padrões do evangelho.

Selo de garantia de qualidade

Qual seria a marca de qualidade que dá direito ao cristão receber um certificado de autenticidade pelo Céu? Certamente só Deus pode julgar o coração e as intenções dos homens, mas o próprio Jesus disse que “pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7:20). Portanto considere o seguinte:

1. O cristão faz o que é certo por ser cristão, não para ser cristão. Uma macieira produz maçãs por ser uma macieira, nunca a fim de ser uma. “Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons” (Mt 7:17, 18).

2. O cristianismo não se baseia no que você faz, mas em quem você conhece. “E a vida eterna é esta: que te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17:3). Quando aceitamos o convite de Cristo, começamos a sentir o gosto da vida eterna. O Céu é um incessante aproximar-se

de Deus por intermédio de Cristo. Conhecer Jesus transformará seu estilo de vida, pois ao conhecê-Lo e amá-Lo sua vida será transformada à Sua imagem.

3. A ausência de atos errados não é evidência de cristianismo. Não importa quão correta possa ser sua vida, não importa a quantidade de boas ações que possa praticar, não importa quão religioso possa parecer, você não será um cristão genuíno até conhecer Jesus Cristo pessoalmente. Fazer o que é certo não o torna cristão – apenas o torna moralmente correto. Você pode estar fazendo o certo por fora, mas o errado por dentro. Devemos fazer o que é certo tanto por dentro quanto por fora. Deus não é contra a moralidade! Em Apocalipse 3, Deus repreende os laodiceanos porque estão tentando substituir a justiça pela moralidade.

4. Boas ações podem esconder um falso cristianismo. É possível ser uma pessoa forte, capaz de manifestar um bom comportamento religioso. Um comportamento do qual se orgulhe, mas isso pode se torna uma barreira para que se tenha um relacionamento correto com Jesus Cristo. É verdade que “as obras não nos comprarão a entrada ao Céu” (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 388). Mas é também verdade que embora “as boas obras não salvem alma alguma, é impossível que uma única alma se salve sem as boas obras” (*Ibid.*, p. 377).

A grande obra

Alguns pensadores esotéricos acreditam em uma “Grande Obra”, a qual consiste no aprendizado e cultivo da centelha divina que existe dentro do ser, cujo domínio o tornará capaz de refletir aqui na Terra uma pequena fração do poder e da glória do Grande Arquiteto do Universo. Acreditam que é possível transformar a personalidade para melhor mediante o desenvolvimento da espiritualidade. E que, mudando a personalidade para melhor, tudo em volta se torna também melhor. Pensa-se que quando se lapida a alma com todo labor e persistência, eliminam-se as escórias da personalidade, representadas simbolicamente pelos metais inferiores, e surge lapidado o ouro espiritual ou a pedra filosofal dos antigos alquimistas.

É evidente que a busca interior não é suficiente para tornar alguém um cristão autêntico. “A educação,

a cultura, o exercício da vontade, o esforço humano, todos têm sua devida esfera de ação, mas neste caso são impotentes. Poderão levar a um procedimento exteriormente correto, mas não podem mudar o coração” (*Caminho a Cristo*, p. 18).

“É pela renovação do coração, que a graça de Deus atua para transformar a vida. Não basta a mudança exterior para pôr-nos em harmonia com Deus. Muitos há que procuram reformar-se, corrigindo este ou aquele mau hábito, e esperam desse modo tornar-se cristãos, mas estão principiando no lugar errado” (*Parábolas de Jesus*, p. 97).

Assim, exercícios de mentalismo, orações, rituais, palavras de passe, mantras, não são suficientes para apagar tendências psíquicas nem comportamentos dissonantes de toda uma vida. Só Cristo, agindo por Seu Espírito, pode produzir esta mudança e, como resultado, a “Grande Obra” de transformação no interior do ser humano.

Frutificando

“E recebereis o dom do Espírito Santo” (At 2:38.) Isso é “nascer do Espírito”. A ação do Espírito é invisível, mas não os seus efeitos. A mudança é vista na vida. As práticas pecaminosas são abandonadas: “prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, gluttonarias” (Gl 5:19-21), e os frutos do Espírito são vistos na vida: “Amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gl 5:22, 23). “E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram: eis que se fizeram novas” (2Co 5:17). Nova criatura! Sim o velho homem, ladrão, briguento, viciado, morre e é sepultado. Ao ser ressuscitado pelo Espírito, reflete o caráter de filho de Deus.

Aparência externa

Existem sistemas religiosos abusivos, que procuram sempre manter aparência de santidade. Padrões legalistas de pensamento e comportamento, impossíveis de ser mantidos, são impostos aos membros. Religião abusiva é, essencialmente, legalismo. A religião abusiva também é paranóica. Os seguidores procuram

controlar seus próprios pensamentos, por medo de que possam estar questionando Deus.

Nos sistemas abusivos, todas as bênçãos são vistas como fruto do desempenho próprio. O fracasso é seriamente condenado e, portanto, a única alternativa é a perfeição. O crente legalista, enquanto crê que está tendo sucesso em manter os requeridos padrões, normalmente exhibe orgulho, elitismo, e arrogância. Entretanto, quando os tropeços e fracassos inevitavelmente ocorrem, ele muitas vezes naufraga na fé. Aqueles que fracassam nos seus esforços são vistos como apóstatas, fracos, e são normalmente descartados pelo sistema.

O amor é a marca registra do verdadeiro cristão

“É o amor um dom precioso, que recebemos de Jesus. A afeição pura e santa não é sentimento, mas princípio. Os que são movidos pelo amor verdadeiro não são irrazoáveis nem cegos” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 358). Os verdadeiros cristãos são aqueles que mais amam. Os cristãos que mais amam são os que mais doam. Os cristãos que mais amam são os que estão mais dispostos ao sacrifício. Os cristãos que mais amam são os que mais bem representam a Deus na vida.

Santificação vivencial ou prática, em cada dia, é o testemunho vivo do novo nascimento processado interiormente no cristão, e que se reflete exteriormente em seu comportamento e maneira de viver, como nova criatura, pelo poder do Espírito Santo e da Palavra de Deus. Essa transformação exteriorizada, visível como a luz, surge a partir da transformação interior pelo Espírito Santo. Através dela, é manifestada a diferença entre o verdadeiro e o falso cristão; entre o “nominal-teórico” e o “verdadeiro-prático. Isso fica evidenciado nos atos praticados diariamente, através do nosso testemunho.

Guarde em seu coração:

É possível parecer sem ser; mas é impossível ser sem parecer.

Se você não tem evidenciado um cristianismo autêntico, peça a Deus o poder para viver tão intimamente ligado a Cristo, de tal modo que Seu senhorio sobre sua vida seja natural, espontâneo e prazeroso.

DA CONVICÇÃO À DECISÃO

Ao longo desta jornada, você teve a oportunidade de repassar as crenças fundamentais e o estilo de vida que mantemos como Igreja Adventista do Sétimo Dia. O desejo de Deus é dar-lhe diariamente o poder vivificante e santificador, para que você possa viver essas crenças não como uma teoria, mas como parte inerente de sua vida. Deus está mais do que disposto a nos conceder Seu poder, o qual promoverá mudanças em nossa vida, de tal forma que nosso caráter se torne cada dia mais semelhante ao de Cristo.

É provável que, durante esse estudo, sua realidade espiritual tenha sido confrontada com a vontade de Deus. O Espírito Santo tem operado em seu coração, mostrando-lhe as áreas de sua vida em que devem ocorrer mudanças. Se você tem firme convicção do que Deus lhe está pedindo, qual é então o passo seguinte a ser dado?

O processo de mudança em nossa vida espiritual tem, pelo menos, dois passos bem definidos. O primeiro diz respeito à convicção. Deus emprega diversos meios para nos mostrar o que é melhor para nossa vida e as mudanças que devemos fazer. Talvez essa convicção venha através de uma passagem bíblica, de um sermão, da voz do Espírito Santo em nossa consciência, do conselho de um irmão ou dos atos providenciais de Deus. Chega então o momento em que nos convencemos de que Deus pede uma mudança em nosso estilo de vida ou em nossa forma de pensar. A convicção, então, é o primeiro passo.

Mas, a convicção deve ser seguida pela decisão. De nada vale estar convicto de algo se, de fato, não o coloco em prática. De nada vale ter a convicção de que Deus está pedindo uma mudança em minha vida, se não estou disposto a deixar que o Espírito Santo atue com Seu poder, capacitando-me a efetuar as mudanças necessárias.

Alguns acreditam que não tem importância o tempo transcorrido entre a convicção e a decisão. Sentem o claro chamado do Espírito para abandonar algo, mas adiam a tomada da decisão. “Quando eu for adulto, poderei fazer essas mudanças em minha

vida”, pensam alguns jovens. “Quando minha situação financeira melhorar, poderei começar a ser fiel a Deus na devolução dos dízimos e das ofertas”, imaginam outros. Porém, o caso de Judas nos pode dar um vislumbre dos perigos que corremos com essa atitude.

Por que Judas se perdeu?

Não gostamos de analisar a vida de Judas. Ainda mais, nem mesmo queremos mencionar-lhe o nome. Toda vez que os escritores dos evangelhos relacionam os discípulos de Jesus, invariavelmente colocam Judas no final, com o qualificativo de “traidor”. Mas nem sempre foi assim com Judas. Ellen White nos diz que ele começou como muitos de nós, sentindo o desejo de ser verdadeiro cristão: “Todavia, quando Judas se uniu aos discípulos, não era insensível à beleza do caráter de Cristo. Sentia a influência daquele poder divino que atraía almas ao Salvador” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 294).

O que aconteceu então no coração de Judas? O que determinou seu destino tão diferente dos demais discípulos? Em João 12, seis dias antes da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, é mencionado o interessante relato no qual Maria derramou um perfume valiosíssimo sobre os pés de Jesus. Prontamente Judas a repreendeu (e de forma velada também censurou Jesus). O Salvador admoestou Judas por sua repreensão: “Cristo repreendera a Judas. Antes disso, o Salvador nunca lhe fizera uma censura direta. Agora, a reprimenda irritou-lhe o coração. Decidiu vingar-se. Da ceia, saiu diretamente para o palácio do sumo sacerdote, onde encontrou reunido o conselho, e ofereceu-se para lhes entregar Jesus nas mãos” (*Ibid.*, p. 563). Foi assim forjada a traição de Judas.

Porém, Judas teve mais uma semana para meditar quanto à sua decisão. Ele deve ter ouvido Jesus pregar. Sem dúvida, o Espírito Santo trabalhou em seu coração. Contudo, os momentos culminantes de sua decisão ocorreram na última Ceia.

Lembremos os fatos. Não podiam iniciar a celebração da Páscoa até terem lavado os pés, que tanto era ritual – litúrgico – quando higiênico. Na casa, essa tarefa era realizada por um servo. Mas ali não havia servos. Portanto, alguém deveria cumprir essa tarefa. Nenhum dos discípulos se dispôs a fazê-la. Jesus

deixou, deliberadamente, transcorrer alguns minutos. Logo começou a lavar os pés dos discípulos.

Judas foi o primeiro cujos pés foram lavados. Imagino com que ternura e amor Jesus lhe lavou os pés, mesmo sabendo que esse discípulo iria traí-Lo. Quando Cristo ama, os resultados são imediatos. “Quando as mãos do Salvador estavam lavando aqueles empoeirados pés, e enxugando-os com a toalha, o coração de Judas comoveu-se intensamente com o impulso de confessar no mesmo instante e ali mesmo o seu pecado” (*Ibid.*, p. 645). Judas sentiu o desejo quase irrefreável de confessar seu pecado. Durante alguns minutos, Judas pendeu para essa direção. “Mas não se queria humilhar. Endureceu o coração contra o arrependimento, e os velhos impulsos, no momento postos de lado, dominaram-no novamente” (*Ibid.*).

O evangelho de João diz que depois do lava-pés, e ao participarem da Ceia, Jesus anunciou que um dos discípulos iria traí-Lo (João 13:21). João perguntou quem era o traidor, e Jesus respondeu entregando o pão molhado a Judas. A Bíblia diz: “E, após o bocado, imediatamente, entrou nele Satanás” (v. 27). “Ele, tendo recebido o bocado, saiu logo. E era noite” (v. 30).

Com esse ato, Judas selou seu destino. Ellen White faz um comentário revelador: “Até dar esse passo, Judas não passara os limites da possibilidade de arrependimento. Mas quando saiu da presença de seu Senhor e de seus condiscípulos, fora tomada a decisão final. Ultrapassara os termos” (*Ibid.*, p. 654-655).

Depois de Cristo haver sido preso, acusado por sua consciência e temendo as consequências de sua traição, Judas tentou devolver o dinheiro, para resgatar seu Mestre. Mas foi inútil. “Judas viu que suas súplicas eram em vão e precipitou-se da sala, exclamando: É tarde! É tarde! Sentiu que não poderia viver para ver Jesus crucificado e, em desespero, foi enforcar-se” (*Ibid.*, p. 722).

Perigos em postergar o momento da decisão

Na experiência de Judas, se podem ver claramente os perigos de passar pelo momento da decisão e postergá-la. Enquanto Cristo lavava os pés desse apóstolo, este sentiu a convicção de confessar ali mesmo seu pecado. Mas não o fez. Não avançou até a decisão. O

que acontece quando temos a convicção, mas postergamos a decisão? Os velhos impulsos, no momento postos de lado, voltam a dominar novamente (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 645).

Quando postergamos a decisão, a convicção se dilui e acabamos em uma condição ainda pior, porque não apenas somos dominados novamente pelos velhos impulsos, mas também endurecemos nossa consciência, tornamo-nos mais insensíveis à voz do Espírito Santo e nos afastamos ainda mais de Jesus.

Toda vez que passamos pelo momento da convicção e não tomamos a decisão, afastamo-nos um passo mais de Cristo. O perigo é que não sabemos em que momento poderemos dar o passo que nos afastará definitivamente dEle. Quando atingimos o “ponto sem volta”, o “limite”, do qual fala Ellen G. White, nos tornamos insensíveis à voz do Espírito Santo e selamos nosso destino. Judas cruzou esse limite sem perceber. Quando quis voltar, já era demasiadamente tarde, como ele mesmo o expressou.

É por esse motivo que a Bíblia insiste em que o momento da salvação é agora: “Eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação” (2Co 6:2). No que diz respeito à salvação, não devemos esperar até amanhã. Hoje é o dia da salvação (Hb 3:15; 4:7), porque o amanhã não nos pertence. Não compramos nosso futuro. Se hoje ouvirmos a voz do Espírito Santo, é hoje que devemos tomar a decisão de mudar.

Se Deus estiver falando a seu coração, não postergue sua decisão. Convido-o a cair de joelhos agora mesmo, diante de Deus, e tomar a decisão de mudar. Ele está mais que disposto a lhe dar o poder para viver vida vitoriosa.

Guarde em seu coração:

Qualquer área que esteja fora do controle do Espírito Santo pode contaminar e arruinar toda a vida. Tem convicção de algum pecado oculto e acariciado, contra o qual vem lutando há muito tempo e não tem conseguido abandoná-lo? Em oração, fale agora com o Senhor Jesus, expondo-Lhe as razões que têm contribuído para essa fraqueza permanente. Clame por ajuda, e ela virá.

COMO VIVER NO DIA ANTITÍPICO DA EXPIAÇÃO

Ainda me lembro do dia em que seria dada a sentença de uma ação movida contra meu irmão, devido a um grave acidente de trânsito no qual ele se envolvera. A ação durou anos e naquele dia seria dada a sentença. A espera e a ansiedade foram tremendas, visto sabermos o que estava em jogo.

Um sentimento muito mais intenso dominava o povo de Israel uma vez por ano, durante o Dia da Expição. Essa experiência era muito mais forte e fervorosa devido ao que estava em jogo: a salvação ou perdição eternas.

O Dia da Expição

Assim como já vimos, há um Santuário celestial no qual Jesus está ministrando. Esse Santuário é o “verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem” (Hb 8:1, 2). Nele Cristo atua como Sumo Sacerdote “à destra do trono da Majestade nos Céus” (8:1). Deus usou os serviços ali realizados para proclamar o evangelho (Hb 4:2). Os serviços do santuário terrestre eram “uma parábola para a época presente”, até a primeira vinda de Cristo (Hb 9:9, 10). Por meio dos símbolos e dos rituais, Deus Se propunha captar a atenção de Israel e focalizá-la no ministério sacerdotal do grande Sumo Sacerdote, Cristo Jesus.

O santuário ilustra três fases do ministério de Cristo: o sacrifício substitutivo, a mediação sacerdotal e o juízo final. A primeira fase foi cumprida na cruz, quando Cristo morreu pelos pecados da humanidade. O ministério de intercessão foi iniciado quando Ele ascendeu “à destra do trono da Majestade nos Céus”, e continua até o presente, pois Ele vive “sempre para interceder” por nós (Hb 7:25).

O sacrifício substitutivo e a intercessão eram algo que ocorria diariamente no santuário terrestre. Mas, uma vez por ano, o sumo sacerdote participava da cerimônia do Dia da Expição. Na segunda divisão do santuário, o lugar santíssimo, era realizada uma cerimônia de purificação do santuário e do povo de Deus.

A purificação do santuário requeria dois bodes, um para o Senhor e outro para Azazel. O sumo sacerdote sacrificava o bode para o Senhor e fazia expiação “pelo

santuário [equivalente ao lugar santíssimo], pela tenda da congregação [o lugar santo] e pelo altar [o pátio]” (Lv 16:20; ver também 16:16-18).

O sumo sacerdote tomava o sangue do bode para o Senhor, que representava o sangue de Cristo e o levava ao Lugar Santíssimo, para aplicá-lo diretamente no Propiciatório (a tampa da arca, que continha os Dez Mandamentos), para satisfazer os requerimentos da santa lei de Deus. Essa ação simbolizava o preço imensurável que Cristo devia pagar pelos pecados do mundo, e revelava o desejo de Deus de que o ser humano estivesse reconciliado com Ele. Em seguida, aplicava o sangue no altar de incenso e no altar dos sacrifícios, que a cada dia do ano haviam sido aspergidos com o sangue que representava os pecados confessados. Assim, o sumo sacerdote fazia expiação pelo santuário e também pelo povo, efetuando a purificação de ambos (Lv 16:16-20, 30-33).

Depois, representando Cristo como Mediador, o sumo sacerdote tomava sobre si mesmo os pecados que haviam contaminado o santuário e os transferia ao bode vivo, o Azazel, que era levado para fora do acampamento. Essa ação purificava os pecados do povo pois haviam sido transferidos simbolicamente dos crentes arrependidos para o santuário, por meio do sangue ou da carne dos sacrifícios do ministério diário de perdão. Por esse ritual, o santuário era purificado e preparado para a obra de mais um ano de ministério (Lv 16:16-20, 30-33). Era dessa forma que se fazia o acerto entre Deus e Seu povo.

Assim sendo, o Dia da Expição ilustra o processo de juízo que focaliza a eliminação do pecado. A expiação que era realizada nesse dia antecipava a aplicação final dos méritos de Cristo, que eliminarão, por toda a eternidade, a presença do pecado e obterão a reconciliação plena do Universo em um só governo harmonioso, sob a direção de Deus.

Portanto, os acontecimentos que ocorriam durante o Dia da Expição ilustram as três fases do juízo final de Deus: o juízo pré-milênio, ou seja, o juízo anterior ao advento de Cristo; o juízo durante o milênio e o juízo executivo, que ocorrerá no fim do milênio.

A profecia de Daniel 8:14, em conjunção com Levítico 16 e Apocalipse 22:10-12, nos diz que estamos vivendo no momento do antitípico Dia da Expição. A profecia das 2.300 tardes e manhãs assinala o dia 22 de outubro

de 1844 como o início do ministério sumo sacerdotal de Cristo no lugar santíssimo. Esse ministério, como já analisado, era prefigurado pela ministração do sumo sacerdote no santuário terrestre no Dia da Expição.

Preparo para o Dia da Expição

A proximidade do Dia da Expição requeria um preparo especial do povo de Israel. O próprio Deus ordenou: “Mas, aos dez deste mês sétimo, será o Dia da Expição; tereis santa convocação e afligireis a vossa alma; trareis oferta queimada ao Senhor. Nesse mesmo dia, nenhuma obra fareis, porque é o Dia da Expição, para fazer expiação por vós perante o Senhor, vosso Deus. Porque toda alma que, nesse dia, se não afligir será eliminada do seu povo. Quem, nesse dia, fizer alguma obra, a esse eu destruirei do meio do seu povo. Nenhuma obra fareis; é estatuto perpétuo pelas vossas gerações, em todas as vossas moradas. Sábado de descanso solene vos será; então, afligireis a vossa alma; aos nove do mês, de uma tarde a outra tarde, celebrareis o vosso sábado” (Lv 23:27-32).

Esse dia era dedicado a uma profunda introspecção e reflexão. Isso era feito com uma intensidade especial. Cessavam todas as atividades. O povo jejuava e dedicava-se à oração, em sincero arrependimento. “Toda esta cerimônia tinha por fim impressionar os israelitas com a santidade de Deus e o Seu horror ao pecado; e, demais, mostrar-lhes que não poderiam entrar em contato com o pecado sem se poluir. Exigia-se que, enquanto a obra de expiação se efetuava, cada homem afligisse a alma. Todas as ocupações deviam ser postas de parte, e toda a congregação de Israel passar o dia em solene humilhação diante de Deus, com oração, jejum e profundo exame de coração” (*Cristo em Seu Santuário*, p. 93).

De igual forma, hoje vivemos no grande dia antitípico da Expição. Assim como era requerido dos israelitas que afligissem seu coração nesse dia, Deus requer que Seu povo hoje experimente um arrependimento sincero do coração. Todos os que desejam manter seu nome no Livro da Vida devem acertar contas com Deus e com seus semelhantes durante esse tempo em que se está realizando o juízo de Deus (Ap 14:7).

Deus espera o mesmo de Seu povo hoje. Ellen G. White declarou: “Cristo está purificando o Templo

celestial [Hb. 9:23] dos pecados do povo, e devemos trabalhar em harmonia com Ele na Terra, purificando o templo da alma de sua contaminação moral” (“The Danger of Talking Doubt”, *Review and Herald*, 11 de fevereiro de 1890, p. 81).

Em consonância com a purificação que Cristo está realizando no Santuário celestial agora, espera-se que, por Seu poder, purifiquemos o templo da alma de toda a contaminação moral, de toda a mancha do pecado.

Há crentes que vivem agora como se a vida fosse uma “festa”, desperdiçando os recursos e tempo em atividades sem sentido, muitas delas até mesmo pecaminosas. Não há dúvida de que devemos experimentar a alegria cristã em nossa vida, mas devemos estar plenamente conscientes de que estamos vivendo no Dia antitípico da Expição e, portanto, estar “em solene humilhação diante de Deus, com oração, jejum e profundo exame de coração” (*Cristo em Seu Santuário*, p. 93). Não há margem para perda de tempo. Não podemos permanecer alheios ao que está acontecendo no santuário celestial. Nosso estilo de vida deve estar em harmonia com os tempos proféticos nos quais estamos vivendo.

Em oração, agora mesmo você pode pedir perdão por seus pecados e reivindicar as promessas de Deus. Acima de tudo, reivindique aquelas que prometem o poder do alto para vencer todo hábito pecaminoso, todo pensamento impuro, toda mancha de pecado que possa estar contaminando sua vida.

Isso é viver de forma cabal o antitípico Dia da Expição.

Guarde em seu coração:

“Precisamos orar agora como nunca oramos anteriormente. Estamos vivendo no grande dia da expiação, e devemos confessar nossos pecados e fazer diligente esforço em prol do arrependimento” (*Este Dia Com Deus*, MM 1980, p. 334).



William de Moraes

AGUARDANDO PARA BREVE A SEGUNDA VINDA DE CRISTO



A segunda vinda de Cristo segue sendo o centro da fé adventista. Essa esperança está presente em tudo o que fazemos e cremos como igreja. O pensamento de que veremos em breve o Senhor Jesus dá-nos o sentido de iminência e urgência para cumprir a tarefa que nos foi encomendada por Deus.

Depois de instruir os discípulos com respeito aos sinais que anunciariam Sua segunda vinda (Mt 24:1-42), Jesus centralizou-Se no pensamento de que devemos vigiar, orar e estar prontos para esse momento (Mt 34:43-51; 25:1-13). Porém, Jesus também deixou claro que essa não seria uma espera passiva, tampouco improdutiva. Em seguida, passou a narrar várias parábolas centralizadas na forma pela qual devemos esperar a segunda vinda.

Na parábola dos talentos (Mt 25:14-30), Jesus enfatizou a obrigação que temos, como crentes, de colocar nossos dons ao serviço do Mestre. Não devemos esperar a segunda vinda sentados, nem enterrar nossos talentos. Jesus quer que O sirvamos com tudo o que possuímos: tempo, dinheiro e dons.

Novamente é mencionado que haverá apenas duas classes de pessoas quando Cristo voltar. Aos que colocaram seus dons a serviço de Deus, Jesus dirá: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor” (Mt

25:21). Aos que, de forma egoística, enterraram seus dons Jesus dirá: “Servo mau e negligente, sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei? Cumpria, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu. Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem dez. Porque a todo o que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes” (Mt 25:25-30).

Na parábola seguinte, Jesus detalhou um pouco mais o que significa esperar pela segunda vinda pon-do nossos dons à disposição de Deus (Mt 25:31-46). Com a parábola das ovelhas e dos cabritos, Jesus esclareceu que esta deveria ser uma espera ativa e produtiva, centralizada na preocupação pelos demais.

Outra vez as pessoas são divididas em dois grupos. De um lado, ficam as ovelhas que, ao mesmo tempo em que velam e oram com o fim de estar preparadas para a volta de Cristo, alimentam os famintos, visitam os enfermos e vestem ao nu. Ou seja, pregam o evangelho por palavra e preceito. A esses Jesus dirá em Sua segunda vinda: “Vinde, benditos de Meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mt 25:34).

Por outro lado, aqueles que enterraram seus dons, que não se preocuparam com a salvação dos demais, que não alimentaram o faminto, irão ouvir dos próprios lábios de Jesus: “Apartai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25:41).

O ensino é claro e direto: há apenas uma forma correta de esperar pela segunda vinda: estar ativo no serviço a Deus mediante a proclamação do evangelho e a preocupação com os semelhantes.

Apressar a vinda de Jesus

Ao participar ativamente na pregação do evangelho, não apenas estaremos esperando a segunda vinda, mas também iremos apressá-la (2Pe 3:12). Ellen G. White afirma: “Dando o evangelho ao mundo, está em nosso poder apressar a volta de nosso Senhor. É privilégio de todo cristão, não só aguardar, mas mesmo apressar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Se todos os que professam o Seu nome estivessem produzindo fruto para Sua glória, quão rapidamente seria lançada em todo o mundo a semente do evangelho! Depressa amadureceria a última seara, e Cristo viria para juntar o precioso grão” (*Evangelismo*, p. 697).

A espera ativa do povo de Deus não apenas tem o propósito de fazer com que os filhos de Deus cresçam espiritualmente e de salvar o maior número de pessoas, mas também colabora para a aproximação, no tempo, do reino de Deus. De fato, a vinda do Senhor “não será retardada para além do tempo em que a mensagem for levada a todas as nações, línguas e povos” (*Ibid*, p. 697).

A vitória está perto

Os sinais da breve volta de Cristo estão se cumprindo ao nosso redor. As profecias nos dizem que temos o privilégio de estar vivendo as últimas horas da história deste mundo. Mas não fomos privilegiados para permanecer como meros espectadores. Temos o privilégio de ser protagonistas do desenlace final do grande conflito. Esse privilégio implica em responsabilidade. Devemos proclamar as mensagens dos três anjos a um mundo que perece no erro.

“Porque, ainda dentro de pouco tempo, Aquele que vem virá e não tardará” (Hb 10:37). Exige-se de

nós que apresentemos essa última mensagem que sacudirá a Terra; depois a vitória virá.

“A obra está prestes a concluir-se. Os membros da igreja militante que se houverem demonstrado fiéis, tornar-se-ão a igreja triunfante” (*Carta 32*, 1892).

“É chegado o tempo em que, por intermédio dos mensageiros de Deus, o rolo do livro se abrirá ao mundo. A verdade contida na primeira, segunda e terceira mensagens angélicas, tem de ir a toda nação, tribo, língua e povo; ela deve iluminar as trevas de todo continente, e estender-se às ilhas do mar. Não deve haver dilação nessa obra. Nossa divisa deve ser: Para a frente, sempre para a frente! Anjos do Céu irão adiante de nós, a preparar-nos o caminho. Nosso cuidado pelas regiões distantes nunca poderá ser deposto enquanto a Terra inteira não for iluminada com a glória do Senhor” (*Ibid*, p. 707).

Este deve ser nosso pedido diário: “Quero cumprir a tarefa que o Senhor me confiou. Quero apressar Sua vinda. Senhor, que eu receba poderosamente Teu Santo Espírito em minha vida para me tornar um arauto da Tua vinda. Amém”.

E quando o Rei dos reis e Senhor dos senhores vier com Seus santos anjos, em glória e majestade, poderemos ouvir: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor” (Mt 25:21).

Aguardem o SEE V – Sacerdotes Ministrando no Altar da Família

Vamos trabalhar a família como instituição responsável por gerar membros espirituais. Como desenvolver e consolidar o hábito de que sou um sacerdote designado por Deus para ministrar à igreja da família. Ore para que o Espírito Santo possa dirigir a mente daqueles que irão trabalhar nesse projeto.

A maioria da igreja na DSA tem sido abençoada por esse movimento.

Você já está integrado a essa maioria?

No plano profético, quando a maioria buscar ao Senhor habitualmente então o Espírito Santo será deramado em profusão.

Ficar entre a minoria é pôr em perigo seu destino eterno.

Não perca tempo, se inscreva e comece com o SEE I.

Bênçãos Diárias

Anote as coisas extraordinárias que Deus está fazendo em sua vida ao longo da jornada.

Handwriting practice area consisting of two columns of horizontal lines. The left column contains 20 lines, and the right column contains 20 lines, providing space for daily journaling.

Blank lined paper with horizontal lines for writing.





Enriquecimento Espiritual
Todos Integrados para Salvar e Anunciar
que a *Esperança é Jesus*

